

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E  
DA NATUREZA

DEIVED OLIVEIRA

AMBIENTE VIRTUAL E LITERATURA:  
UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM A OBRA *O  
CORTIÇO*

DISSERTAÇÃO

LONDRINA  
2015

DEIVED OLIVEIRA

AMBIENTE VIRTUAL E LITERATURA:  
UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM A OBRA O CORTIÇO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do grau de “Mestre em Ensino de Ciências Humanas” - Área de concentração: Ensino, Ciências e Novas Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Cesar Menon

LONDRINA  
2015

## TERMO DE LICENCIAMENTO

Este produto educacional está licenciado sob uma Licença Creative Commons atribuição uso não- comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma mensagem para o endereço de correspondência eletrônica [deivedoliveira@yahoo.com.br](mailto:deivedoliveira@yahoo.com.br).



Este projeto foi selecionado pela Bolsa de Fomento à Literatura da Fundação Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura



MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca UTFPR – Campus Londrina

048a Oliveira, Deived

Ambiente virtual e literatura: uma proposta de sequência didática com a obra O Cortiço / Deived Oliveira. - Londrina: [s.n.], 2015.  
138f. : il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Cesar Menon

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná.  
Programa de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Londrina, 2015.

Bibliografia: f. 132-138

1. Leitura. 2. Jogos Eletrônicos. 3. Literatura – Estudo e Ensino. I. Menon, Maurício Cesar, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. III. Programa de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. IV. Título.

CDD: 507



**Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná Câmpus Londrina**  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS**



**TERMO DE APROVAÇÃO**

Título da Dissertação Nº  
Ambiente virtual e Literatura:  
Uma proposta de sequência didática com a obra *O Cortiço*

por  
Deived Oliveira

Esta dissertação foi apresentada às 09 horas do dia 27 de junho de 2015 como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS, área de concentração Ensino, Ciências e Novas Tecnologias, linha de pesquisa Fundamentos e Metodologias para o Ensino de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo citados.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suely Leite  
(UEL)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilu Martens Oliveira  
(UTFPR)

---

Prof. Dr. Maurício Cesar Menon  
Orientador (UTFPR)

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza.

**À Inês de Arruda,  
mulher forte que sempre me  
sugeriu os melhores caminhos nas guerras cotidianas.**

## **AGRADECIMENTOS**

**À companheira de todas as ideias e lutas, Cely Kaori Hirata, pessoa especialíssima que ilumina os caminhos por onde passa;**

**À Nina e Eduardo Hirata pelo apoio incondicional;**

**À minha família, base para os momentos tranquilos e turbulentos da vida.**

**Ao professor Dr. Maurício Cesar Menon, pelas riquíssimas sugestões e orientação;**

**Aos professores do Programa de Pós-Graduação da UTFPR câmpus Londrina, Marilu e Alessandra, Givan, Alcides, Ariovaldo e David, mestres que enfrentaram longos dias para compartilhar sua sabedoria de maneira a proporcionar meu crescimento ao longo do curso;**

**Aos amigos que me incentivaram nessa caminhada árdua: Luciana Marinho de Fátima Evangelista, grande mestre que me guiou pelos rumos da História; Leni Aparecida da Silva, parceira de projetos com seus valiosos incentivos;**

**Aos amigos-irmãos que me deram as mãos para que fosse possível cruzar a linha de chegada: Neuton (e toda família Liz), sem vocês esta conquista não seria possível; Denise da Silva de Oliveira, com seus cuidados de irmã (somos também no nome); Anieli de Fátima Miguel, parceira nas horas das leituras e compartilhamento de ideias literárias nos espaços físicos e virtuais;**

**Às “amidinhas” Débora Maria Proença, com sua garra de mulher que luta por seus ideais, e Débora Graciela Radenti, irmã argentina que adotou o Brasil como lar;**

**A todos os companheiros de curso que com suas experiências de vida e conhecimento tornaram mais prazerosos os nossos encontros dentro e fora da universidade;**

**Agradeço também a todos os funcionários da UTFPR e do restaurante, pessoas que tornam possível o funcionamento da instituição;**

**Aos profissionais da Escola Estadual Professor José Carlos Pinotti, pela oportunidade de compartilhar esta pesquisa com os seus aprendizes.**

**Aos professores dos Colégios Estaduais Marcelino Champagnat e Newton Guimarães, de Londrina/PR, que contribuíram com a pesquisa com suas entrevistas.**

**Aos professores que indiretamente estão ligados à conclusão deste estudo, aqueles que desde o meu primeiro dia em uma escola acreditaram na capacidade do ser humano e dedicaram suas vidas à educação (vocês são o amor pelo Brasil!) em um país no qual transbordam injustiças e indiferenças para com estes profissionais e com o ambiente escolar, este que é um dos pilares para a construção de um país sólido.**



*Nós sabemos que hoje os meios materiais necessários para nos aproximarmos desse estágio melhor existem, e muito do que era simples utopia se tornou possibilidade real.*

Antonio Candido (1995)

## RESUMO

OLIVEIRA, Deived. Ambiente virtual e Literatura: uma proposta de sequência didática com as obras *Dez dias de cortiço* e *O Cortiço*. 2015. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2015

Este trabalho apresenta uma sequência didática para o componente curricular de Literatura, da disciplina de Língua Portuguesa, com base nos estudos de Rildo Cosson (2007), publicados em *Letramento Literário: teoria e prática*, e no uso das novas tecnologias da informação e comunicação, pois almeja contribuir com o trabalho docente em uma aproximação maior entre estudantes dos ensinos fundamental e médio e os textos literários por meio de ferramentas eletrônicas e de ambientes virtuais da rede mundial de computadores. Pautando-se nos grandes desafios do ambiente escolar na contemporaneidade, propõe-se uma alternativa em que o ambiente virtual, presença indispensável ao homem atual, possa colaborar com as finalidades educativas preconizadas pelo ensino de literatura. Assim, a sequência didática pretende contribuir para o encaminhamento dos estudantes do ensino fundamental para a leitura do livro *Dez Dias de Cortiço*, de Ivan Jaf (2008), e na aproximação entre os estudantes do ensino médio e a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (2010), partindo da leitura da transposição deste, disponível na *internet* em formato de jogo eletrônico. Como suporte temático, objetivando encaminhar os estudantes para a leitura da narrativa original de Azevedo, sugere-se a investigação das relações estabelecidas entre este romance e outros gêneros literários que tenham como tema a adolescência e seus conflitos. Como aporte teórico para o trabalho dos professores com a obra do período Realista-Naturalista foram de grande importância as contribuições de Antonio Candido (1995), que aponta para o papel humanizador da literatura, a preocupação de Italo Calvino (2007) quanto à manutenção do acesso aos clássicos da literatura em tempos de mudanças no campo tecnológico, assim como as ponderações de Zygmunt Bauman (2001) sobre a chamada “Modernidade Líquida”, entre outros autores que embasam o presente estudo.

Palavras-chave: Literatura. Leitura literária. Jogo eletrônico *O Cortiço*. Sequência Didática. Tecnologias da Informação e Comunicação.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Deived. Virtual environment and Literature: A proposal for a teaching sequence with the book *Dez dias de cortiço* and the opus *The Slum*. 2015. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2015

This paper proposes a teaching sequence for the curricular component of Literature, of the Portuguese Language course, based on studies of Rildo Cosson (2007), published in *Letramento Literário: teoria e prática*, and in the use of new information and communication technologies, as it aims to contribute to the teaching work in a closer relationship between students of primary and secondary education and literary texts through electronic tools and virtual environments of the world wide web. Guided by the challenges of the contemporary school environment, it is proposed an alternative in what the virtual environment, with its indispensable presence to the current man, can contribute to the educational goals recommended by the teaching of literature. Thus, the didactic sequence aims to contribute to the guidance of elementary school students for the reading of the book *Dez dias de cortiço*, of Ivan Jaf (2008), and the closeness between high school students and the opus *O Cortiço*, of Aluísio Azevedo (2010), starting by reading the transposition of the book, available online in video game format. As theme support, aiming to conduct the students to the original Azevedos's narrative, it suggests the investigation of the relations among this novel and other literary genres that have the theme of adolescence and its conflicts. As theoretical contribution to the work of teachers with the book of the Realistic-Naturalist period there are very important contributions of Antonio Candido (1995), which points to the humanizing role of literature, the concern of Italo Calvino (2007) for the maintenance of access to the classics of literature in times of changes in the technology field, as well as the weights of Zygmunt Bauman (2001) on the called "liquid modernity", among other authors that support this study.

Keywords: Literature. Literary reading. Teaching sequence. Information and communication technologies.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Barra de endereços do navegador para internet Mozilla Firefox.....	75
Figura 2: Página inicial do sítio eletrônico Livro e Game.....	97
Figura 3: Transposição da obra <i>O Cortiço</i> .....	98
Figura 4: Atalhos para a transposição da obra <i>O Cortiço</i> .....	99
Figura 5: <i>O Cortiço</i> em quadrinhos .....	100
Figura 6: Questionário (“quizz”) - chave de acesso ao jogo eletrônico.....	101
Figura 7: Empréstimo financeiro - escrava Bertoleza.....	102
Figura 8: Jogo <i>O Cortiço</i> - habitação e espaço geográfico.....	103
Figura 9: Problemas de saneamento básico .....	103
Figura 10: Conflitos sociais .....	104
Figura 11: Reforma do cortiço .....	105
Figura 12: Finalização do jogo .....	106
Figura 13: Charge satírica sobre o Brasil .....	110
Figura 14: Administração financeira do cortiço.....	112
Figura 15: Foto da favela de Paraisópolis .....	113
Figura 16: Software HagáQuê – criador de histórias em quadrinhos .....	133
Figura 17: Software Kdenlive – editor de vídeos gratuito .....	134

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. LEITURA LITERÁRIA.....	16
1.1 Sociedade e tecnologia .....	18
1.2 Tecnologia no ambiente escolar .....	26
1.3 Ensino de Literatura na era da informação.....	35
1.4 Ler O Cortiço na contemporaneidade?.....	39
2. REALISMO E NATURALISMO NO SÉCULO XIX .....	43
2.1 Aluísio Azevedo .....	45
2.2 A obra O Cortiço .....	51
2.2.1 O cortiço de São Romão .....	58
2.2.2 Adolescentes e Jovens em <i>O Cortiço</i> – um tema para sala de aula? .....	62
3. DO MAR DE INFORMAÇÃO AO CORTIÇO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	70
3.1 Textos, recursos e materiais escolhidos para a sequência.....	71
3.1.1 Quais técnicas são necessárias para a aplicação desta sequência didática?.....	74
3.2 Objetivos .....	79
3.2.1 Justificativa.....	79
3.2.2 Problema.....	82
3.2.3 Hipóteses .....	82
3.2.4 Metodologia.....	83
3.3 Primeira etapa: motivação – Conhecendo sobre o destino (6 aulas) .....	83
Tinha uma Favela no meio do Caminho.....	90
3.4 Acesso ao sítio eletrônico.....	93
3.5 Segunda etapa: Introdução – professores e estudantes navegantes (4 aulas) .	105
3.6 Terceira etapa: Desenvolvimento da sequência básica – Cortiços reais e virtuais (10 aulas) .....	107
3.7 Quarta etapa: A sequência expandida .....	112
3.8 Quinta etapa: Avaliação (4 aulas).....	126
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	129
REFERÊNCIAS.....	132

## INTRODUÇÃO

A atemporalidade de um livro faz com que o seu autor esteja vivo entre nós mesmo após mais de um século de sua morte. Assim, entre a data da publicação da obra-prima *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e os nossos dias muitas mudanças ocorreram no mundo e no Brasil, como se é possível notar nos campos social, cultural, político e, principalmente, no tecnológico.

No entanto, embora tenha transcorrido todo esse tempo desde a sua publicação, e a sociedade tenha evoluído nos aspectos apontados, muitas das características existentes na sociedade do final do século XIX retratadas pelo autor continuam latentes em nosso país, o que dá ao texto uma característica contemporânea por trazer para os nossos dias a vida do trabalhador brasileiro daquela época e o meio social no qual vivia.

Atestando essa atemporalidade e contemporaneidade de Azevedo há as transposições de seu trabalho para diferentes formatos, como o livro voltado ao público adolescente *Dez dias de cortiço*, de Ivan Jaf (2008), e um jogo eletrônico desenvolvido para computador com base na narrativa original, que pode ser encontrado na *internet*, no qual o leitor interage com o espaço representado na narrativa construindo um cortiço virtual e administrando os recursos financeiros de uma das personagens.

Entre as diversas ações de transpor para os ambientes virtuais livros da literatura mundial, essa iniciativa brasileira estimula o contato de estudantes com os clássicos, ao mesmo tempo em que oportuniza o conhecimento sobre importantes criações literárias nacionais que retratam o país em diferentes épocas, assim como oportuniza o desenvolvimento de estratégias de trabalho docente no letramento literário.

Para ancorar a atual proposta de prática de leitura literária no ambiente escolar pretende-se partir do contato dos estudantes com a transposição do livro *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, disponível em formato de jogo eletrônico e acessível em ambiente virtual por meio de um endereço eletrônico.

Esta proposta visa instrumentalizar o professor e colaborar para o encaminhamento dos estudantes do ensino fundamental para a leitura do livro *Dez dias de cortiço*, de Ivan Jaf (2008), por se tratar de literatura infantil/juvenil e, no caso dos estudantes do ensino médio, orientá-los quanto à leitura do texto original do livro

O *Cortiço*, de Aluísio Azevedo (2010).

Dessa maneira, por se tratar de um trabalho voltado ao contato dos envolvidos nesse processo com as tecnologias digitais, o primeiro capítulo traz um panorama sobre o uso das diferentes ferramentas de apoio ao ensino em seus distintos momentos da história de maneira a elucidar o trabalho docente no contexto do uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula.

De modo a organizar uma visão sistemática desses diferentes períodos no Brasil, esse capítulo aborda também as transformações pelas quais passaram as instituições de ensino com as descobertas e inserção de tecnologias no ambiente escolar e a relação delas com conhecimentos teóricos e práticos para o trabalho com os diversos suportes de texto.

Essa abordagem sobre os aspectos técnicos visa possibilitar ao professor avançar para o estudo dos textos literários na contemporaneidade, pois se propõe pensar sobre o ensino de Literatura na era da informação e as interferências que essas tecnologias têm no ambiente escolar com o resgate de apontamentos teóricos, como os de Italo Calvino (2007) e Antonio Candido (2000), em especial sobre o papel humanizador da Literatura, apontado por este para tratar da urgência de se pensar estratégias de aproximação entre estudante e obras literárias de maneira a possibilitar que ele reflita sobre o seu papel em uma sociedade altamente desenvolvida tecnologicamente.

Por ser a área tecnológica, em específico a da informática, distinta dos estudos literários, este trabalho traz alguns conceitos basilares para que seja possível entendê-la como suporte contemporâneo e meio de circulação dos textos produzidos pela sociedade, pretendendo servir como uma contribuição para o conhecimento técnico do professor que queira utilizar tais ferramentas como suportes dos textos e possibilitar aos estudantes uma seleção criteriosa do que leem nesses novos suportes textuais.

Além disso, aponta algumas previsões de autores que abordam o uso dos recursos tecnológicos em atendimento às recomendações de órgãos reguladores do ensino no país, como o Ministério da Educação, assim como elenca apontamentos feitos por organizações mundiais sobre o tema, como é o caso da UNESCO.

Para o embasamento teórico-literário, o segundo capítulo é reservado à abordagem sobre o Realismo-naturalismo oriundo de pesquisa bibliográfica descritiva que teve por referência a *História concisa da literatura*, de Alfredo Bosi

(1965); *Por que ler os clássicos*, de Italo Calvino (2007); *Literatura para quê?*, de Antoine Compagnon (2009); *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho (1969), e distintos estudos de Antonio Candido, tais como *Presença da literatura brasileira: do Romantismo ao Simbolismo* (1978), *De cortiço a cortiço* (1991), *O Direito à literatura* (1995), *Literatura e sociedade* (2000) e *A Educação pela noite* (2011).

Importante para a análise composicional literária proposta para o trabalho docente, o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2014), aclarou os estudos das diferentes representações existentes nas criações artísticas.

Também contribuíram para a pesquisa a *Revista de História* da Biblioteca Nacional, órgão vinculado ao Ministério da Cultura do Brasil, e sua hemeroteca digital, que disponibiliza, entre outros, o jornal *O Mequetrefe* (1877), que serviu de fonte de consulta sobre uma das charges satíricas criadas por Aluísio Azevedo enquanto jornalista e na Tese de Doutorado intitulada *Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas* (2015), de Angela M. R. Fanini.

Para realizar os apontamentos sobre o autor de *O Cortiço*, o estudo centrou-se em *Aluísio Azevedo: uma vida de romance*, de Raimundo de Menezes (1957); na análise de Maurício Cesar Menon presente na *Revista de Literatura, História e Memória* (2014) e em *Impressões de Aluísio: conhecimento prático de literatura*, de Roberto Sarmiento Lima (2014).

De maneira a contextualizar o recorte temporal do trabalho foram consultadas as fontes *História geral da civilização brasileira*, de Sérgio Buarque de Holanda (1972), que retrata o Brasil do final do século XIX; *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil* (1990) e *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi* (1987), ambas de José Murilo de Carvalho, sobre o momento histórico de transição entre o sistema político monárquico e o republicano no Brasil, conectando a temática desses livros à *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman (2001), com tradução de Plínio Dentzien, que traz uma leitura sobre as mudanças contemporâneas.

Objeto principal desta pesquisa, a sequência didática disponível no capítulo três baseia-se em *Letramento literário – teoria e prática*, de Rildo Cosson (2007), e traz uma proposta de análise temática que centra a representação das personagens adolescentes e o meio em que vivem, assim como a representação de seus dilemas, traçando um paralelo com a vida de adolescentes da contemporaneidade.

Tal estratégia pretende possibilitar ao leitor jovem identificar-se na e com a literatura de maneira a refletir sobre o governo de si e sobre o mundo no qual vive

enquanto agente de transformação.

Para a aplicação da referida sequência didática contribuem para a prática docente documentos oficiais, tais como a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; os Parâmetros Curriculares Nacionais (2014), além de autores como Silvia Castrillón (2014), Claudia Finger-Kratochvil (2009), Paulo Freire (2001), Álvaro A. Garcia (2015), Edgar Murano (2015), Antonio V. Neto (2007), Graça Paulino (1995), Eliana F. M. Rangel (2015), Paulo R. M. Ribeiro (1993), Dermeval Saviani (2008), Lev. S. Vigotski (2007), entre outros.

Esse capítulo propõe que se parta do uso do endereço eletrônico no qual estão os conteúdos da obra de Azevedo transpostos para o formato digital, como a HQ e o jogo eletrônico visando despertar a curiosidade dos estudantes para buscar a obra original; nele também se encontram os textos auxiliares que serão somados ao trabalho docente para estímulo à curiosidade dos estudantes.

A referida sequência didática é baseada na divisão do trabalho em etapas e nas diferentes contextualizações sobre o texto estudado de modo que ao estudante seja possível perceber a proximidade entre a narrativa e sua realidade.

Para que seja possível ao professor acompanhar o processo de leitura e a interpretação dos estudantes, conta ainda com uma proposta de avaliação das atividades de leitura literária. Trata-se de propor aos estudantes a criação de uma narrativa que dê a cada personagem da obra um desfecho diferente do escolhido pelo autor do livro, o que poderá ser feito por meio de produção textual em papel ou em meio eletrônico.

## 1. LEITURA LITERÁRIA

Ler é um dos primeiros passos para que se tenha acesso à interpretação do mundo.

Navegar pela imaginação apoiando-se em um livro impresso ou “surfando” na rede mundial de computadores são ações que possibilitam aos alunos abstraírem diferentes significados a partir do contato com os diferentes gêneros textuais.

Desde que o homem desenvolveu sua tecnologia basilar, a escrita, ele aperfeiçoou a capacidade de se comunicar através de sua língua com seus pares e com as gerações futuras para transmitir seus conhecimentos e possibilitar a abertura das portas não apenas de sua percepção como também oportunizar aos seus sucessores o aperfeiçoamento e a continuidade de suas descobertas.

Como forma maior da expressão de uma língua escrita, a Literatura possibilita ao homem inúmeras sensações, níveis de informação e entendimento do mundo no qual vive por meio da fruição estética da palavra.

Esse contato entre ser humano e a língua escrita foi aperfeiçoado ao longo do tempo com o apoio de invenções que possibilitaram que textos anteriormente manuscritos pudessem ser reproduzidos em escala cada vez maior, levando as impressões a um número maior de pessoas, o que desenvolveu gradativamente sua habilidade de leitura.

Contemporaneamente, a chamada era da informação e seu avanço na área da comunicação digital levaram para o suporte eletrônico textos, imagens e sons, misturando todos esses gêneros e dando-lhes velocidade cada vez maior tanto na criação quanto na divulgação do que antes circulava em sua maior parte no formato impresso e estático, sendo apresentados às pessoas com a facilidade de um clique, de modo que os estudantes possam transitar entre os diferentes suportes do texto.

Em meio a uma profusão de aparelhos eletrônicos e seus aplicativos, os “gadgets”, a leitura literária tem disputado a atenção dos estudantes com o suporte eletrônico. Como aponta Álvaro Andrade Garcia (2011), “a leitura em telas passou a fazer parte do nosso cotidiano, roubando-nos o tempo dedicado aos livros em papel, ao mesmo tempo em que a leitura passa por transformações e sofre a concorrência direta de outras atrações midiáticas cada vez mais presentes nos computadores”.

Essa imensa quantidade de dados que trafega pela rede mundial de

computadores oferece aos indivíduos infinitas oportunidades de entretenimento e de relacionamentos por meio de sistemas interligados e de redes sociais.

O uso desses aparelhos eletrônicos se expandiu por todos os setores da sociedade, os quais estão também nas escolas, espaço social de onde suscitam discussões sobre seu uso (ou não) dos aparelhos por parte dos estudantes e dos profissionais da educação. Isso tem gerado conflitos entre estudantes, professores e demais membros da comunidade escolar, provocando, por vezes, até a intervenção de câmaras municipais com a criação de leis que regulamentam o uso de certas tecnologias em sala de aula.

Todas essas mudanças aparentes revelam a transformação contínua pela qual passa a sociedade quando da interação entre o homem e as ferramentas tecnológicas de seu tempo. Logo, trazem aos setores da criação e transmissão de conhecimento o desafio de somar o uso desses aparatos e sua contribuição aos saberes já produzidos pela humanidade.

Desse modo, nota-se que o debate sobre o uso dessas novas ferramentas também pode ocorrer no espaço escolar, uma vez que isso possibilita chegar a acordos de como administrar tais recursos de maneira a transformar em conhecimento os dados que circulam por esses aparelhos, permitindo que se possa dar continuidade e ampliação aos saberes humanos.

Almejando diminuir a distância entre o estudante e as obras literárias, ao mesmo tempo em que se aproveita a potencialidade dos aparelhos eletrônicos e da transmissão de dados pela *internet*, inúmeras iniciativas têm sido empreendidas na área de criação de conteúdos digitais com base na literatura nacional, oportunizando ao estudante que acessa seus textos no suporte eletrônico o contato com obras de arte criadas em diferentes épocas no país.

A possibilidade de unir o ensino de literatura ao conhecimento tecnológico em informática para que se garanta o acesso aos textos literários de maneira que os estudantes possam se beneficiar da fruição artística da literatura nacional e, ao mesmo tempo, oferecer aos professores de Língua Portuguesa um material de apoio, são os objetivos deste trabalho, o qual apresenta uma sequência didática como ferramenta estratégica de aproximação entre estudantes e obras.

Pretende-se incentivar os estudantes a iniciarem a leitura literária em um endereço eletrônico da rede mundial de computadores, o qual disponibiliza conteúdos transpostos para o formato de histórias em quadrinhos e jogos eletrônicos baseados em obras primas da literatura brasileira, indicar-lhes outros gêneros

textuais que apresentem a adolescência como tema, de modo que os aproxime da representação das personagens adolescentes presentes na obra *O Cortiço* e, assim, sugerir-lhes a leitura da obra de Azevedo e o estudo sobre o Naturalismo e Realismo do final do século XIX no Brasil.

### **1.1 Sociedade e tecnologia**

O ser humano tem desenvolvido, historicamente, tecnologias para o aprimoramento de sua atividade de trabalho, seja no cultivo de alimentos, na confecção de roupas, na fabricação de máquinas para a melhoria na produção de bens de consumo, na área de serviços e para muitas outras finalidades, buscando novos conhecimentos de modo a interagir socialmente na obtenção de recursos que possibilitem conforto e entretenimento no meio em que vive.

Paralelamente à busca de novas ferramentas houve o aprimoramento da organização social, política e geográfica das sociedades, fazendo com que a especialização das diferentes atividades de trabalho e a setorização do conhecimento distanciasse a maior parte dos indivíduos dos processos criativos e das técnicas necessárias ao desempenho de tarefas para manutenção do seu meio de convívio.

Tal divisão social do trabalho fez com que as pessoas desempenhassem trabalhos cada vez mais especializados na busca por aprimoramento das técnicas necessárias às atividades de sua área de atuação, acarretando numa cristalização dos comportamentos e mecanização no uso de ferramentas e técnicas.

Essa cristalização faz com que o homem, ao deparar-se com novos instrumentos de trabalho, discuta e crie perspectivas positivas e negativas quanto ao uso deles em decorrência das mudanças que geram nos espaços onde são inseridos, pois afetam sistemas de crenças e costumes precedentes.

Fato que ocorre em diferentes momentos, principalmente em fases de transição entre paradigmas sociais, proporciona o abalo de variados setores sociais, por se tratar de ideias e propostas muitas vezes surgidas hierarquicamente e a partir de ambientes externos aos quais essas técnicas propõem melhorar.

De modo a entender como a organização escolar tem sido reconfigurada através dos tempos em decorrência dos diferentes paradigmas de sociedade na qual

está inserida, e por assumir um papel de espaço privilegiado das relações entre homem e sociedade, tais discussões almejam decifrar se as ferramentas utilizadas neste ambiente, assim como o seu conjunto de técnicas, seriam facilitadores de acesso e manutenção do conhecimento acumulado pela humanidade.

Além dos aspectos mencionados anteriormente, para que se possa refletir sobre o uso das tecnologias em ambiente escolar em uma determinada época, também é importante que se leve em consideração as relações entre os interesses hegemônicos nas relações entre os países e as diferentes configurações que o ambiente escolar tomou através dos momentos históricos.

Sendo o sistema educacional brasileiro inicialmente subordinado à Portugal por se tratar de uma colônia de exploração, as atitudes tomadas pelos administradores daquele país afetavam diretamente as escolas na colônia, como apresenta Marçal Ribeiro (1993) sobre a primeira metade do século XVIII em relação às mudanças propostas por Marques de Pombal,

[...] faz uma série de reformas educacionais que repercutiram no Brasil. Tirou o poder educacional da Igreja e colocou-o nas mãos do Estado, criando assim, um ensino pelo e para o Estado. Porém, mesmo após a expulsão dos jesuítas, em 1759, e a instauração das Aulas Regias, a situação não mudou, pois o ensino continuou enciclopédico, com objetivos literários e com métodos pedagógicos autoritários e disciplinares, abafando a criatividade individual e desenvolvendo a submissão às autoridades e aos modelos antigos.

A reforma educacional apontada pelo autor ocorreu em uma época em que a Europa passava pelos primeiros movimentos de industrialização e, conseqüentemente, necessitava preparar os indivíduos para a vida nesse modelo de organização econômica e social. Vale ressaltar que, enquanto aquela região se industrializava, o Brasil ainda mantinha o modelo agrário escravocrata, o que viria a mudar paulatinamente após a abolição dos escravos, em 1888, ou seja, mais de um século depois.

Além dela, outras mudanças ocorreram no sistema educacional, como a implantação do Código Epiácio Pessoa, em 1901, que regulamentava o funcionamento das escolas particulares e os processos de avaliação dos estudantes, desoficializando o ensino.

Também, a Reforma Rivadária, interferindo, principalmente, no ensino de línguas, em 1911, a qual “retoma a orientação positivista, tentando infundir um

critério prático ao estudo das disciplinas, ampliando a aplicação do princípio de liberdade espiritual ao pregar a liberdade de ensino” o que, segundo Ribeiro (1993, p.77) não obteve sucesso, acarretando em outras reformas.

Ainda, a de Carlos Maximiliano, em 1915, fez com que as instituições de ensino secundário e superior voltassem à condição de estabelecimentos oficiais e instituiu os vestibulares, reorganizando o ensino na República; a de Luiz Alves/Rocha Vaz, de 1925, que tornou o currículo escolar seriado, implantou um programa oficial, restituiu as bancas que avaliavam os estudantes do ensino particular e organizou o Departamento Nacional de Ensino.

Em seguida, em 1931, a reforma de Francisco Campos reestruturou o ensino superior com a implantação do Estatuto das Universidades, o que oportunizou a formação de professores secundários e a divisão do ensino secundário em cinco anos de estudo básico e dois anos para o ensino as disciplinas preparatórias para as especializações que ocorreriam posteriormente.

Já a Reforma de Gustavo Capanema foi responsável pela divisão do ensino básico em dois ciclos: o Ginásio e o Clássico Científico. Este, com o objetivo de formar integralmente a personalidade do estudante, assim como sua consciência patriótica e humanística.

No decorrer do período em que o Brasil passava por inúmeras mudanças no campo econômico e social com a transição entre um modelo oligárquico e o sistema regido pela industrialização e a ascensão da burguesia, outros fatores influenciavam a educação: “o Tenentismo, o Partido Comunista, a Semana de Arte Moderna, as linhas de pensamento filosófico dos escolanovistas e dos católicos, vão ser incorporados à educação e influenciarão toda a organização escolar neste período” (RIBEIRO, 1993).

Já com a consolidação da indústria nacional, passando por diferentes visões governistas em relação ao conteúdo escolar, o sistema educacional assumiu diferentes posições em diferentes momentos da história no Brasil, como o pensamento tecnicista, de uma educação voltada para o preparo de indivíduos que conviveriam em sociedade e, principalmente, com foco no trabalho em linhas de produção das fábricas mecanizadas.

Com a extinção do Programa Nacional de Alfabetização, que vinha sendo implantado no país pelo educador Paulo Freire, o currículo escolar passou a ser organizado com base em aspectos que possibilitassem aos estudantes serem os futuros funcionários habilitados para lidar com as máquinas e com a cultura da

subordinação, de maneira a atender aos interesses hegemônicos americanos praticados no Brasil com o apoio dos militares no período da Ditadura, o que interferiu no modelo educacional do país em benefício de acordos entre os militares e forças estratégicas de privatização, passando a educação de direito do cidadão para um caráter mercantilista.

Das diferentes formas de organização do ensino no país, os estudantes e futuros profissionais sofreram diversas interferências em suas áreas de formação, o que, posteriormente, refletiu em suas relações com o mundo do trabalho.

Em relação à sua adaptação aos meios de produção e das técnicas existentes no ambiente laboral das fábricas, que se aperfeiçoavam tecnologicamente para que os processos produtivos fossem aperfeiçoados, Karl Marx (1996, p.114) aponta que:

As coloridas configurações, aparentemente desconexas e ossificadas, do processo de produção social se dissolveram em aplicações conscientemente planejadas e sistematicamente particularizadas, de acordo com o efeito útil tencionado das ciências naturais. A tecnologia descobriu igualmente as poucas formas básicas do movimento, em que necessariamente ocorre todo fazer produtivo do corpo humano, apesar da diversidade dos instrumentos utilizados, assim como a Mecânica não se deixa enganar pela maior complicação da maquinaria quanto à repetição constante das potências mecânicas simples.

Uma vez inseridas tais ferramentas tecnológicas na sociedade, diferentes interferências podem ocorrer nos distintos âmbitos sociais, como é o caso da escola, com sua logística interna e trânsito de estudantes entre as salas de aula e os laboratórios, assim como o tempo necessário a ser despendido para as aulas adicionais necessárias ao ensino para o uso dessas novas ferramentas.

Aqui se apresenta uma preocupação em relação ao que foi apontado anteriormente no que tange à cristalização dos comportamentos dos profissionais em se tratando das propostas de inserção das novas tecnologias da informação e comunicação – as TICs – no ambiente escolar: a inserção dessas tecnologias poderia gerar instabilidade na reorganização do ambiente escolar ou apoiaria esse espaço como um ambiente de criação de consciências e preparação de indivíduos aptos a viverem em uma sociedade em constante transformação?

No prefácio de sua obra *Modernidade Líquida*, Zygmunt Bauman (2001) apresenta sua perspectiva sobre a condição humana dentro do mundo da “modernidade fluída” e informa sobre a reorganização das sociedades a partir de

uma nova ordem e os novos papéis que todos os envolvidos nos processos da vida necessitam encarar.

Embora tais transformações ocorressem lentamente no passado, em decorrência dos avanços tecnológicos dos quais dispunha o homem, elas já propunham quebra de paradigmas e abalavam zonas de conforto dos sistemas de códigos até então válidos e eficientes, tensionando assim as culturas tradicionais, o que ocorre de maneira mais rápida atualmente, uma vez que, com a velocidade da expansão tecnológica, o homem pôde acelerar processos e descobertas.

Conseqüentemente, esse aumento de velocidade dos aprimoramentos tecnológicos e de suas distintas técnicas nos diferentes âmbitos da sociedade, agora organizada mundialmente, faz com que o homem tenha cada vez menos tempo para familiarizar-se com eles, não acompanhando por completo suas fases de aprimoramento, embora um dos objetivos da criação de novas técnicas seja o de possibilitar ao ser humano que este tenha mais tempo livre.

Sabe-se das profundas transformações ocorridas no mundo todo durante o período de implantação das indústrias nos diferentes países da Europa e a conseqüente reorganização de sistemas de relações, crenças e culturas dentro daquelas comunidades, o que afetou a maioria das relações entre homens e a sua participação econômica, social e cultural dentro dos agrupamentos humanos.

Trazendo tais discussões para a realidade brasileira, essas transformações e suas conseqüências para os modelos de organização social se processaram em nosso país por diversos momentos da história, pois o Brasil sempre recebeu influência das mudanças ocorridas em países europeus como Portugal, Inglaterra e França, apenas para citar o período que vai do século XVI a meados do século XX.

Sérgio Buarque de Holanda (1972, p. 322), quando se refere ao período de transição entre o Brasil colônia, caracterizado pelo trabalho no campo e a urbanização da cidade em decorrência do enfraquecimento das lavouras e a busca por novas fontes de renda e a chegada da família real, afirma que: “o Rio e a capitania iam experimentar transformações rápidas”.

Essa descrição dos fatos históricos traz até os nossos dias o que ocorreu durante o período de enfraquecimento da extração e comércio de minério, a chegada da família real ao Brasil e o início do período da ascensão comercial burguesa, possibilitando à Inglaterra criar mercado consumidor para os seus produtos manufaturados, pois aquele país já estava em um período industrial avançado em relação ao Brasil do final do século XIX.

Desse modo, há uma reorganização que passa do modelo agrário feudal para a aglomeração nas cidades, alterando vários sistemas, tais como econômico, político, social e de crenças, o que faria com que a sociedade se reestruturasse para atender ao novo paradigma baseado no consumo de bens manufaturados pela Inglaterra, reproduzindo a estrutura externa no que tange ao sistema econômico, político e social que serviria de base para a preparação de mercado consumidor.

Assim, as cidades que foram estruturadas em atendimento ao novo sistema econômico de troca de mercadorias serviu também de base para a implantação industrial futura, pois já estava se criando o que MARX (1996, p. 267) viria a denominar de “exército de reserva”, configuração social que caracterizava o funcionamento do sistema de produção industrial capitalista, o que regeu os países com base nesse sistema econômico, entre eles o Brasil.

Durante a vigência desse sistema de produção industrial houve e há ininterruptas pesquisas para aprimoramento de técnicas para a mecanização cada vez maior das linhas de produção nas fábricas.

Recentemente, com as inovações no campo da tecnologia digital informacional, pode-se perceber que está em movimento uma nova transformação. A tecnologia da informação e da comunicação, acompanhada de suas técnicas, vêm remodelando as relações não só dentro de ambientes de trabalho, como também na sociedade em geral, já que a inserção dessas novas ferramentas em todos os setores parece ser irreversível, criando a necessidade de aperfeiçoamento profissional para o seu uso e de seus conteúdos aplicados a cada área do conhecimento.

Logo, uma série de perspectivas e crenças futuristas de que a tecnologia tenha surgido para melhorar a vida do homem tem sido gerada, o que também ocorreu durante a implantação de sistemas industriais, quando do surgimento das máquinas. É sabido que tais previsões não se cumpriram completamente, pois houve, e ainda há, reflexos sociais negativos enormes desde aquela época, como é possível observar nas metrópoles, com a marginalização de grande parte dos indivíduos que não foram inseridos nos ambientes fabris e, conseqüentemente, na sociedade.

Durante décadas, com a implantação e desenvolvimento das indústrias, muitas das crenças e costumes que tomaram novos formatos nesse período se cristalizaram e passaram a ser considerados verdadeiros, servindo de base para que as sociedades se constituíssem dentro de um determinado sistema de valores e de

regras que chegaram até os nossos dias.

A abertura do mercado nacional brasileiro com o programa político neoliberal iniciado na era Collor, e baseado no consenso de Washington do início da década de 1990, possibilitou a entrada de mercadorias estrangeiras no país.

Exemplo disso são os computadores que, na mesma época se popularizavam pelo mundo devido ao aprimoramento dos *softwares* de interface “amigáveis”, assim chamados por serem de fácil utilização em decorrência de seus programas de uso intuitivo. Isso contribuiu para a preservação da economia nacional que estava em ascensão, principalmente depois da criação dos planos econômicos de estabilização monetária e da diminuição da inflação,

[...] com o Governo Collor e seu plano econômico, assistiu-se a uma ruptura econômico-política que marcou definitivamente a trajetória do desenvolvimento do Brasil na década de 1990. Pela primeira vez, para além de uma política de estabilização, surgiu a proposta de um projeto de longo prazo, que articulava o combate à inflação com a implementação de reformas estruturais na economia, no Estado e na relação do país com o resto do mundo, com características nitidamente liberais. No entanto, esse projeto, conduzido politicamente de maneira bastante inábil, acabou por se inviabilizar naquele momento. (FILGUEIRAS, 2000, p. 84 apud GENNARI, 2001, p. 35)

Assim, a abertura de mercado e a chegada das tecnologias digitais e de comunicação computacional fez surgir uma nova fase de transição pela qual a sociedade começou a se reorganizar, já que os processos nos ambientes de trabalho foram sendo desempenhados pelas máquinas, tornando o trabalho menos manual, ao mesmo tempo que a criação da rede mundial de computadores possibilitou a interconexão de máquinas em escala global.

Desde então, nota-se que as mudanças vêm ocorrendo em uma velocidade cada vez maior, pois com o aperfeiçoamento de peças dos computadores, a implantação desses aparelhos eletrônicos nas empresas, o uso desses mesmos equipamentos em âmbito doméstico e o processamento e transmissão veloz de dados possibilita que uma quantidade maior de trabalho seja executada em um intervalo menor de tempo.

Esses fatores contribuem para que mudanças rápidas ocorram nas relações de trabalho, nas relações humanas e de poder, nos ambientes sociais, nos limites e barreiras geográficas, provocando ao mesmo tempo inclusão de alguns e exclusão

dos que não têm acesso aos dispositivos tecnológicos, o que já é classificado na contemporaneidade de “analfabetismo digital”.

Logo, a exemplo do ocorrido na era da revolução industrial, percebe-se que está em curso uma revolução tecnológica, ou digital, como preferem alguns, o que tem alterado os diferentes sistemas de valores, as organizações e os ambientes de trabalho, provocando, novamente, uma fase de transição nos diferentes âmbitos sociais, o que acarreta alterações em todos os sistemas humanos.

Fatos como esses possibilitam o pensamento de que estão em curso novas formas de se pensar o mundo, de organização das consciências em âmbito mundial, de construção de valores, pois ao mesmo tempo em que as TICs distanciam os indivíduos fisicamente, aproxima-os virtual e ideologicamente por meio da informação veiculada nesses dispositivos eletrônicos.

Como afirma SAKAMOTO (2013, p. 95): “Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade”. Enfim, uma série de mudanças têm ocorrido desde a criação da internet e parecem estar remodelando nações ao redor do mundo, mesclando pensamentos, línguas e culturas.

Em vista disso, aquela cultura de interação entre homem e sociedade por meio da técnica, na qual o indivíduo interagia fisicamente com ferramentas para que elas lhe proporcionassem facilidades poupando-lhe de esforços físicos maiores têm sido rapidamente reestruturada pelo aperfeiçoamento das técnicas que possibilitam aos indivíduos uma nova forma de ação sobre o mundo, que se dá a partir de comandos efetuados em um teclado de computador intermediado por um sistema de interfaces – os *softwares* – tornando-os ativos de inúmeras maneiras no mundo.

Essas máquinas informacionais que surgiram no período da Guerra Fria foram criadas pelo serviço militar norte americano com o objetivo de manter em funcionamento permanente o sistema de comunicação estratégico do país em caso de ataques que, porventura, viessem a destruir os meios convencionais de comunicação.

Tais aparelhos foram, posteriormente, implantados nas instituições de ensino superior dos Estados Unidos, interconectando-se em uma grande rede de computadores para que as universidades tivessem uma arquitetura de transmissão de dados em alta velocidade para o desenvolvimento de pesquisas científicas, estudos e comunicação entre as instituições de ensino do país.

Criada inicialmente como uma rede interna – *intranet* – ela foi utilizada por

sua potencialidade de aplicação em outros setores da sociedade, como em ambientes empresariais, disseminando-se a uma velocidade cada vez maior para outros setores dentro e fora do país de origem. Esse tipo de comunicação, baseado na conexão entre vários computadores e que possibilita a troca de dados em tempo real deu origem ao que conhecemos hoje por *internet* ou rede mundial de computadores.

Esses equipamentos possibilitaram que avanços na área da comunicação nos diferentes âmbitos fizessem surgir sociedades baseadas na troca de informação por meio eletrônico, o que acarreta nova organização de pessoas, trabalhos e serviços. Observou-se esse fato, por exemplo, na empresa brasileira Correios em razão da atividade de entrega de correspondência ter sido diminuída rapidamente em decorrência do uso de *softwares* e serviços *online* de correspondência eletrônica.

Essa transformação no mundo da comunicação e na transmissão de dados fez com que os sistemas organizacionais de empresas públicas e privadas administrassem e reorganizassem as tarefas laborais, pois muitos dos trabalhos antes desempenhados por um número de pessoas em um determinado espaço físico foram substituídos, em parte, por computadores, ao mesmo tempo em que o desempenho de outras atribuições foram sendo deslocadas para a própria casa dos indivíduos, alterando as relações de trabalho até então conhecidas.

Dessa maneira, a relação entre pessoas e seu meio social, de trabalho e interpessoal vem sendo alterada a cada dia com o uso das novas ferramentas digitais, o que não é diferente quando se observa nos ambientes escolares e em seus processos de transmissão de saberes e cultura, pois essas instituições não deixam de usufruir das facilidades proporcionadas pelo uso dessas ferramentas.

## **1.2 Tecnologia no ambiente escolar**

O ambiente escolar não deixa de ser tomado por todas essas mudanças expostas anteriormente, pois, ao mesmo tempo em que o uso de computadores como ferramentas de comunicação e de troca de informação vem para organizar diferentes setores de trabalho, sejam eles privados ou públicos, ele necessitará ser pensado quanto à sua função e quanto ao papel dos envolvidos em seu uso.

Para que os processos de melhoramentos de uma sociedade sejam

discutidos e pensados dentro das salas de aula de modo que os aprendizes possam ser preparados para circular socialmente com segurança e ter o domínio sobre as técnicas das ferramentas existentes em seu tempo cabe aos responsáveis por esses locais de intercâmbio de saberes proporcionarem condições para que todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem sejam beneficiados.

Assim, é preciso que se some ao conhecimento acumulado pela humanidade o uso de novas técnicas e ferramentas, construindo perspectivas de futuro dos indivíduos que nela se encontram, permitindo o uso dessas ferramentas de maneira crítica e construtiva, procurando empregar o melhor uso de equipamentos, ideias, conceitos e estratégias de trabalho e de estudo, como apontado por Belloni, na obra *Introdução à Educação Digital*:

O papel da escola como dispositivo de inclusão e democratização do saber é extremamente importante, fundamental para a formação de usuários competentes, criativos e críticos (distanciados), capazes de colocar as TICs a serviço da criatividade humana e da solidariedade social. Para isso todavia serão necessários grandes esforços de formação de profissionais, além de formas competentes e eficazes de equipamentos, que façam da escola um espaço de descoberta e formação de crianças e jovens para exercerem sua cidadania e sua criatividade na “sociedade digital.” (2010, p. 123 apud MEC, 2013, p. 34).

Sendo a produção de conhecimento da contemporaneidade brasileira baseada em sistemas educacionais estruturados a partir de acordos internacionais, principalmente após a abertura dos mercados econômicos com suas sociedades interligadas econômica e politicamente, há que se pensar de que maneira tais estruturas têm influenciado esses sistemas.

Por exemplo, a reestruturação do ensino no país, após o acordo MEC-USAID durante a década de 1960, assinado entre Brasil e Estados Unidos da América, teve motivações econômicas e políticas de aproximação entre os dois países, a fim de promover um distanciamento entre a América Latina e a antiga URSS numa época em que as questões agrárias contrastavam com os interesses da potência capitalista, a qual almejava o desenvolvimento de seu modelo econômico em escala mundial.

Segundo Fabiana Pina, citando Santos (2005, p. 117) “o pano de fundo da contribuição técnica para o ensino superior se transformar em prioridade da USAID foi o conflito EUA versus URSS, pois a chave para que o Brasil permanecesse uma

sociedade livre e um país amigo próximo dos EUA estava no ensino superior”.

Estando as instituições de ensino no cerne dessa reorganização nacional por serem fonte dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento das técnicas para a nova relação entre homem e os meios de produção industrial e na geração de conhecimento para a base do seu desenvolvimento social e econômico, tal acordo possibilitou que o país norte americano direcionasse a educação brasileira por caminhos de interesse da nova ordem econômica, social, política e cultural daquele país.

Assim, esse acordo influenciou fortemente o Brasil no direcionamento de seu sistema de ensino para as áreas técnicas, fazendo com que as disciplinas de humanidades fossem retiradas ou fossem menos valorizadas nas grades curriculares, o que durou todo o período de vigência do sistema industrial, tendo a escola não a função de produção social do conhecimento, mas a de formação técnica e profissional dos estudantes, os quais eram preparados para trabalhar nas empresas.

Com base nessa, e em outras experiências históricas no campo educacional, o Ministério da Educação ainda observa, em *Introdução à Educação Digital*, a importância de se atentar para as particularidades entre as diferentes ferramentas eletrônicas e seus sistemas de *software*, como na comparação que faz entre sistemas operacionais de propriedade de empresas privadas e *softwares* livres e gratuitos que podem ser alterados e recriados por qualquer usuário sem nenhum custo e que tem sido distribuído gratuitamente às escolas e órgãos públicos, apontando para os seguintes fatores:

Empresas de software impedem a disseminação de saberes e a democratização da autoria de software para garantir seus lucros. Em outras palavras, promovem situações de escassez, para agregar maior valor ao produto. Será que é esse tipo de cultura que queremos fomentar? Ou podemos fazer uma opção pela cooperação e abundância? (BRASIL, 2013, p. 55)

Retomando alguns aspectos históricos que influenciaram o sistema educacional brasileiro, baseado em uma reforma que atendesse a uma determinada estrutura social mundial, algumas estratégias foram adotadas por instituições que atuam mundialmente, como as ligadas ao campo financeiro e ao comércio, quando

fizeram apontamentos para a área educacional:

O Banco Mundial não tinha vinculação maior com a educação: financiava parcialmente a Unesco (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization/Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), mas não tinha vinculação direta. Começa a se interessar por educação quando passa a operar não só na sustentação de modelos econômicos, mas entende que é preciso atuar na governabilidade dos países, no controle ideológico — sobretudo no período da Guerra Fria. E a educação entra muito nisso. Na década de 90, o Banco Mundial passa a atuar em consonância com a Organização Mundial de Comércio (OMC) para adequar o sistema de ensino superior à mercantilização (LEHER, 2004).

Vê-se, portanto, que a cada nova transformação no sistema de produção da sociedade a escola tem atuado como mecanismo de transmissão de conhecimento e técnicas para que os indivíduos sejam inseridos em vagas de trabalho criadas por um mercado global, possibilitando-lhes a busca por renda, e estando as organizações sociais, políticas, culturais e educacionais cada vez mais subordinadas aos interesses financeiros de organizações transnacionais.

Assim, a escola tem sido o ambiente privilegiado de manutenção do conhecimento acumulado pela humanidade e da busca pelo entendimento sobre o uso das novas ferramentas criadas pelos avanços tecnológicos, preparando o indivíduo para compreender e ser atuante no mundo e que, para isso, domine técnicas e saberes.

Com o aprimoramento ininterrupto das técnicas, nota-se novamente uma fase de transformações nas relações entre o ser humano, seu trabalho e o meio social em decorrência das mudanças tecnológicas e a era da informação baseada na transmissão de dados por meio eletrônico, encaminhando-nos para nova fase de transição entre modelos organizacionais e, conseqüentemente, educacionais.

Como todo momento de transformação social faz com que na escola se reverberem as dissonâncias presentes na sociedade, é nesse espaço que se encontram diferentes dilemas em relação aos mais variados problemas enfrentados por todos os indivíduos envolvidos nesse processo de aquisição de conhecimento.

Essas mudanças que surgem no ambiente educacional geralmente vêm acompanhadas de diferentes posicionamentos dos envolvidos presentes nos processos de aprendizagem em relação às propostas de trabalho, como as que são baseadas na relação entre professores e estudantes intermediada por tecnologias

digitais

Sobre esse tema, algumas correntes de pensamento defendem que o uso das novas tecnologias da informação e comunicação estariam, de alguma maneira, afastando os estudantes dos textos que façam parte da norma padrão culta do idioma, como aponta Edgar Murano (2011): “O texto da internet é um texto em geral mais coloquial, menos "literário", no sentido de ser mediado por truques de estilo. A internet não inventou a coloquialidade, mas fez com que ela passasse a soar mais natural para muito mais gente e, estatisticamente ao menos, virou um certo padrão”.

Outra vertente defendida sobre o uso das tecnologias é a de que se tem criado um novo grupo de leitores pois, para o escritor Michel Laub (MURANO, 2011), “os que leem textos mais longos e difíceis são uma minoria como sempre foram. Mas o restante das pessoas, que há uma década não lia nada, hoje trabalha com o texto escrito boa parte do tempo, e isso cria um certo hábito de leitura, mesmo que diluído”.

Claudia Finger-Kratochvil (2009, p. 209) menciona alguns posicionamentos sobre o uso das novas tecnologias eletrônicas para o trabalho de letramento junto aos estudantes, citando que Bruce (1997, p. 290-292) define que

algumas possibilidades se põem: a) neutralidade – alguns assumem que nenhum posicionamento é necessário, pois concebem tecnologia e letramento como instâncias pertencentes a domínios diferentes; b) oposição – outros colocam-se do lado oposto, adotando uma postura de resistência; para eles o controle, fiscalização e estratificação social dos usos da tecnologia superam, em muito, os seus benefícios; c) utilitária – contrastivamente, os partidários dessa postura aclamam as maravilhosas ferramentas oferecidas pela tecnologia para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, inclusive para o letramento; d) cética – esta postura contrapõe-se a anterior, afirmando não existirem tantas maravilhas e, embora não atribua, de fato, prejuízos à tecnologia, exceto em seu discurso, em resposta à posição utilitária, atravanca as mudanças almejadas; e) transformacional – os defensores desse ponto de vista creem que as novas tecnologias transformarão radicalmente as definições de letramento e, mesmo assumindo tais transformações positivamente, não ignoram as dificuldades ao longo do caminho; f) estética – tal posicionamento é adotado por muitos artistas que consideram as TICs como oportunidades ricas para a criatividade em meios eletrônicos.

Entre posicionamentos favoráveis e contrários aos uso das novas tecnologias em sala de aula somados aos diversos obstáculos existentes dentro do ambiente escolar, outras críticas surgem em relação aos projetos que prometem ser inovadores, como os de inserção de tecnologias educacionais apresentado pela

UNESCO (2014, p. 14):

O OLPC (*One Laptop per Child*) tem sido alvo de duras críticas por parte de estudiosos do desenvolvimento, que argumentam que, com sua visão 'utópica' da educação, o programa desconsidera os complexos problemas sociais enfrentados por comunidades marginalizadas e o contexto histórico da tecnologia e do desenvolvimento.

Direcionado aos educadores e governantes, esse documento, criado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura em parceria com a Nokia, empresa de telefonia móvel, propõe que o uso de novas ferramentas tecnológicas possa beneficiar os ambientes escolares e o processo de ensino e aprendizagem, apontando exemplos de aplicações que, segundo a organização, vêm apresentando resultados positivos em suas estratégias de economia de materiais por parte das instituições de ensino:

Em vez de investir na mesma série de livros didáticos ou solução de *software* para sala de aula, escola, município ou país, os educadores podem, por exemplo, escolher entre vários aplicativos customizados para atender às necessidades de cada aluno, empoderando assim a aprendizagem personalizada, que deverá caracterizar a educação formal no futuro. [...] A aprendizagem móvel tem sido particularmente bem-sucedida na promoção de habilidades de vida, incluídas a leitura, a escrita e o cálculo. Um exemplo é o BBC Janala, um programa de Bangladesh feito para cidadãos que desejam melhorar o seu domínio do idioma inglês para conseguir um emprego melhor e participar da economia global.(UNESCO, 2014, p. 36)

Uma vez que os professores obtêm conhecimento e técnicas necessárias à sua atividade de trabalho na carreira docente em instituições superiores de ensino e são os responsáveis pela transmissão desse saber aos estudantes de ensino fundamental e médio, pretende-se instigar os profissionais da educação a refletirem sobre o uso dessas ferramentas tecnológicas digitais já que, como é percebido, a prática docente vem sendo enormemente influenciada por instituições de âmbito mundial, as quais se apresentam preocupadas com o campo educacional propondo o uso de ferramentas eletrônicas de apoio ao ensino.

Ao mesmo tempo, a maioria dos estudantes chegam às escolas munidos de seus instrumentos eletrônicos de troca de informação e os utilizam facilmente,

dominando suas funções, as quais se aperfeiçoam a cada dia, provocando reflexões de que há que se pensar em caminhos e propostas educativas que levem em conta tais aparelhos; isso não exime os profissionais da educação da responsabilidade de serem críticos em relação ao seu uso.

Por isso, cabe aos envolvidos nos ambientes escolares pensarem como e em que medida o uso desses equipamentos são, ou não, auxiliares nos processos que envolvem os estudantes e o conhecimento e quais as maneiras de aplicar tais ferramentas com foco nos conteúdos a serem transmitidos, transformando dados em informações analisáveis e, conseqüentemente, em conhecimento.

Para tanto, faz-se necessário pensar nos planejamentos de acordo com o contexto da escola, o trabalho pedagógico realizado na instituição, os conhecimentos na área da informática por parte dos docentes e discentes, consultar a comunidade interna e externa sobre o uso dessas ferramentas e analisar os propósitos educacionais de maneira a inserir as novas tecnologias nos contextos escolares pontuando a relação das TIC com as mudanças socioculturais que ocorrem atualmente por conta do uso dessas ferramentas.

Outro aspecto importante na relação entre docentes, alunos e o letramento por meio das novas tecnologias é a capacidade dos envolvidos em construir domínios sobre as técnicas que lhes permitam posicionar-se ativamente na proposição de soluções para si e para o ambiente no qual vivem pois, como pontua Kratochvil (2009, p. 212), “Esses alunos começaram sua escolarização com o letramento do lápis e papel e com a tecnologia do livro, mas acabaram encontrando demandas de letramento vindas de uma grande variedade de informações e tecnologias digitais”.

Levando-se em conta diferentes aspectos na preocupação em relação ao ambiente escolar e o processo de aquisição de conhecimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais definem que

[...] a aprendizagem significativa pressupõe a existência de um referencial que permita aos alunos identificar e se identificar com as questões propostas. Essa postura não implica permanecer apenas no nível de conhecimento que é dado pelo contexto mais imediato, nem muito menos pelo senso comum, mas visa gerar a capacidade de compreender e intervir na realidade, numa perspectiva autônoma e não alienante. [...] toda aprendizagem significativa implica uma relação sujeito-objeto que, para que se concretize, é necessário oferecer as condições para que os dois polos do processo interajam. [...] As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam

necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. [...] Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos (BRASIL, 2000, p.24-25).

No entanto, é interessante notar que, diferentemente dos movimentos de reformas educacionais anteriores, quando mudanças eram propostas para o ambiente escolar no sentido de preparar os indivíduos para o uso de máquinas nas indústrias, como preparação profissional futura para os estudantes, agora o ambiente escolar parece ter sido forçado a assumir outra posição: a de atender os estudantes e suas máquinas eletrônicas que vêm de uma sociedade que já sofreu mudanças externas aos muros da escola.

Assim, parece tratar-se de uma organização oposta, que impõe não mais que as escolas preparem os cidadãos para o uso de equipamentos e para o mundo do trabalho, mas por uma necessidade de orientar os aprendizes, que já conhecem de maneira aprofundada a maioria desses equipamentos e seus sistemas de técnicas, como usuários conscientes e éticos de todo esse aparato tecnológico.

Essa mudança em curso transplantou a escola para uma posição que, ao que aparenta, a forçou à adequação para o uso das ferramentas digitais e suas técnicas, pois para que os indivíduos as utilizem não necessitaram passar pelas salas de aula. Ao menos isso é o que se nota junto aos estudantes quando se percebe o domínio de uso dessas ferramentas digitais, as quais estão mais em poder dos estudantes que dos professores.

Logo, para se pensar o papel da educação na contemporaneidade, cabe-nos não apenas conhecer o que os estudiosos afirmaram sobre essa área de modo a preparar o indivíduo para a sociedade, neste caso a tecnológica, como levar em conta que o indivíduo já vem para o ambiente escolar possuindo o conhecimento sobre as novas tecnologias.

Tal afirmação parte do princípio de que hoje os estudantes têm acesso ao “mar de informação”. Isso nos remete à reflexão sobre o tema do grande desinteresse pela sala de aula por parte do corpo discente, podendo esse fato estar ancorado em subjetividades relativas à dinâmica estabelecida entre tempo, acesso, conteúdo e a velocidade do mundo virtual em oposição ao conteúdo apresentado pelo professor em um sistema tradicional em que a lousa e o giz são os

instrumentos prevalentes.

Assim, essas mudanças existentes na sociedade em cada época lança novos desafios ao entendimento da relação entre homem e suas técnicas, acarretando ao ambiente escolar e a seus envolvidos uma reflexão quanto ao mundo para o qual se organizam os saberes em benefício dos estudantes.

Segundo Alberto Tosi Rodrigues (2007, p. 10) "A educação, para Weber, é o modo pelo qual os homens são preparados para exercer as funções que a transformação causada pela racionalização da vida lhes colocou à disposição".

Tais palavras nos ajudam a refletir sobre o momento atual, pois nos levam a pensar se as transformações que a racionalização humana colocou à disposição do homem contemporâneo necessita da escola para prepará-lo quando o assunto é o uso das tecnologias.

Se o foco da questão estiver apenas no uso das ferramentas em si, talvez a escola perdesse sua posição de importância quanto à transmissão de conhecimento técnico para uso desses aparelhos.

No entanto, levando-se em conta que ferramentas mecânicas e eletrônicas não são um fim em si, mas um meio de acesso ao conhecimento, a resposta poderia ser que, para que o humano não continue sendo passivo em relação às transformações colocadas à sua disposição conforme apontado por Weber, cabe aos profissionais da educação buscar não somente inserir esses equipamentos em sala de aula, como empreender esforços para entender e possibilitar ao estudante conhecer todos os aspectos políticos, econômicos, ideológicos, científicos e sociais em torno do uso das TIC de modo a, verdadeiramente, se emanciparem social e culturalmente.

Nas palavras de Dermeval Saviani (2008, p. 45), "o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação".

Assim, se o assunto é repensar o ambiente escolar para que o mesmo esteja em consonância com as transformações ocorridas na sociedade contemporânea, cabe aos profissionais investigarem os fatores que estão para além do ambiente de trabalho educacional e das ferramentas, como as correntes ideológicas, filosóficas do sistema econômico mundial que se organiza com finalidades muito definidas.

Por serem os estudantes o cerne do ambiente escolar, e este estar inserido em um determinado modelo de sociedade, segundo Silvia Castrillón (2012) aponta que:

A escola deve incentivar as audácias [de crianças e jovens], acompanhar suas dúvidas, contribuir com a sua poética, fortalecer sua qualidade de sujeitos de uma experiência, ajudá-los a ampliar essa experiência, ouvir as narrações, as intervenções, os registros, facilitar seu ingresso ao universo cultural e dar-lhes possibilidades para misturar-se em sua trama.

Não perdendo as crianças e adolescentes de vista, e tendo como foco o conhecimento, os professores assumem a tarefa de entender as transformações do mundo e buscar maneiras de se organizar dentro de uma sociedade em constante transformação, preparando-se, assim como aos alunos, para se tornarem mais do que simples usuários passivos de equipamentos eletrônicos.

Para tanto, o profissional da educação precisa se apossar das técnicas de uso e das potencialidades presentes nessas ferramentas, saber este que se somará aos suportes já existentes, como o papel, o livro didático e demais materiais escolares de apoio ao contato do estudante com o conhecimento.

### **1.3 Ensino de Literatura na era da informação**

Quando Italo Calvino (2007) manifestou sua preocupação em relação ao tempo disponível que os indivíduos teriam para o acesso e leitura dos clássicos da literatura em uma sociedade que possuía abundância de publicações impressas, a rede mundial de computadores provavelmente estivesse sendo gestada.

Tivesse ele vivido após a chegada desses aparelhos eletrônicos, com sua rede mundial de máquinas interconectadas, veria que aquela avalanche de papel à qual se referiu não possuía nem uma pequena parte da quantidade de dados transferidos diariamente nos sistemas informatizados da atualidade.

Ao trazer o questionamento do autor para a contemporaneidade – “Onde encontrar o tempo e a comodidade da mente para ler clássicos, esmagados que somos pela avalanche de papel impresso pela atualidade” (CALVINO, 2007, p.14) – tornará possível notar que inclusive o conceito de tempo ao qual ele se refere poderia ser rediscutido na sociedade das transformações líquidas que a informatização propiciou.

É inegável que o avanço técnico atingido pelo homem proporciona-lhe inúmeras vantagens em sua vida e na vida da sociedade em geral, como as

contribuições nas ciências, na medicina e na transmissão e processamento de dados cada vez mais rápido, o que oportuniza inúmeras operações que, antes imensamente complexas e demoradas, podem ser desenvolvidos com alguns comandos digitados em uma máquina e em muito menos tempo.

Também é inegável que essa conquista acarretou alterações profundas no mundo todo, uma vez que trouxe consigo novas relações sociais, de trabalho e de poderes, propondo às sociedades formas de reorganização.

No entanto, se o homem continua como há milhares de anos, ou seja, organizado em sociedades nas quais indivíduos precisam se relacionar para conviverem em harmonia e, na maioria dos casos, regidos por instituições de poder que definem essas regras de convivência, também notam distinções do que se costumava existir em relação à estrutura destas.

Dessa nova organização social, Zygmunt Bauman (2001, p. 54) afirma que o poder “navega para longe da rua e do mercado, das assembleias e dos parlamentos, dos governos locais e nacionais, para além do controle e do alcance dos cidadãos, para a extraterritorialidade das redes eletrônicas”.

Somando à afirmação anterior a ideia de circulação social, nota-se que na sociedade da informação se tem virtualizado cada vez mais a vida, já que as “redes sociais”, antes organizadas fisicamente em praças e esquinas, foram transferidas para ambientes virtualmente paralelos, controlados – ao menos acredita-se que o são – pelos mesmos indivíduos que agora navegam por meio de um instrumento eletrônico que lhes possibilita manifestarem livremente, o que os leva a crer que seus pares têm acesso às suas afirmações do outro lado da conexão.

No entanto, uma característica que chama a atenção dentro dessa virtualidade é o fato de que, para navegar por esse mar de informação, a leitura é um instrumento essencial ao indivíduo, pois sem ela não seria possível acessar conteúdos e se mover pelo labirinto construído por atalhos (*links*) os quais abrem incontáveis janelas e mantém os navegantes em contato com os hipertextos.

Logo, em se tratando de leitura, vale ressaltar que não se pode afirmar que ela seja estruturada da mesma maneira nos variados suportes, pois difere da linearidade de textos apresentados impressos em papel ou escritos em quadros de giz. Para Kratochvil (2009, p. 213), citando Bruce (1997, p. 300-301) “nós disfarçamos o fato de que ambas, a leitura do livro e a leitura no computador, são amálgamas complexas de tecnologia com outras práticas socioculturais”

Antonio Candido (2000, p. 80) também destacou o fato de que as

transformações tecnológicas e da sociedade interferiram na ligação entre leitor e obra impressa quando afirmou que o rádio constituiu fator de afastamento entre eles

Em nossos dias, quando as mudanças assinaladas indicavam um possível enriquecimento da leitura e da escrita feita para ser lida – como é a de Machado de Assis -, outras mudanças no campo tecnológico e político vieram trazer elementos contrários a isto. O rádio, por exemplo, reinstalou a leitura oral.

Desse modo, pensando nas relações entre as tradições oral e escrita apontadas pelos dois autores e retomando a afirmação de Calvino é possível refletir que aquela avalanche de papel arrastou os leitores, retirando-os do conforto oral proporcionado pelo rádio, e os levou para um mar de dados proporcionando-lhes acesso ainda maior aos textos em diversos gêneros, transformando a contemporaneidade em um lugar em que o leitor necessita ser orientado para identificar em que porto, ou em qual endereço eletrônico possa ancorar e selecionar os textos para a construção do seu conhecimento de maneira significativa.

Nesse ponto, pode-se pensar que a escola assuma também o papel de esclarecer aos alunos quais instrumentos lhes possibilitam uma navegação consciente e segura na internet quando o assunto é a leitura literária, impedindo que os mesmos se percam ou, o que seria menos proveitoso, que permaneçam na superfície sem mergulhar nas profundezas do saber, não alcançando o entendimento de que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 2007, p. 16).

Logo, tratar de literatura na era da informação se torna um desafio, pois se nota que os estudantes e os leitores de textos literários em potencial têm a atenção voltada para ecrãs de equipamentos eletrônicos de maneira a interagir com inúmeras alternativas de entretenimento oferecidas pelo mundo virtual através de milhões de sítios eletrônicos que distribuem gratuitamente conteúdos textuais, imagéticos e sonoros, o que antes era feito por diferentes suportes, como os jornais, revistas, televisão, rádio e os livros.

Contudo, adotando estratégias de apropriação da leitura por meio de aproximação temática entre texto e estudante no suporte eletrônico, o professor poderá tentar reestabelecer o contato entre ele e a literatura. Como afirma Klaus Schlünzen Júnior (2014), “é inevitável que o uso da tecnologia passe pela mudança

de metodologias. E esse destaque reforça a importância do professor no processo”.

Dessa forma, no capítulo reservado à sequência didática, o professor encontrará uma proposta de estímulo à aproximação entre obra e estudante, o que visa dar à leitura que parta do meio eletrônico condições para que o estudante desperte seu interesse pelo texto literário e, em especial, pelo clássico, possibilitando-lhe a reflexão, o diálogo e o pensamento crítico em relação à sociedade na qual vive, uma vez que a instituição escolar encontra apoio para essas atividades em seus parâmetros curriculares

Os modos de apreciação e produção dos objetos artísticos integram a área, na perspectiva de recuperar, pelo seu estudo, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, patrimônios representativos da cultura, preservados no eixo temporal e espacial, manifestos em linguagens que detêm estatutos e códigos próprios, como a música, a pintura, a dança etc, incluindo-se aí a literatura (PCN, 2014, p. 65).

Nesse sentido, visando à integração dos diferentes suportes do texto, propõe-se trabalhar com a leitura de uma adaptação da obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (2010), para os formatos de história em quadrinhos e de jogo digital, ambos disponíveis na rede mundial de computadores, apresentando aos estudantes o conteúdo que servirá de estímulo à leitura literária e apoiando-se em temáticas que pertençam ao seu contexto social e cultural como estratégia de aproximação entre leitor e obra.

Ressalta-se a importância de considerar que se trata de um outro suporte de leitura, pois como aponta Coiro (2003) apud Claudia Finger-Kratochvil (2009, p. 220), “a visão de leitura que os textos impressos nos possibilitaram construir é distinta da que precisamos para trabalhar com os textos eletrônicos. Esses representam novos desafios aos leitores em virtude das características de que dispõem e que, por sua vez, requerem processos diferentes de compreensão”.

Tal estratégia visa despertar nos estudantes o interesse pela leitura e pela busca do texto original de modo que eles tenham acesso às obras literárias e ao mesmo tempo conheçam e entendam as bases da sociedade na qual vivem, em um movimento de retorno ao passado para se compreender o presente e pensar estrategicamente o seu futuro por meio da leitura.

O desenvolvimento de estratégias de leitura literária partindo da representação da adolescência em uma obra procura desenvolver nos estudantes o

que Kratochvil (2009, p. 215) denomina de “aprendiz estratégico”, assim como desenvolver um “ensino dedicado às habilidades velhas e novas do letramento”.

Quanto ao processo de aquisição de leitura para que o estudante se torne estratégico, a autora também traz em seus estudos apontamentos sobre dois tipos de conhecimento:

[...] o conhecimento declarativo e o procedimental, considerados fundamentais para tornar-se estratégico. O primeiro envolve proposições relativas à estrutura e aos objetivos da tarefa. Em outras palavras, é o saber QUÊ. “Por exemplo, eu sei que a maioria das histórias apresenta o cenário e as personagens no parágrafo de abertura e eu sei que meus objetivos de compreensão diferem ao ler jornais e ao ler livros textos” (PARIS; LIPSON; WIXSON, 1994, p. 797, grifos do autor, tradução nossa). Além disso, o conhecimento declarativo envolve as crenças sobre a tarefa e as habilidades que o próprio aprendiz tem de si. O segundo, o conhecimento procedimental, relaciona-se ao COMO, pois envolve informações sobre a execução de várias ações: saber como ler para obter a idéia central (*skim*) ou para buscar uma informação precisa (*scan*), como sintetizar, e assim por diante, na leitura (KRATOCHVIL, 2009, p. 217).

Portanto, considerar as diferentes relações entre os estudantes e os textos disponíveis em antigos e novos suportes pode ser uma estratégia válida no ambiente escolar ao se analisar as mudanças ocorridas com o advento das novas tecnologias digitais de modo que eles saibam selecionar qualitativamente o que leem, sendo o professor o orientador de caminhos na infinita quantidade de textos disponíveis na contemporaneidade.

#### **1.4 Ler *O Cortiço* na contemporaneidade?**

Proporcionar aos estudantes o acesso aos clássicos da literatura pode ser um caminho para oferecer-lhes condições para que melhor entendam o mundo onde vivem, o que pode ser feito partindo de situações vividas por eles no presente para uma viagem de retorno ao passado visando conhecer o que se tem realizado historicamente pela humanidade de modo a entender as bases do que existe hoje.

Nesse sentido, Calvino (2007, p.14) afirma que “para poder ler os clássicos, temos de definir 'de onde' eles estão sendo lidos, caso contrário tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal”.

Também é importante escolher o ponto de chegada para que o estudo delimite um período e o contexto de pesquisa que possibilite estabelecer as relações necessárias ao entendimento da ligação entre passado e presente.

Assim, como o objetivo da sequência proposta é o estudo da obra *O Cortiço*, podendo ser abordada de modo a buscar entendimento sobre a formação cultural do Brasil, definiu-se o Naturalismo porque é ali que a obra se situa, pois “ele corresponde, historicamente, à maturação da nacionalidade, tendo visto a realização de muitas das grandes tarefas iniciadas depois da independência, como a modernização das cidades, a codificação racional das leis, o equipamento técnico, o ensino superior” (CANDIDO, 1978, p. 89).

Nota-se que nesse período os escritores brasileiros desenvolveram uma literatura que se afastava da influência portuguesa gradualmente, iniciando uma literatura de espírito nacional e um esboço de identidade e de base cultural do que é o Brasil hoje em sua diversidade cultural.

Com a definição temporal escolhida para o estudo é possível que o estudante se coloque em uma posição na qual fique evidente de onde se parte e aonde se quer chegar, possibilitando ao professor instrumentalizá-lo para que crie uma noção espaço-tempo delimitada, de sorte que é possível preencher esse período com o conhecimento obtido a partir da leitura literária, estabelecendo as relações históricas e relacionando os diferentes fatos esteticamente representados na obra literária de modo a notar as relações sociais, culturais e econômicas presentes na narrativa.

Assim, com o apoio do professor, a leitura literária visa possibilitar aos estudantes entendimento do ambiente escolar como um espaço propiciador de relações possíveis entre a obra e o mundo no qual estão.

Acredita-se que a abordagem do texto literário como possibilitador para o entendimento de mundo junto aos estudantes de maneira que eles superem um desconhecimento do lugar onde vivem crie um elo entre eles e o texto literário, pois a leitura passa a fazer sentido em suas vidas ao mesmo tempo em que contribui para o processo de humanização para viverem em sociedade, já que entenderão os diferentes ambientes de circulação, as relações humanas e institucionais.

Essa relação entre diferentes papéis que a literatura assume, aproxima os estudantes de uma educação para os Direitos Humanos, atendendo ao que define o Parecer número 08/2012 - Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, as quais versa sobre os princípios definidos pelo Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação:

Cabe chamar a atenção para a importância de alicerçar o Projeto Político Pedagógico nos princípios, valores e objetivos da Educação em Direitos Humanos que deverão transversalizar o conjunto das ações em que o currículo se materializa. Propõe-se assim que, no currículo escolar, sejam incluídos conteúdos sobre a realidade social, ambiental, política e cultural, dialogando com as problemáticas que estão próximas da realidade desses estudantes. Com isso pretende-se possibilitar a incorporação de conhecimentos e de vivências democráticas, incluindo o estímulo a participação dos/as estudantes na vida escolar, inclusive na organização estudantil, para a busca e defesa dos direitos e responsabilidades coletivas (CNE/CP, 2012, p. 14).

Assim, para que esses objetivos sejam alcançados, espera-se que a sequência didática em suas diferentes fases sirva de apoio instrumental para que o professor proporcione aos estudantes um contato mais aprofundado com o conhecimento literário, sua posição enquanto ser social em um país e, conseqüentemente, no mundo. Desse modo, o professor poderá apontar a obra com seus diferentes recursos e estratégias utilizadas por Azevedo para compô-la, demonstrando que, como aponta Veiga Neto (2007, p. 85)

[...] as distinções radicais entre as diferentes maneiras de ler, bem como as diferentes funções da leitura, Larrosa mostra a possibilidade de fazermos da prática da leitura, na escola ou fora dela, um rico processo de subjetivação, em prol da liberdade e da capacidade de auto-governamento, de nós mesmos e de nossos alunos.

Por isso, proporcionar que os estudantes tenham acesso às obras clássicas da literatura é possibilitar que a arte literária contribua com seu papel humanizador no sentido de possibilitar que eles possam compreender seu lugar enquanto cidadãos do mundo e do país onde vivem.

Dessa maneira, obras como *O Cortiço*, entre tantas outras, com sua característica intemporal, carregam consigo significados que ultrapassam a barreira do tempo, podendo dizer muito sobre o homem do passado e do presente, sobre o mundo real e o ideal, oferecendo aos estudantes grande carga de significados relativos à outras épocas e ao tempo dos leitores.

E, em se tratando dos alunos da contemporaneidade, vale reforçar que cabe aos interessados em propor-lhes um contato maior com os textos literários analisar as potencialidades dos aparelhos eletrônicos que os estudantes utilizam, em um

esforço para que esses equipamentos sejam aplicados em sala de aula como ferramentas auxiliares a serviço do profissional da educação preocupado em formar novos leitores, pois muito do que tem sido produzido artisticamente pela humanidade encontra-se disponível em ambientes virtuais.

Uma vez que é sabido da potencialidade das redes de computadores na difusão de informação, cabe aos interessados em um mundo mais humano desenvolver estratégias que possibilitem aos indivíduos terem contato com as obras literárias de modo a resgatar seu potencial, o que pode ser feito com o apoio dos instrumentos tecnológicos no sentido de apresentar caminhos alternativos que direcionem os leitores aos textos literários.

Nas palavras de Barthes, apontadas por Compagnon (2009, p. 52), “A literatura não permite caminhar, mas permite respirar”, não se pretende criar uma função instrumental para a literatura.

Almeja-se, isto sim, o uso instrumental do aparato tecnológico para que o leitor tenha acesso à obra, para que, daí em diante, sinta-se à vontade para lê-la em sua “finalidade sem fim, assim como a arte se define desde Kant. [...] Se ela [literatura] sozinha pode ter a função de laço social, é, com efeito, em nome de sua gratuidade e de sua largueza” (Compagnon, 2009, p. 43) que se pretende apoiar as ações para a aproximação entre leitores e obras literárias.

## 2. REALISMO E NATURALISMO NO SÉCULO XIX

Como movimento estético, o Realismo tem destaque com as pinturas do francês Courbet entre 1848 e 1850, influenciando as demais correntes artísticas na segunda metade do século XIX, e se opondo ao romantismo de base sentimental e devaneadora em uma visão de mundo idealizado.

As transformações econômicas e sociais ocorridas na Europa entre os séculos XVIII e XIX após a industrialização daquele país remodelou a organização política e social, o que se repetiria no Brasil em fins do século XIX e início do XX, impulsionada pelas descobertas científicas e a organização econômica de um capitalismo que avançava globalmente, envolvendo cada vez mais o ideário humano e artístico com as transformações ocorridas no mundo.

A relação entre os diferentes países após a adoção de políticas de criação de mercado de consumo de manufaturas da metrópole e a submissão dos países periféricos constituía o novo *Zeitgeist*<sup>1</sup>, incorporando nos sujeitos os valores materialistas da época.

Além dessa conjuntura que alicerçou as transformações, também no campo artístico estavam outras descobertas, como aponta Hênio Tavares (1974, p. 74):

O materialismo começa a dominar os espíritos e as cátedras das universidades. [...] No campo dos estudos sociais e políticos já uma aura renovadora estava preparada nas teorias de Saint-Simon, no sistema unitário de Fourier, no sistema mutualista de Proudhon, eclodindo nas idéias avançadas de Marx e Engels. [...] no terreno das ciências biológicas e experimentais surge um Claude Bernard, revolucionando a medicina com sua obra *Principes de Médecine Expérimentale* [...] e ainda Lamarck, precursor da teoria da geração espontânea e do transformismo, que vai encontrar em Darwin o mais eminente sistematizador [...] o célebre naturalista Buffon, dono de um estilo que, só por si, lhe daria lugar na história da cultura humana; Spencer com seu evolucionismo; Haeckel com seu transformismo. E ainda a esses se juntam a obra dos geógrafos Reclus, Peschel, Kohl, Ritter e Ratzel, com a sua antropogeografia. E ainda o materialismo psicológico de Lombroso e de Wundt.

Como também mostrado pelo autor, essas transformações ocorridas naquele período possibilitaram o surgimento dos movimentos Realista-Naturalista. O termo

---

<sup>1</sup> O termo *Zeitgeist* tem origem no idioma Alemão. Segundo o dicionário Longman, define-se como “o espírito ou sensação geral de um período na história, como mostrado pelas ideias e crenças das pessoas em um tempo” (2003, p. 1921, tradução nossa).

“realismo” já aparecia em literatura nas obras de Jules Champfleury, mas se afirma com a obra *Madame Bovary* (1857), de Flaubert, sendo acompanhado por Balzac, Stendhal, Merimée, Renan, Dumas Fils, Anatole France, espalhando-se pelo mundo e encontrando representantes na Inglaterra, Alemanha, Rússia e Portugal, estando entre os representantes deste país o escritor Guerra Junqueiro, na poesia, e Eça de Queiros, na prosa.

Influenciado pelas teorias biológicas – a ideia sobre a fisiologia, o método experimental e a hereditariedade – e pelo seu fascínio por Taine, Émile Zola, em 1880, estrutura sua obra cíclica, composta por 20 romances, estando entre eles *Germinal*, de 1885. Outros escritores seguiram a mesma linha naturalista, como Maupassant; no conto, Teixeira de Queirós, em Portugal, apresenta duas séries de obras: “Comédia do campo” e “Comédia burguesa”. Esta, com seus “estudos fisiológicos e sociais da classe atualmente dominante”, composto por romances escritos entre 1876 e 1919. Hênio Tavares (1974).

No Brasil, também durante o período de efervescência do Romantismo, a obra *Memórias de um sargento de milícias* (1852), de Manuel Antônio de Almeida, já trazia indícios realistas, como a retratação da sociedade carioca; trata-se de um romance de costumes que dava lugar a grupos que não mais desfrutavam dos requintes da classe média-alta, trazendo um anti-herói como homem sujeito às suas necessidades e sem nobreza. O mesmo ocorre nas obras de Visconde de Taunay e de Machado de Assis, entre outros autores de prosa brasileira.

Aluísio Azevedo viera reforçar a tendência naturalista no romance com a obra *O Mulato* (1881), refinando sua técnica em *Casa de Pensão* (1884), *O Homem* (1887) e *O Cortiço* (1890). Como Azevedo, outros escritores publicaram obras pertencentes à mesma escola: Julio Ribeiro escreveu *A Carne* (1888); Inglês de Souza, *O Missionário* e *Coronel Sangrado* (1877); Domingos Olímpio compõe *Luzia-Homem* (1903); Adolfo Caminha, *A Normalista* (1893) e *Bom Crioulo* (1895).

As características consideradas basilares desse estilo são a subordinação da criação às leis biológicas e fisiológicas, compondo um homem que é regido por fenômenos físicos e químicos, pelos fatalismos da hereditariedade e do meio no qual vive.

A temática é preferencialmente obtida da observação das patologias humanas em todos os níveis, pois o naturalismo objetiva reproduzir a natureza e o homem natural. Embora a cultura romântica da época pregasse a vivência humana em sociedade com certas atitudes consideradas desejáveis, é no íntimo das

personagens e, às vezes, na prática, que os escritores naturalistas descrevem seus comportamentos instintivos à maneira como são os homens, negando os valores do Romantismo.

A linguagem é simples, natural, coloquial e vulgar, quando da representação verbal das expressões e gírias dos diferentes grupos sociais e culturais presentes nas narrativas.

O cientificismo é notado nas composições, uma vez que as ações, personagens e outros componentes são vistos como se estivessem sendo analisados de um outro patamar, como quando um biólogo analisa suas lâminas em um microscópio, estratégia que se pode notar em Azevedo na relação que o autor estabelece na descrição de suas personagens como “larvas” (AZEVEDO, 2010, p. 22).

Da denúncia social encontrada nas narrativas nota-se uma inclinação reformadora da sociedade por parte dos autores naturalistas, pois suas obras são, também, denúncia da condição humana como pertencente a um meio que proporciona certos benefícios a alguns e prejuízos a uma grande maioria, o que se percebe nas relações entre as diferentes classes representadas nas obras.

Uma característica marcante na obra naturalista é o amoralismo e a indiferença dos autores em relação aos atos humanos encontrados nas narrativas, importando, para o autor, o ato em si, e não o juízo sobre o mesmo. Os autores procuram apresentar um narrador neutro em sua composição, no sentido de representar o humano com características reais, de modo a não interferir em seu campo amostral, assim como faz a ciência, lidando com as personagens como estratos de um campo de estudo.

Com essa amálgama artística Azevedo compõe a obra que chegaria ao nosso tempo como a referência do período em que foi escrita e como retrato de uma sociedade que se formava no Brasil do final do século XIX.

## **2.1 Aluísio Azevedo**

Como afirmou o português Valentim Magalhães, em 1896 (MENEZES, 1957, p. 29), “Aluísio Azevedo é no Brasil talvez o único escritor que ganha o pão exclusivamente à custa de sua pena, mas note-se que ganha apenas o pão: as

letras no Brasil ainda não dão para a manteiga – como aqui também, creio eu.”

Com essa citação, Raimundo de Menezes abre sua obra biográfica sobre o autor Aluísio Azevedo, escritor e caricaturista nascido em São Luiz, no Maranhão, a 14 de abril de 1857, que por 16 anos viveu da pena – período que durou sua carreira como escritor – na qual compôs 11 romances, dez peças de teatro, um volume de contos, além de inúmeras contribuições para os jornais da época com suas caricaturas.

Menezes aponta que, mesmo antes de ir para a capital nacional, Azevedo já observava os costumes da cidade em que nasceu e morou. Lá, seu ar europeu, com costureiros franceses, cabeleireiros que possibilitavam que as senhoras mantivessem a fama e o requinte parisiense, a presença das mais finas perfumarias, dos fabricantes de chapéus com estilo britânico para os homens e das joalherias de renomadas grifes já despertavam o olhar acurado de Azevedo, desenvolvendo seu senso crítico da realidade: “o trabalho do escravo dá para tudo isso”, demonstrando que na capital maranhense se reuniam os proprietários escravocratas.

Entre outros fatores, o casamento arranjado era um dos costumes apontados pelo autor, o que retomaria mais tarde, já residindo no Rio de Janeiro, quando da composição de *O Cortiço*, para apresentar ao estudante a tradição das alianças familiares para manutenção dos poderes nobiliárquicos e de propriedade.

Assim, Menezes (1957, p.84) reforça que “[...] o material humano estava à sua disposição e bastava colhê-lo, nas ruas acidentadas, nas igrejas transbordadas de beatas, nos sobrados, onde os mexericos dominam...”.

Inspirando-se na carreira de pintor, a qual não pôde seguir, Aluísio certa vez declarou que “Fiz-me romancista, não por pendor, mas por me haver convencido da impossibilidade de seguir minha vocação, que é a pintura. Quando escrevo, afirma, pinto mentalmente. Primeiro desenho os meus romances, depois redijo-os” (MENEZES, 1957, p.146).

O autor da biografia aponta que, para compor suas obras, Azevedo pesquisava “documento humano” nas estalagens, ia às pedreiras, familiarizava-se com cavouqueiros, comia em casas de pasto, à mesa ruidosa dos trabalhadores, conversava com eles, estudava-lhes os tipos, costumes, a linguagem, surpreendia-se com os instintos, ria com as pessoas e comovia-se quando os via acabrunhados.

Pardal Mallet também informa sobre sua participação junto de Azevedo nas pesquisas de campo

[...] os primeiros apontamentos para *O Cortiço* foram colhidos em minha companhia em 1884, numas excursões para “estudar costumes” nas quais saíamos disfarçados com vestimenta de popular – tamancos sem meia, velhas calças de zuarte remendadas, camisas de meia rôtas nos cotovelos, chapéus forrados e cachimbo no canto da boca. (MENEZES, 1957, p. 175)

Embora Azevedo escrevesse belamente, seu descontentamento em relação à escrita começara a aparecer quando se referira à opção de viver das letras em um país de analfabetos, manifestando seu interesse em encontrar um emprego público “em que conseguisse alguma coisa que me garantisse o teto e a mesa, deixava de mão pena, papel e tinta e todas essas burundangas que só tem servido para incompatibilizar-me com o clero, a nobreza e o povo. De letras, estou até aqui! Os editores enriquecem como os fazendeiros: à custa dos escravos” (MENEZES, 1957, p. 184).

Antes de abandonar a “vida de romance”, Aluísio Azevedo inicia um compêndio dos fatos sociais e políticos de sua época organizando-os no gênero romance, fatos estes que, segundo o biógrafo, “jamais serão apresentados pela História”.

Na composição de *O Cortiço*, diferente dos demais escritores da época, aos quais é atribuída a cultura da boêmia, Azevedo se fechava no sótão, “[...] às voltas com os bonecos, [que criava para representar cada personagem da obra que estava sendo escrita], deliciando-se com o inseparável cachimbo[...].” (MENEZES, 1957, p. 214), na criação daquela que é considerada sua obra-prima.

O que os leitores não sabiam é que todos aqueles tipos, costumes e fatos narrados haviam sido colhidos no cotidiano dos cortiços e nas ruas do Rio de Janeiro, com seus cavouqueiros, lavadeiras e trabalhadores com quem o escritor conviveu semanas para levantamento de dados, sendo posteriormente atribuída à obra o status de alegoria do Brasil do final do século XIX, deixando para a posteridade o registro da vida de um povo que, vivendo em condições precárias, formavam a base da cultura nacional.

O Rio popular do tempo da capoeiragem está todo aí, nessa mistura de negros, mulatos e emigrantes portugueses, nessa amálgama de explorados e exploradores, nessa população dependente da pedreira que a faz viver e também morrer, que representa, no sentido próprio e figurado, todo o seu horizonte. (MENEZES, 1957, p.230)

De todas as transformações pelas quais passavam o Rio de Janeiro do final do século XIX, muitas remodelariam a sociedade para os séculos seguintes. Logo, as identidades dos diferentes povos, com suas crenças, etnias e culturas, se misturavam para formar um novo sistema de valores pelos quais seria regido o novo sistema que se pretendia democrático em uma República que nascia.

A *Formação das Almas*, de José Murilo de Carvalho (1990, p.32-33) apresenta a descrição do que se pretendia nacionalmente por parte dos propositores do novo sistema social que se iniciava na mesma época em que Azevedo compõe sua obra-prima na acalorada transição entre o sistema monárquico e a República:

[...] a busca de uma identidade coletiva para o país, de uma base para a construção da nação, seria tarefa que iria perseguir a geração intelectual da Primeira República (1889-1930). Tratava-se, na realidade, de uma busca das bases para a redefinição de República, para o estabelecimento de um governo republicano que não fosse uma caricatura de si mesmo.

Essa contribuição histórica trazida à baila do estudo literário tem por objetivo estimular o estabelecimento de relações entre a obra e o Brasil de modo a extrapolar o entendimento da mesma como arte fechada em si, combinando as duas áreas para que os estudantes percebam a existência de união entre os temas e os fatos históricos e sociais, sendo possível estabelecer relações não somente entre a obra e o tempo em que foi criada, como também a soma dessas duas áreas para o entendimento sobre a contemporaneidade.

Um exemplo dessa relação pode ser traçada entre um dos ramos de atividade de trabalho do Rio de Janeiro do final do século XIX, apontado pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda (1972. p. 325): “[...] incessantemente se exploravam pedreiras de granito, quer para calçar a cidade e tornar mais fáceis as comunicações, quer para embelezar os novos prédios” e a construção artística do espaço, na qual Azevedo descreve com riqueza de detalhes o ambiente e os trabalhadores:

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de

outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar- lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio, Aqueles homens gotejantes de suor, bêbados de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito (AZEVEDO, 2010, p. 45).

No excerto acima pode-se observar, ainda, que o autor explora recursos estilísticos, como a onomatopeia “retintim”, referindo-se aos efeitos sonoros do contato das ferramentas metálicas com a rocha durante um exercício laboral repetitivo e desgastante, o que é enfatizado pelo polissíndeto que liga as frases indicativas dos diferentes sons produzidos pelas atividades desempenhadas pelos trabalhadores.

Ainda com base no excerto anterior, pode-se notar que essa soma de recursos dita um ritmo de trabalho cada vez mais intenso é marcada pela gradação presente na descrição das atividades laborais e sua consequência aos trabalhadores “gotejantes de suor, bêbados de calor, desvairados de insolação”, o que se repete na frase seguinte, a qual demonstra a ação dos homens contra o seu objeto de labor “a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra”.

Essa ação inútil que reduz os homens a “demônios revoltados na sua impotência” em uma comparação entre as suas forças e as da montanha, “impassível gigante que os contemplava com desprezo” destaca a incapacidade humana frente à personificação da força da natureza que, mesmo com o desfecho de tiros contra o seu dorso, coloca os homens em uma hiperbólica “luta de vingança e de ódio”, resultando em uma oposição entre toda aquela barulheira apresentada até então e a montanha “sem um gemido” (AZEVEDO, 2010, p. 45).

As formas humanas atribuídas a seres inanimados coloca no caminho dos trabalhadores um “impassível gigante que os contemplava com desprezo” (AZEVEDO, 2010, p. 45), de forma que este gigante representa “tudo aquilo que o homem tem de vencer para libertar e expandir sua personalidade”, como apresenta Jean Chevalier (2015, p. 470).

Além disso, levando-se em conta os aspectos sonoros apresentados pela passagem, o autor parece criar uma espécie de partitura para que o leitor ouça o

ambiente no qual está transitando mentalmente por meio da leitura.

Explorando mais de um dos sentidos daquele que lê, Azevedo coloca o leitor em meio a um cenário caótico possibilitando-lhe ouvir uma orquestra rudimentar composta pela escavação e preparação de um campo de batalhas no qual haverá um confronto entre os homens e um gigante mitológico, quiçá Tártaro, fazendo referência à pedreira.

Nesse cenário conturbado de batidas e barulhos pode-se pensar na representação dos diferentes movimentos constituintes da nação em um processo de construção simbólica do país na fase de transição entre Monarquia e República, como os embates que criaram uma dissonância administrativa nacional, com o Brasil recebendo influências de diferentes posicionamentos políticos e ideológicos em decorrência da abertura dos portos e a inserção do país no mercado mundial, o que geraria inevitavelmente oposição entre os grupos.

Para melhor descrever uma disputa que culminou na queda da Monarquia no Brasil, Guerra Junqueiro, em *Finis Patriae* (1891), expressão poética de descontentamento e afronta à Inglaterra pela agonia do autor em decorrência da queda da Monarquia portuguesa, inicia sua composição utilizando citações de O. Martins para apontar as atitudes tomadas pelo príncipe regente no campo político e econômico quando da disputa por parte do território africano entre Portugal e Inglaterra.

Essa publicação apresenta um momento em que o país lusitano pretendia exercer sua soberania sobre os territórios localizados entre Angola e Moçambique, o que impediria a Inglaterra de construir uma faixa de território e uma ferrovia que ligasse o Cairo à Cidade do Cabo, fato que motivou o ultimato britânico, de 1890, quando o país de Camões cederia, causando sérios danos à imagem do governo monárquico português e culminando em sua queda.

Desse modo, entende-se o declínio da Monarquia portuguesa e a consequente abertura dos portos brasileiros para o país britânico, propiciando a ascensão da burguesia nacional, principalmente no ramo do comércio de produtos manufaturados ingleses. Notam-se as concessões e as trocas entre os representantes dos dois países para a manutenção dos poderes de seus representantes:

Uma semana apenas, depois de chegar, o príncipe-regente, aconselhado pelo seu protector, abriu os portos do Brasil ao comércio de todas as nações amigas: eufemismo de boa economia que queria dizer, - à Inglaterra. Ainda assim não lhe bastava isso, a ela que na Europa tanto se esforçava para conservar o morgado braganção. Exigia a paga, e obteve os tratados de 1810 (19 de Fevereiro). Mais uma vez a dinastia vendia o reino, como Esaú a primogenitura; mais uma vez, depois de tantas, o Bragança, para conservar o trono, sacrificava o reino. (O. MARTINS, apud JUNQUEIRO, 1891, p. 10)

Outra correspondência a esses fatos históricos ocorridos no Brasil do final de século podem ser encontrados na obra de Azevedo, principalmente na representação das atividades comerciais de João Romão, personagem escolhida pelo autor para representar um comerciante português que enriquecera na exploração dos alugueis de um cortiço, na exploração do trabalho em sua pedreira.

## 2.2 A obra *O Cortiço*

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje analisa-se *a posteriori*, por processos tão exatos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar (SIMÕES, 1968, P. 69).

Das personagens da obra de Azevedo, João Romão é um vendeiro português que trabalha dos 13 aos 25 anos de idade para um comerciante de mesma nacionalidade que, quando retorna para Portugal, deixa para o funcionário a venda no subúrbio do Rio de Janeiro e uma quantia em dinheiro.

Com os seus recursos financeiros, somado ao empréstimo feito pela escrava Bertoleza, João Romão inicia a construção de um cortiço e adquire a primeira parte daquela que viria a ser uma grande pedreira, onde emprega vários trabalhadores.

Desses, Jerônimo, compatriota de Romão, vem para o Brasil com sua esposa e filha para fazer fortuna e acaba se relacionando com Rita Baiana, uma mulata brasileira amante de Firmo, o que gera uma relação de disputa entre os homens por

Rita, o que acarreta uma tragédia entre os dois.

Na comparação entre a narrativa de Azevedo e os fatos históricos da capital carioca do final do século XIX, durante a transição da Monarquia para a República, percebe-se que os acontecimentos proporcionaram aos artistas rico material humano, histórico e social para suas criações representativas da vida em sociedade.

Durante esse período, no qual se tem a influência de diferentes correntes filosóficas, os intelectuais e escritores trazem para suas composições elementos dessas correntes, como é o caso do Positivismo, de Augusto Comte, do qual Azevedo se aproxima em sua estética para descrever os anos formadores das bases sociais do país e alicerçar as mazelas ainda não resolvidas nesse campo:

Segundo a estética positivista, a imaginação artística deve ter por inspiração o sentimento, por base a razão, e por fim a ação. Isso significa que ela não poderia afastar-se da realidade definida pela ciência, ao mesmo tempo em que devia buscar afetar a política, mediante a idealização dos valores e das pessoas consideradas modelos para a humanidade. Em suas próprias palavras (Comte), “A arte consiste sempre em uma representação ideal do que é, ele se destina a cultivar nosso instinto de perfeição” (CARVALHO, 1990, p. 132).

O determinismo, fundamento teórico de Hippolyte Adolf Taine, filósofo, historiador e crítico literário que acreditava que o comportamento do homem era determinado por três fatores, sendo eles a raça, o meio no qual o homem vive e o momento histórico, também serviu de base para o escritor brasileiro.

Essa doutrina filosófica que apregoava que o ser humano estava condicionado aos três fatores influenciou os escritores a analisarem a sociedade da época e narrarem um homem que agia segundo as regras impostas pelo seu meio social, econômico e cultural, possibilitando ao leitor questionar se o homem é mesmo fruto do meio ou se este pode transformá-lo.

Assim, a partir da observação, o autor coloca em primeiro plano os trabalhadores, os menos favorecidos em uma sociedade profundamente desigual, e apresenta a relação entre exploradores e explorados. Assim o faz trazendo ao leitor os fatores sociais e psicológicos das personagens apoiados nas leis naturais, deixando de lado explicações transcendentais e espirituais.

Nessa vertente interpretativa, torna-se possível observar que a obra de Azevedo, além de representar os costumes, a cultura e os demais aspectos da vida

social na cidade daquela época, a qual se remodelava para atender as novas necessidades criadas para a organização social baseada na aglomeração urbana, no trabalho em fábricas, na criação de mercado consumidor para os produtos estrangeiros.

Conseqüentemente, sua obra apresenta a degradação humana nos grandes centros urbanos, possibilita ao leitor voltar ao passado e ver, com os olhos do autor, a formação econômica da classe média burguesa em detrimento do trabalhador assalariado, assim como a determinação de um sistema cultural e social baseado no consumo que regeria a vida dos demais grupos sociais, condicionando-os aos mandos do capital financeiro.

De acordo com Leo Huberman (1981, p. 227)

(Henry Morton) Stanley sugeria aos preocupados capitães da indústria uma saída ao dilema do que fazer com o excedente de suas manufaturas. As colônias - esta era a resposta. Os capitães da indústria de outros países descobriram a mesma resposta para seu problema, na mesma época. Depois de 1870, a Inglaterra, França, Bélgica, Itália e Alemanha se uniram numa busca de colônias como mercado para produtos excedentes. A vez da América chegaria em 1898. Naquele ano, o senador republicano Albert J. Beveridge disse a um grupo de líderes comerciais de Boston: "As fábricas americanas estão produzindo mais do que o povo americano pode usar; o solo americano está produzindo mais do que o povo pode consumir. O destino escolheu para nós a política a adotar; o comércio do mundo deve ser, e será, nosso. E o conseguiremos, pois nossa mãe (Inglaterra) nos disse como. Estabeleceremos postos comerciais em todo o mundo, como pontos de distribuição dos produtos americanos.

Essas transações planejadas além mar que se dariam entre Brasil e os outros países por meio da criação de mercado consumidor brasileiro e alicerçadas na burguesia comerciária encontram representação na obra de Azevedo em um sonho de João Romão:

E logo, de todos os cantos do quarto, começaram a jorrar cascatas de libras esterlinas, e a seus pés principiou a formar-se um formigueiro de pigmeus em grande movimento comercial; e navios descarregavam pilhas e pilas de fardos e caixões marcados com as iniciais do seu nome; e telegramas faiscavam eletricamente em volta da sua cabeça; e pacotes de todas as nacionalidades giravam vertiginosamente em torno de seu corpo de colosso, arfando e apitando sem trégua; e rápidos comboios a vapor atravessavam-no todo (AZEVEDO, 2010, p. 104).

Apoiando-se no uso do polissíndeto, o autor reforça o recurso imagético de agitação e movimentos ininterruptos da imensa quantidade de visões que João Romão tem durante o sonho, as quais representam as negociações transnacionais que viriam a ocorrer com a abertura dos portos brasileiros.

Essa reorganização social de criação de mercado consumidor no país que necessitou deslocar massas de pessoas para as cidades fez com que surgissem os grandes centros urbanos e seus consequentes contrastes e conflitos nos diferentes campos.

A obra representa, de alguma forma, a formação da classe média burguesa do Brasil, a qual enriquece com um espírito capitalista devorador por meio da posse dos diferentes meios de produção e renda, como na exploração de João Romão a seus funcionários na pedreira, na cobrança de alugueis dos cômodos do cortiço e da venda de gêneros alimentícios em sua loja.

O cortiço de João Romão é um local em que vidas se iniciam e findam em um movimento cíclico como seres dentro de um organismo maior que possui vida própria, estando em constante transformação: “e naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco” (AZEVEDO, 2010, p.22).

A proximidade desse excerto, no qual Azevedo se utiliza da zoomorfização para compor os moradores daquele local, e a condição geográfica da cidade do Rio de Janeiro apontam para as origens da aglomeração urbana e dos consequentes contrastes sociais e econômicos existentes no grande centro urbano moderno no qual se transformou a capital nacional da época. Também aponta para as bases da República nacional.

Representando o país como uma cópia do cortiço, Azevedo compõe sua obra baseando-se em um cortiço que existiu no bairro de Botafogo, o qual chegou a ter 400 casas e constituía uma pequena república com vida e leis próprias. É nesse espaço republicano, onde o país sustenta-se economicamente, que nascem diversas manifestações culturais as quais são a imagem do Brasil.

José Murilo de Carvalho (1987) traz em outra obra indicações sobre a formação da cultura nacional. Em *Os bestializados – O Rio de Janeiro e a República que não foi*, nos apresenta a cultura que se formou nesse momento do Brasil República em sua nova configuração social e econômica

A cidade não era uma comunidade no sentido político, não havia o sentimento de pertencer a uma entidade coletiva. A participação que existia era de natureza antes religiosa e social e era fragmentada. [...] concretizavam-se em pequenas comunidade étnicas, locais ou mesmo habitacionais; um pouco mais tarde aparecia nas associações operárias anarquistas. Era a colônia portuguesa, a inglesa; eram as colônias compostas por imigrantes dos vários estados; era a pequena África da Saúde, formada por negros da Bahia, onde, sob a matriarcal proteção de Tia Ciata, se gestava o samba carioca e o moderno carnaval (CARVALHO, 1987, p. 38).

A aproximação entre a obra literária azevediana e a histórica, de Carvalho, possibilita perceber os movimentos e conflitos dentro dos diferentes grupos, o que se deu principalmente pela medição de forças entre os que defendiam a Monarquia e os republicanos que tinham o objetivo de substituir um governo e constituir uma nação democrática, ao menos em teoria, culminando na fundação de uma sociedade profundamente desigual e hierarquizada mediada pelo sistema econômico feroz em um momento em que havia muita especulação financeira devida à abolição da escravidão e às conseqüentes demandas geradas na sociedade.

Logo, *O Cortiço* se apresenta muito para além de um romance que descreve a vida das personagens em um meio isolado. Azevedo compila em sua obra a alegoria da nação brasileira em um momento em que as primeiras raízes das relações econômica, sociais e culturais que pautariam a sociedade até a atualidade se agarram ao solo.

Esse exercício artístico que vai para além do livro se torna uma intervenção política de reorganização da vida civil a partir da arte, retratando a organização urbana com suas decadências e, o mais importante, possibilitando ao estudante refletir sobre essa ordem de coisas e das suas origens:

Em tais circunstâncias, não se podia nem mesmo falar na definição utilitarista do interesse público como a soma dos interesses individuais. Simplesmente não havia preocupação com o público. Predominava a mentalidade predatória, o espírito do capitalismo sem a ética protestante (CARVALHO, 1990, p. 30).

Essa pintura da sociedade feita com palavras, compondo um realismo fotográfico com cores extraídas de outras artes dominadas por Azevedo, a pintura e

o desenho, faz com que o estudante caminhe pelos espaços descritos pelo autor envolvendo-o em diferentes sensações por meio da escrita.

Roberto Sarmiento Lima (2013, p. 29) aponta para as palavras de Arthur Azevedo quando este declara que “a grande vocação de Aluísio era a pintura [...] Contrariado no legítimo desejo de estudar aquela arte, o seu talento desviou-se do curso normal e procurou as letras. Aluísio escreveu o que não podia pintar”, em trabalho no qual defende que o autor brasileiro une ao Naturalismo traços impressionistas que dão ao texto toques que, em certos pontos da obra, tomam direções que não primam apenas pela objetividade e racionalidade.

Pode-se notar um exemplo dessa afirmação quando o autor faz referência à Rita Baiana para mostrar o desequilíbrio mental que a brasileira causa no imigrante português Jerônimo: “ela era a luz ardente do meio dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras” (AZEVEDO, 2010, p. 70).

Como o autor pontua, embora em certos momentos Azevedo tenha enveredado pelo Impressionismo como estratégia de estilo, é no Naturalismo que a maior parte de sua obra está ancorada de forma a representar a época em que foi escrita, manifestando preocupação pela busca de

[...] uma explicação materialista para os fenômenos da vida e do espírito, bem como a redução dos fatos sociais aos seus fatores externos, sobretudo os biológicos, segundo os padrões definidos pelas ciências naturais. As instituições da sociedade, principalmente as jurídicas, deixaram de ser consideradas como manifestações da Providência, ou da razão humana, para serem interpretadas como produtos, como consequência necessária de certos fatores condicionantes, dos quais se destacam o meio físico e a raça (CANDIDO, 1978, p. 91).

Isso demonstra a influência de correntes filosóficas em voga na época na composição das obras, como a evolucionista, do naturalista britânico Charles Darwin, após a publicação de *A Origem das Espécies*, em 1859, assim como o pensamento determinista de Hippolyte Taine, o qual definia que o comportamento humano dependia das características fisiológicas do indivíduo, do meio e do momento histórico.

Influenciado por essas teorias, Azevedo define algumas características de seu enredo levando em conta a ideia de que as leis naturais eram as únicas

responsáveis pelo destino do indivíduo.

Desse modo, as personagens agem guiadas pelos instintos e são resignadas, já que seu destino não depende de sua vontade ou interferência: “a cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria” (AZEVEDO, 2005, p. 204).

O positivismo, de Augusto Comte, e o socialismo, de Karl Marx, foram outras correntes filosóficas que influenciaram o autor em sua criação, fazendo com que o escritor se sentisse no dever de revelar o que leva suas personagens a agirem como agem (comparando as atitudes de umas com as outras), almejando entender qual a verdade por trás do comportamento em sociedade, assim como apontando as desigualdades existentes em consequência da hierarquização e das relações entre as classes sociais, Maurício Cesar Menon (2011, p. 151) afirma, sobre a obra do autor, que

[...] integra, por vezes, o chamado romance de tese, por outras, esbarra no folhetim de caráter romântico melodramático; percebe-se em alguns momentos um Aluísio preocupado com a denúncia dos problemas político-sociais de seu tempo, em outros um escritor que se evade a um universo insólito, fantástico, policial ou detetivesco.

Também é possível encontrar registro da cultura social da época na representação das personagens que se unem em matrimônio pelo sistema de dote, no caso de Miranda e Dona Estela, e os costumes sociais que giravam em torno da sociedade organizada segundo a estrutura patriarcal-escravocrata com seus pensamentos baseados no sistema monárquico de títulos sociais.

Da mesma maneira, a obra denuncia o matrimônio como estratégia elitista de aliança de poderes econômicos e políticos, “entendia também que os sérios interesses comerciais estavam acima de tudo. - Uma mulher naquelas condições, dizia ele convicto, representava nada menos que o capital, e um capital em caso nenhum a gente despreza!” (AZEVEDO, 2010, p. 29).

Em relação à representação da junção dos diferentes povos para a formação do povo brasileiro feita por Azevedo em sua obra, vale lembrar as observações de Candido (2011, p. 199) quando defende que a crítica naturalista no Brasil “transmitiu por vezes a ideia enganadora de que a literatura foi aqui produto do encontro de três

tradições culturais: a do português, a do índio e a do africano”, afirmando que o que houve não foi a junção dessas três literaturas, mas sim a “modificação do universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento ao Novo Mundo”.

O *Cortiço* demonstra ao estudante que é possível encontrar na literatura a representação da sociedade em que ele vive em suas diferentes épocas e que na arte “se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração” (CANDIDO, 2000, p.47).

Ao professor, torna-se possível trabalhar aspectos literários e históricos de modo a proporcionar aos estudantes entendimento de si e do todo no qual estão inseridos, tornando-os capazes de atuarem como seres transformadores da sociedade.

### **2.2.1 O cortiço de São Romão**

Na composição do espaço do cortiço de João Romão, Azevedo escolhe dar início à narrativa representando a atividade de trabalho do vendeiro, a qual lhe proporciona renda para organizar sua pequena república a partir da construção de “três casinhas”, fruto do espólio de tudo o que o ganancioso João Romão encontrava e conseguia pilhar para a formação de seu patrimônio.

Em um primeiro plano, o uso do diminutivo da palavra casa remete claramente à ideia do tamanho dos prédios que o capitalista pretendia construir para alugar. Já em uma análise um pouco mais aprofundada, os três prédios que lhe proporcionariam recursos iniciais para construir aquele que seria um imenso cortiço moldado como uma república poderia fazer referência indireta aos três poderes existentes em uma sociedade republicana.

Como demonstra Chevalier (2015, p. 899) sobre o simbolismo do número três, “Esse número também exprime a totalidade da ordem social, notadamente a composição tripartida das sociedades indo-européias. Segundo Georges Dumézil, essa tripartição, que se verifica na análise de toda estrutura social, foi estabelecida em uma filosofia global do mundo...”.

Enquanto João Romão, representante da classe média que ganhava a vida

de sol a sol desviando, enganando, cobrando além do preço, o Comendador Miranda, negociante português, e sua esposa são os representantes da aristocracia e vivem da loja de tecidos fabricados na Inglaterra, em uma referência ao sistema econômico baseado no comércio de produtos ingleses no Brasil.

Assim, há a representação de dois grupos inicialmente antagônicos: a classe média, que ascendia economicamente na recém criada República, e a aristocracia decadente, seguidora da cultura da manutenção de títulos nobiliárquicos oriundos da Monarquia.

O autor também utiliza a simbologia das letras iniciais dos nomes das personagens Romão e Miranda para fazer referência aos dois paradigmas de sociedade, República e a Monarquia, em que esta era suplantava pela primeira.

Embora haja um conflito inicial entre Miranda e Romão, em decorrência da disputa pelo terreno onde este constrói o cortiço sob as janelas do sobrado – construção arquitetônica esta que simboliza a elevação social e cultural de Miranda – esse território faz referência às terras brasileiras onde seria construída a nação, e as desavenças de ambos, às forças de detenção do poder das decisões políticas e econômicas no Rio de Janeiro do final do século XIX, o que reestruturaria social e culturalmente o país.

Esse contato entre os diferentes grupos se reconfigura de modo que, embora um deles ascenda, permanece à margem de algum sistema de significados, como é o caso de João Romão, o qual se encontra em ascensão social, mas é um indivíduo desprovido de títulos, ao contrário de Miranda, detentor da nobiliarquia.

Ao mesmo tempo, Miranda, que possui títulos, encontra-se em decadência econômica, vendo na aproximação de Romão uma possibilidade de união de forças para se manter em seu posto de poder.

Para solucionar o problema de ambos, entre conflitos pessoais e uma relação ambiciosa e de inveja recíproca, Azevedo encaminha as personagens para uma aproximação que os une em seus interesses: a aliança entre o poder econômico e o aristocrático a partir do casamento de João Romão e Zulmira, filha de Miranda, personificando os hábitos das famílias cariocas para se manterem no controle do poder social, econômico e político por meio da cultura do dote.

A escolha do gênero no qual o texto está estruturado é outro fator indicativo de referência à classe média brasileira do período, pois se sabe que o romance se estruturou a partir dos folhetins dos jornais que serviam para entreter aquele grupo em ascensão social, como o próprio João Romão “lia de cabo a rabo, com uma

paciência e santo, na doce convicção de que se instruíra” (AZEVEDO, 2010, p. 134).

Entre a aristocracia e a burguesia encontra-se o povo, formado pelos trabalhadores de diferentes etnias que aparecem na obra representados pelos funcionários de João Romão, suas esposas lavadeiras e seus filhos, vivendo em um espaço dominado pelo capitalista em todos os setores, o que faz com que suas vidas não saiam de um sistema cíclico administrado por Romão, pois o que os trabalhadores ganham na pedreira, gastam na venda do patrão, fazendo retornar ao bolso do capitalista os salários que ganharam no trabalho da pedreira.

Essa relação entre patrão e trabalhador é de exploração do homem pelo homem na forma do trabalho, o que reduz o ser humano ao patamar de animais de carga, indicado pelo autor através da zoomorfização.

Em seu estudo *De cortiço a cortiço*, Antonio Candido (1991, p. 115) ensina que essa estratégia de apresentação das personagens não se trata de uma “equiparação graciosa do animal ao homem (à maneira das fábulas), mas, ao contrário, de uma feroz equiparação do homem ao animal, entendendo-se (e aí está a chave) que não é o homem na integridade do seu ser, mas o homem-trabalhador”.

Esses homens e mulheres que vinham de diferentes partes do Brasil e de Portugal para trabalhar nas terras de Romão traziam consigo suas culturas, as quais eram representadas pelas comidas, danças e músicas, como é o caso do fado português que, aos poucos, ia se misturando aos ritmos africanos e formando a cultura brasileira.

A estética escolhida por Azevedo para o aprofundamento de suas análises sociais de modo a ser considerado o papa do Naturalismo no Brasil é apontada por Afrânio Coutinho (1969, p. 25), quando nos informa que “o romance fundiria realidade e fantasia, análise e invenção. 'Assim como no teatro, no romance, o gosto da história, dos motivos e personagens, é de tal maneira disseminado, que imprime ao gênero uma de suas formas principais na época: o romance histórico”.

Sobre o processo de aculturação do imigrante português, Azevedo aponta não somente para a relação do mesmo com a música e os costumes do país, assim como para as relações que deram origem à miscigenação do povo. Utilizando a personificação, apresenta a influência exercida pela voluptuosa Rita Baiana, a qual é transformada em deusa mitológica de sedução que envolve o imigrante:

Jerônimo nada mais sentia, nem ouvia, do que aquela música embalsamada

de baunilha, que lhe entotecera a alma; e compreendeu perfeitamente que dentro dele aqueles cabelos crespos, brilhantes e cheirosos da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas que lhe iam devorar o coração. (AZEVEDO, 2010, p. 71)

Dessa e de outras relações amorosas existentes no cortiço saem as ideias que farão com que a concepção de Pombinha sobre o amor seja estruturada. Para esta personagem Azevedo reservara os pensamentos quanto a condição humana.

Das indagações da menina sobre os sentimentos dos que lhe pediam para escrever cartas surgem as reflexões sobre o que vem a ser o amor e o poder que ele exerce sobre os homens “obrigando-a a tirar da substância caprichosa da sua fantasia de moça ignorante e viva a explicação de tudo que lhe não ensinaram a ver e sentir” (AZEVEDO, 2010, p. 129).

Essa personagem, que é considerada a “flor do cortiço” (AZEVEDO, 2010, p. 35), simboliza o “princípio passivo” (CHEVALIER, 2015, p. 437), a pureza da alma humana que, inserida em um lugar caótico, possibilita ao autor embasar sua tese determinista que questiona a influência do meio e sua interferência na construção do ser humano ou o homem teria a capacidade de transformar o meio.

A moça, que chega aos dezoito anos sem atingir a formação biológica para a geração da vida, provoca alaridos no cortiço por ser este fato o que todos aguardavam, de modo que era esta a fase na qual estaria apta para casar-se com um pretendente, o Costa.

Quando da descrição desse ápice da adolescência de Pombinha, o autor afasta-se de uma narrativa rigorosa baseada na estética naturalista e adentra no campo onírico para descrever as sensações da personagem ao receber o tão aguardado fluxo e, embora o faça, mantém a verossimilhança de forma sublime:

É curioso observar como, mesmo mergulhado na objetividade naturalista, o escritor suspende o curso da mimese e recorre ao sonho carregado de conteúdo não apenas simbólico, mas alegórico: ao possuir figuradamente Pombinha, o Sol-Brasil, que escalda o sangue, dissolve os costumes, desencaminha os portugueses honrados é também força de vida. Assim, Aluísio põe entre parênteses a "explicação" determinista, encharcada de meio e raça, para recorrer à "visão", que se interpreta na chave do símbolo e da alegoria (CANDIDO, 1991, p. 127).

A descrição da cena de sexo entre Pombinha e Léonie caracteriza atitude

inovadora na literatura nacional. O tema de uma relação homoafetiva feminina pode ser visto primeiramente na obra *A Condessa Vésper* (1882), onde se apresenta essa temática considerada tabu, principalmente por se estar em uma sociedade conservadora e preconceituosa.

Além disso, na contramão desse conservadorismo, Azevedo (2010, p. 96) já indiciava manifestações emancipatórias femininas, representadas pelo pensamento de uma mulher do cortiço, o que ao mesmo tempo seria uma denúncia, dado o nível de brutalidade do sexo masculino contra elas, chegando a ver na prostituição de Léonie uma opção de fuga daquela realidade: “só o que afianço é que esta não está sujeita, como a Leocádia e outras, a pontapés e cachações de um bruto de marido! É dona de suas ações! Livre como o lindo amor! Senhora do seu corpinho”.

Além de Pombinha, outros adolescentes aparecem na obra, os quais são considerados em grande parte das análises literárias como personagens secundárias.

Para o desenvolvimento desta proposta pretende-se inverter tal perspectiva, tornando a abordagem sobre elas o ponto de partida para a leitura literária, sendo a sequência didática um instrumento que almeja tal feito de maneira a ser uma estratégia de aproximação entre estudante e obra a partir das temáticas presentes na vida adolescente e em voga na sociedade contemporânea.

Antonio Candido (2000, p. 37) observa que partir da realidade dos estudantes fora preconizada por Rousseau, que “discerniu há mais de 200 anos que o menino não é um adulto em miniatura, mas um ser com problemas peculiares, devendo o adulto esforçar-se por compreendê-lo em função de tais problemas”.

Esta reflexão de Candido reforça a possibilidade desse tipo de estratégia de leitura da obra partindo das realidades vivenciadas pelos estudantes em seu cotidiano e que encontram em *O Cortiço* (2010) ligação temática com as personagens adolescentes da narrativa.

### **2.2.2 Adolescentes e Jovens em *O Cortiço* – um tema para sala de aula?**

Busca-se abordar, neste tópico, as experiências vividas pelos adolescentes representados na obra de modo que ao profissional da educação seja possível elaborar estratégias que possam atrair a atenção dos estudantes para a literatura,

somando o seu conhecimento sobre a obra aos anseios dos jovens leitores em uma rede de conhecimentos para que se entenda o mundo onde todos vivem.

Assim, elencando as demais personagens jovens e seus dilemas é possível que ao professor ter instrumentos para o seu trabalho com a sequência didática, não o impedindo de elaborar outras abordagens e formas de preparação das atividades para o desenvolvimento de suas aulas, adaptando-as à maneira que melhor julgar relevante para o público atendido nas escolas.

Como já mencionado anteriormente, as personagens João Romão e Zulmira, filha de Miranda, se unem em matrimônio, união que atende aos interesses financeiros dos adultos. No entanto, se a temática for abordada a partir da perspectiva da adolescente, espera-se que o estudante analise o texto de modo a identificar nele as marcas que mais chamam sua atenção em comparação aos seus anseios.

Ainda, pode ser-lhe apresentada a cultura do dote, tida como comportamento aceitável em uma determinada época e sociedade, podendo suscitar reflexões em torno da cultura da sociedade e dos jovens daquele tempo.

O autor dá enfoque especial na descrição das características físicas da personagem Zulmira, de maneira a enfatizar que se trata da menina ainda em fase de crescimento, características peculiares da maioria das adolescentes de sua idade, que gira entre 12 e 13 anos.

Para Zulmira, Azevedo propõe um namorado que lhe fala sobre casamento, mas que é impedido de se aproximar da menina, pois querem escolher para ela o marido pelo sistema do dote, pois aos 17 anos, a jovem já era vista pelos pais como um “investimento”, já que eles possibilitavam encontros em sua casa entre ela e o velho vendeiro João Romão, apontando para o início da união entre os dois e, conseqüentemente, da união financeira dos capitalistas adultos:

João Romão, vestido de camisa clara, uma gravata à moda, já familiarizado com a roupa e com a gente fina, conversava com Zulmira que, ao lado dele, sorrindo de olhos baixos, atirava migalhas de pão para as galinhas do cortiço; ao passo que o vendeiro lançava para baixo olhares de desprezo por aquela gentalha sensual, que o enriquecera, e que continuava a mourejar, de sol a sol, sem outro ideal senão comer, dormir e procriar (AZEVEDO, 2010, p. 146).

A cultura da união matrimonial definida pelos pais de acordo com seus

interesses financeiros é apontada também na obra de Raimundo de Menezes (1957, p. 39), biógrafo de Aluísio Azevedo, onde o escritor aponta para aquele costume: “A mocinha não tem direito à um pio. Aceita tudo com um sorriso amarelo. Na alcova, mais tarde, chora lágrimas de amargura”.

A abordagem sobre o sistema de escolha de maridos para as moças da época por seus pais pretende fazer do tema um material de trabalho para que os professores possam introduzi-lo como uma tentativa de aproximação entre estudantes e texto literário, almejando que isto sirva de instrumentalização para que, lendo, eles busquem as origens desses hábitos do passado, assim como a resolutividade dos conflitos vivenciados pelas personagens.

Outro tema recorrente na sociedade contemporânea é a gravidez na adolescência e suas consequências, principalmente para as meninas menores de idade em fase escolar. Esse tema, também encontrado na obra de Azevedo, torna possível que os profissionais da educação desenvolvam atividades de leituras e debates com os estudantes, enriquecendo o trabalho docente interdisciplinar, propondo atividades paralelas de orientação e prevenção, por exemplo.

Ao estudar a personagem Florinda, professores e estudantes podem investigar o caso da menina de maneira a trazer para a sala de aula discussões que possibilitem aos mesmos o entendimento do caso da adolescente.

Esta é a proposta apontada pela sequência didática, na qual se indica aos estudantes a produção de um trabalho que apresente um desfecho diferente para cada personagem, possibilitando aos mesmos pensarem maneiras de evitar que ocorra com qualquer adolescente em fase escolar o que acontece com a personagem da narrativa.

Quando Florinda descobre que está grávida, sua mãe Marciana, “furiosa, caiu de murros em cima da filha. Esta, embalde tentando escapar-lhe, berrava como uma louca” (AZEVEDO, 2010, p. 89).

O autor cria cenas fortes para descrever a violência com que a mãe trata a menina após descobrir sobre a gravidez. Além disso, o autor escolhe um destino trágico para a menina, pois seu namorado foge deixando-a sozinha naquele momento, forçando-a a morar na rua, a praticar um aborto que a deixa doente e, posteriormente, ver sua mãe ir para um hospício.

A narrativa assim estruturada sobre os conceitos deterministas, “reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega

sempre de tons sombrios o destino das suas criaturas”. (BOSI, 1965, p. 191).

Henrique, estudante de 15 anos que vai para o Rio de Janeiro fazer os preparatórios antes de estudar medicina, chega à casa de Miranda seguindo indicação de seu pai por ser cliente do português, o que o impede de negar a hospedagem, inclusive levando o rapaz para morar com sua família.

O rapaz que chega ao Rio de Janeiro cheio de acanhamentos, aos poucos se aproxima de Dona Estela, esposa de Miranda, mantendo com ela uma certa afetividade que culmina em adultério, o que é flagrado por Botelho, agregado da família, abalando ainda mais a relação familiar existente no sobrado.

Henrique representa na obra o homem de classe média que adentra o espaço do cortiço e desestabiliza um certo conjunto de regras existentes sem que apresente preocupação para com as consequências de seus atos, pois está lá apenas para tirar vantagens pessoais das situações.

Outra mulher do cortiço a se envolver com Henrique é Leocádia que, em troca de um coelho que o rapaz oferecera vai para o capinzal nos fundos da casa de Miranda e mantém relações sexuais com estudante, pedindo ao mesmo que lhe faça um filho para que ela possa alugar-se como “ama-de-leite”.

Nesta cena Azevedo aponta ao leitor uma denúncia social, pois mostra a degradação humana pelo dinheiro, exemplificando tal fato com a gravidez de Leocádia vista como negócio lucrativo ao ponto dela querer alugar o próprio corpo para que pudesse obter renda financeira “agora estão pagando muito bem as amas. A Augusta Carne-Mole, nesta última barriga, tomou conta de um pequeno aí na casa de uma família de tratamento, que lhe dava 70 mil réis por mês” (AZEVEDO, 2010, p. 78).

Abordando os tipos sociais somados ao espaço escolhido por Azevedo, o leitor tem contato com o que Menezes (1957, p. 230) define como “ambientes em que os deserdados da fortuna vegetam e pensam que vivem, ou melhor, vivem de teimosos que são...”, fazendo-se possível discutir com os estudantes as concepções que os mesmos têm em relação às pessoas de uma mesma sociedade, o espaço onde vivem e a exploração humana pelo poder financeiro de uns em detrimento de outros.

Marianita, filha de Jerônimo e Piedade, outra personagem adolescente, também tem presença de destaque na narrativa, sendo possível aos professores e estudantes estudá-la.

Filha de uma casal tradicional de portugueses que chega ao Brasil para

trabalhar, vê no pai aquele que é o homem representante da nação portuguesa patriarcal. Moderado, forte e trabalhador, traz consigo a cultura e tradição do país de origem, a qual vai, aos poucos, se fundindo à variação cultural e étnica existente no cortiço, mesclando sua música, o fado, aos ritmos africanos e outras culturas presentes naquele espaço, sendo este um rico material no qual o professor pode se apoiar para apresentar aos estudantes a representação da miscigenação, a mistura étnica e da culinária que deram origem à cultura brasileira.

O desequilíbrio familiar que decorre do envolvimento de Jerônimo com Rita Baiana faz com que Senhorinha fique cada vez mais abandonada pelos pais, após a separação deles. O colégio interno no qual a menina estuda já não tem mais as mensalidades pagas por conta da displicência paterna, a mãe abandona-se por desgosto, é abusada por malandros e despejada de seu cômodo na estalagem de João Romão. Vendo sua família desmoronando e com ela toda sua cultura, o cortiço passa a representar para Senhorinha o inferno local que, de certa maneira, altera todas as suas referências de equilíbrio até então existentes.

Essa desilusão vivida pela personagem pode servir de estímulo para que os estudantes reflitam sobre as suas condições de vida e apresentem composições textuais de continuidade da narrativa que proponham alternativas de superação dessas barreiras enfrentadas pela adolescente.

O menino Agostinho, filho de Leandra – a “Machona” – irmão de Ana das Dores e Neném, aparece na obra de Azevedo com suas características associadas às da mãe “feroz, e berradora”, definido como um garoto “endemoniado”, extremamente agitado que irrita sua mãe o tempo todo, deixando-a nervosa.

Essa relação entre os dois se dá aos berros, como quando o menino reproduz as ações da personagem Libório na tentativa de pilhar algum objeto lançado da casa de um casal que é despejado “Sai daí, safado! Toca lá no quer que seja, que te arranco a pele do rabo!” (AZEVEDO, 2010, p. 80).

Nesse ponto, o autor parece apontar algumas marcas quanto ao rigor materno na transmissão de valores pessoais, garantindo uma certa ordem de respeito para com os outros moradores do cortiço, uma ética que lhes mantém em um equilíbrio social, mostrando que, embora sua mãe use da violência verbal, tenta transmitir-lhe algum ensinamento.

Acostumado aos conflitos diários com a mãe e com as brigas violentas dentro do cortiço, como o caso de uma luta interna na qual estão envolvidas as duas principais nacionalidades formadoras daquela república, representadas pelas

desavenças de Rita Baiana e Piedade, o menino acaba liderando o que viria a ser a interrupção das desavenças locais unindo aqueles que até então brigavam entre si para lutar em uma batalha maior: a guerra entre os cortiços Carapicus e Cabeça-de-Gato.

A luta da qual participa, mesmo sendo uma criança, representa a união entre os moradores vindos dos diferentes países que residiam naquele cortiço e que se uniam para combater um inimigo maior: os defensores do capoeira morto por Jerônimo na disputa por Rita Baiana, residentes do cortiço vizinho “encostado ao lampião do meio do cortiço, cantava em altos berros uma coisa que lhe parecia responder à música bárbara que entoavam lá fora os inimigos; a mãe dera-lhe licença, a pedido dele, para pôr um cinto de Nenen, em que o pequeno enfiou a faca da cozinha” (AZEVEDO, 2010, p. 166).

Na referência às músicas entoadas durante as brigas entre os cortiços, de um lado cantada pelo menino e de outro, pelos representantes do “Cabeça-de-Gato”, pode ser a marca de referência aos hinos dos diferentes grupos ideológicos da época da constituição da República, sendo uma delas a Marselhesa, hino nacional francês, representando uma clara referência à defesa dos ideais dos modelos políticos.

Dessa nova batalha, agora não mais interna e sim entre grupos de diferentes cortiços, os moradores partem para uma luta corporal sangüinária a qual só é interrompida pelos gritos de Neném, irmã de Agostinho, “Acudam aqui! Acudam aqui! Há fogo no número 12. Está saindo fumaça!” (Azevedo, 2010, p. 114).

Essa cena enfatiza o caos em que se encontra a organização social daquele ambiente enquanto faz referência o início de incêndio no cortiço de João Romão, o que destruiria parte de seu patrimônio, transformando-a em uma “Babilônia desmantelada” (AZEVEDO, 2010, p. 171).

Essa estrutura estilística utilizada pelo autor para descrever o cortiço como um ambiente que evolui rapidamente, proporcionando ao seu dono vantagens em detrimento de outras pessoas e que, repentinamente, decai remete à definição de Jean Chevalier (2015, p. 112), podendo ser entendida como uma referência à “Babilônia [que] simboliza o triunfo passageiro de um mundo material e sensível, que exalta apenas uma parcela do homem e que, conseqüentemente, o desintegra (sic)”.

Outras representações presentes na obra são as das personagens representantes dos adolescentes, a exemplo de Juju, uma menina que é querida pelas pessoas do cortiço como um amuleto em que todos depositam suas

esperanças.

Juju é filha de um soldado de polícia, mulato de 40 anos e Augusta, tendo por madrinha a prostituta francesa Léonie, com quem vive na cidade e de quem recebe todos os cuidados. Fica a cargo da madrinha sua educação e afrancesamento, e Neném, irmã de Agostinho, menina de 17 anos que aparece na obra em poucas descrições, como quando “cantarolava em tom muito mais baixo; e de um dos quartos do fundo da estalagem saía de espaço a espaço uma nota áspera de trombone” (AZEVEDO, 2010, p. 43).

Assim, esta análise d' *O Cortiço* de Azevedo nos faz perceber que se trata de uma obra imensamente maior, cabendo a cada incursão em busca de novos dados uma descoberta de novas camadas de sentidos da obra sobre o leitor.

As razões para se estudar a formação da sociedade brasileira a partir do final do século XIX de modo a buscar entendimento quanto ao Brasil de nossos dias estão relacionadas ao fato de que muito do que se apresenta na obra de Azevedo ainda é nítido em tempos modernos, já que a maioria das mazelas humanas representadas pelo autor em sua obra escrita em 1890 continuam a existir no país.

O modelo de sociedade que firmou suas bases naquele tempo ainda é o que define a organização das cidades na contemporaneidade, principalmente nos grandes centros, os quais, não tendo mais horizontes para expansão, passam a aglomerar-se em estruturas verticais cada vez mais altas e menos distantes umas das outras.

Além disso, a época da composição da obra é considerada um marco para as letras brasileiras, pois como aponta Coutinho (1969, p. 29) “Os gêneros adquirem maior autonomia estética, libertando-se da política e do jornalismo. Com a geração de 1870, começa nova influência nas letras, a da filosofia positiva e naturalista” sendo assim, importante para que o estudante se situe no mundo e conheça a história de seu país a partir do momento da consolidação das letras no Brasil.

Por ser também objetivo do estudo o entendimento das bases da estrutura nacional, o estudo literário busca na formação cultural brasileira dados que possibilitem aos estudantes tal entendimento, valendo-se dos cuidados apontados por Alfredo Bosi (1965, p. 184): “De qualquer forma, só o estudo atento dos processos sociais desencadeados nesse período fará ver as raízes nacionais da nova literatura, raízes que nem sempre se identificam com a massa de influências europeias então sofridas”.

Tal apontamento possibilita reflexões quanto ao repensar sobre o espaço

social em um país com dimensões continentais, como é o caso da emergência da remodelagem das cidades para que se solucione os grandes problemas enfrentados pela população como moradia, mobilidade urbana, saúde e mais recentemente, quiçá o mais preocupante, a falta de água.

Enfrentar esse tema não é tarefa fácil, já que a solução para esses problemas sociais não é difícil de perceber, pois, como mencionado anteriormente, trata-se de um país de dimensões continentais.

No entanto, o que se percebe é que, para que o assunto seja tratado, diferentes forças relacionadas ao processo de consolidação da posse do território nacional necessitariam ser acionadas, envolvendo diferentes conceitos, como os apontados por Neto (2007, p. 61) “O conceito de emergência refere-se ao presente não como resultado final de uma evolução histórica, mas 'como uma etapa no processo bélico de confrontação de forças opostas em busca do controle e da dominação”.

Esses dilemas que começaram a ser enfrentados pelos moradores das metrópoles na época em que Azevedo termina seu livro são cada vez maiores mais de um século depois da publicação de sua obra-prima, pois afligem milhares de pessoas no Brasil, como se pode perceber no documentário *Leva* (2011), dirigido por Luiza Marques e Juliana Vicente, produzido pela Preta Portê Filmes com apoio do canal de televisão Futura.

Sendo o sistema econômico vigente na sociedade contemporânea uma versão ampliada daquela do século XIX, e sendo administrado por um espírito capitalista talvez com menos ética protestante que na época representada na obra, há que se enfrentar os novos desafios do mundo contemporâneo e buscar nas raízes os seus significados, de modo a situar indivíduos em um novo mundo líquido organizado globalmente que trafega seus dados à velocidade da luz por cabos submarinos em uma economia baseada na sociedade da informação e mediada por aparelhos eletrônicos.

### 3. DO MAR DE INFORMAÇÃO AO CORTIÇO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Resultado de pesquisa bibliográfica descritiva apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, esta sequência didática é um produto final disponível aos professores que almejem trabalhar com a leitura literária e com o apoio das novas tecnologias da informação e comunicação.

Para o trabalho proposto tem-se por base o modelo de sequência didática apresentada por Rildo Cosson (2007), disponível na obra *Letramento Literário – teoria e prática*, cuja proposta divide-se em duas modalidades: a sequência básica e a sequência expandida.

Neste caso, optou-se pela segunda modalidade para o desenvolvimento deste trabalho por se tratar de uma proposta que parte da leitura de textos literários curtos, ligando-os tematicamente a outras obras de maior fôlego de leitura em uma expansão gradual que objetiva alcançar obras mais extensas, como é o caso de *O Cortiço* (2010).

Agregando o uso das novas tecnologias da informação e comunicação à proposta de Rildo Cosson (2007), visando contribuir com o conhecimento técnico para com o trabalho docente na era da informação e da troca de conteúdos através de equipamentos eletrônicos, almeja-se criar um elo entre professores, estudantes e os textos por meio das tecnologias digitais de modo a valorizar o componente mais importante dessa conexão: o conteúdo da obra literária.

Dessa integração de diferentes conhecimentos é possível reconhecer a importante contribuição das palavras de Paulino sobre o junção entre ferramentas eletrônicas e literatura: “A democratização dos bens culturais envolve tanto o acesso aos livros quanto aos avanços tecnológicos” (1995, p. 17).

Assim, após escolher as ferramentas físicas (os aparelhos eletrônicos) e as virtuais (os *softwares*) é o momento de servir-se desse aparato eletrônico para ter acesso aos textos necessários ao desenvolvimento das atividades junto aos aprendizes, cabendo ao professor organizar a aplicação desse conteúdo em sala de aula de maneira a encaminhar os estudantes às aventuras possibilitadas pela leitura literária.

### 3.1 Textos, recursos e materiais escolhidos para a sequência

Apoiando-se no uso da terminologia oriunda da *internet* e da informatização que passou a fazer parte da Língua Portuguesa e do cotidiano das pessoas, em um primeiro momento indica-se aos professores a escolha de materiais e textos que lhes permitam desenvolver as atividades de leitura de acordo com os conhecimentos prévios e as áreas de interesse dos estudantes. Tais aspectos podem ser observados pelo professor durante conversas com a turma, além de serem respeitados os conteúdos indicados pelo sistema de ensino a cada ano escolar.

Para o desenvolvimento desta proposta de atividade, os textos selecionados pretendem atender a um público heterogêneo, em salas de primeiro e segundo anos do ensino médio nas quais o conteúdo do Realismo/Naturalismo faça parte da grade curricular de estudos, em escolas majoritariamente urbanas, levando-se em conta que se trata de temática relacionada à cidade. No entanto, não se excluem as escolas rurais pelo fato de o conteúdo abranger temas que direta ou indiretamente possam interessa àqueles ligados à vida no campo.

Retomando a linguagem da *internet*, daqui, todos podem levantar âncora e navegar por um mar de informação, como é conhecida a rede mundial de computadores, passando pelo interposto localizado no endereço eletrônico Livro e Game, onde está *O Cortiço* em formato virtual, e tendo como destino a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Como mencionado, a proposta abordará o uso das novas tecnologias da informação e comunicação. Assim, vale ressaltar que, no caso das escolas públicas de alguns estados, a exemplo do Paraná, é comum o uso de *software* livre por este não acarretar custos ao governo estadual.

Desse modo, atendendo aos professores que não queiram dispendir recursos financeiros com o pagamento de licenças de uso de *softwares*, nesta sequência didática será apresentada uma experiência de aplicação com o apoio de *softwares* gratuitos, como o sistema operacional Linux, em sua distribuição Edubuntu.

Caso a proposta do profissional de educação seja a de trabalhar junto aos estudantes com edição de áudio e vídeo, ele pode fazer uso do editor de vídeos

Kdenlive e do editor de áudio Audacity, *softwares* também gratuitos que estão disponíveis para descarregamento (*download*) da *internet* e instalação e uso gratuitos nos computadores pessoais e nos das instituições de ensino.

Vale ressaltar que o professor poderá aplicar esta sequência didática utilizando os sistemas operacionais e os *softwares* de computador que melhor atendam suas atividades didáticas, sendo a opção feita para esta pesquisa uma alternativa para os profissionais que prefiram trabalhar com as ferramentas livres e que não necessitem de pagamento por licenças de uso.

Esta viagem de navegação dos estudantes e professores pela *internet* e pelos materiais selecionados poderá durar, em média, 8 semanas, com 04 aulas em cada uma, totalizando 32 aulas para o desenvolvimento dos trabalhos, o que poderá ser realizado individualmente ou em grupos de estudantes para o acesso aos ambientes virtuais, já que se trata de consulta de conteúdo amplo que demanda o uso de equipamentos que variam de quantidade em cada escola, ficando o professor livre para organizar o ambiente e os estudantes da maneira que julgar melhor para o desempenho das atividades.

Como a viagem ocupará esse período, os aprendizes poderão contar com alguns momentos de intervalo, nos quais o professor poderá apresentar-lhes textos curtos e músicas entre as obras de maior fôlego de leitura, tendo estes textos o papel de apoiar os estudos sobre as temáticas existentes nas obras para aproximação entre os seus aspectos centrais e os estudantes.

A sugestão de tal material de apoio, o qual poderá ser redefinido pelos professores, segue elencada para a sequência didática, sendo estes o poema *Cortiços, Favelas* (2008), de Izilgallu, disponível na rede mundial de computadores e a música *Refavela* (1977), de Gilberto Gil, indicada por Rildo Cosson em sua obra.

Outra proposta de uso de um hipertexto para a sequência básica, já que os estudantes estarão navegando na rede mundial de computadores, é o conto *Tinha uma favela no meio do caminho* (2009), do autor André Ebner, havendo a possibilidade para que o professor trace um paralelo entre o título deste e o poema *No meio do caminho* (1962), de Carlos Drummond de Andrade.

Após apresentar os textos aos estudantes, sejam eles impressos ou disponíveis em *blogs* na *internet*, assim como o áudio de Gilberto Gil, o professor poderá apresentar o conteúdo disponível no endereço eletrônico Livro e Game,

conforme apresentado na figura 1, o qual contém o conteúdo da transposição da obra *O Cortiço*:



Figura 1: Barra de endereços do navegador para internet Mozilla Firefox

Por se tratar de acesso à *internet*, será necessário que o professor desenvolva as atividades em uma sala de informática ou em sala de aula, caso a escola ou os estudantes disponibilizem seus computadores para uso nesse ambiente, o que também poderá ser realizado com uso de equipamentos portáteis como aparelhos celulares, *tablets* ou outro dispositivo eletrônico que possibilite o acesso aos conteúdos disponíveis virtualmente.

Outras obras apontadas neste trabalho, as quais visam contribuir para as discussões sobre a obra de Azevedo são a fotografia intitulada *Favela de Paraisópolis* (2002), de Tuca Vieira, *O Auto-Retrato* (2002), de Mario Quintana, *Dez dias de cortiço* (2008), de Ivan Jaf, e a canção *Grajuex* (2011), de Kleber Cavalcante Gomes – Criolo.

Uma vez que os trabalhos desenvolvidos pautam-se em conteúdos disponíveis na *internet*, o professor poderá localizar em *sites* de compartilhamento de vídeos episódios do seriado *El Chavo del Ocho* (Chaves, na versão em língua portuguesa) que tratem da temática da relação entre o dono do cortiço e seus inquilinos, como o episódio *Corren a don Ramón* (1977), (O despejo de seu Madruga, na versão brasileira), *La venta de churros* (1978) (A sociedade, na versão brasileira).

Propondo um momento de descontração, ao mesmo tempo em que se discuta junto dos estudantes sobre os diferentes dialetos e vocabulário existentes nos espaços das comunidades a serem abordados pelo estudo, pretende-se trabalhar com a canção *Grajuex* (2011), de Kleber Cavalcante Gomes – Criolo.

### 3.1.1 Quais técnicas são necessárias para a aplicação desta sequência didática?

Os professores sempre fizeram uso de vários equipamentos, sejam eles tecnológicos ou não, como apoio de suas atividades na apresentação de conceitos e conteúdos para trabalho com os estudantes no intuito de facilitar a compreensão, construção e o acesso ao conhecimento.

Desde os exemplares de livros distribuídos aos estudantes para que acompanhem a apresentação e o raciocínio do professor por meio da visualização de figuras e textos em suas páginas, as listas de exercícios em folhas de papel com conteúdos copiados nos mimeógrafos até as caixas de papelão de produtos de uso doméstico, como as de pasta de dente e caixas de fósforos sendo reutilizadas para trabalharem conceitos como altura, largura e profundidade, sempre estiveram presentes nas escolas como ferramentas de apoio ao professor.

Com o aprimoramento das ferramentas tecnológicas novas oportunidades de uso surgem para o aprimoramento das atividades dos professores, como é o caso dos computadores e dos ambientes virtuais, os quais dispõem de elevada quantidade de materiais em diversos formatos, como vídeo, áudio, textos, animações, além dos diferentes *softwares* educacionais gratuitos, como é o caso do pacote de *softwares* livres Edubuntu, ou outros programas desenvolvidos por empresas que cobram pela licença de uso.

Entre o mimeógrafo e o computador, o que muda é a quantidade de funções entre as duas máquinas. No caso da segunda, um número maior de funções e recursos são acionados a partir da combinação de diferentes botões e a capacidade de apresentar conteúdos em grande quantidade de cores e movimentos em sua tela.

Logo, o profissional da educação percebe que não se trata de um monstro indomável, mas sim de uma máquina que, com a dedicação de algumas horas de aprendizagem sobre seu uso, torna-se um aliado a mais nas atividades escolares e no desenvolvimento do trabalho docente.

Para que a atividade proposta nesta sequência didática seja desenvolvida facilmente, faz-se necessário o entendimento de alguns conceitos e algumas ferramentas com suas funções básicas, as quais serão necessárias para que professores e estudantes tirem o máximo proveito dos conteúdos a serem

explorados no ambiente virtual.

O computador é uma máquina que utiliza energia elétrica para colocar em seu ecrã as informações que surgem a partir dos comandos dados pelo usuário no teclado e no dispositivo apontador (*mouse*) e precisa de um programa (*software*) principal que faça esse trabalho. Este programa é chamado de sistema operacional.

Somente para citar alguns sistemas operacionais existentes, há o Windows, desenvolvido e comercializado pela empresa norte-americana Microsoft; o Linux, desenvolvido pela Free Software Foundation, organização de desenvolvedores voluntários que distribui gratuitamente o sistema operacional e permite que qualquer pessoa o utilize e faça alterações que julgar necessárias para que o sistema se adapte às suas necessidades. Por não apresentar custo ao usuário, o Linux também é conhecido pelo título de “Software Livre”.

Outra opção é o Macintosh, ou Mac OS, *software* proprietário (na área de informática diz-se “proprietário” aquele programa que necessita de pagamento pela licença de uso), instalado em computadores fabricados pela Apple Inc, multinacional também norte-americana.

No entanto, uma vez que as atividades propostas serão baseadas majoritariamente no uso da *internet*, pois o conteúdo baseado na obra literária a ser estudada não fica instalado no computador, mas hospedado em um servidor na rede mundial de computadores, estando acessível independentemente do sistema operacional que se use, o sítio eletrônico (*site*) com seu conteúdo não será alterado em decorrência da escolha do sistema.

Essa conceitualização anterior, portanto, é necessária apenas para que se diferencie o sistema operacional do *software* para navegação (*browser*), programa instalado dentro do sistema operacional.

Entendido o que vem a ser o sistema operacional é possível selecionar as ferramentas para o trabalho de acesso e estudo de *O Cortiço*, obra transposta para o sítio eletrônico [www.livroegame.com.br](http://www.livroegame.com.br) (CELSO SANTIAGO *et al*, 2013). Também, pode-se escolher um programa para criação de desenhos que servirá para a produção posterior de resultados de leitura, trabalhos esses que servirão como instrumento de avaliação para os professores.

Definida a obra a ser estudada é o momento de selecionar os equipamentos físicos – os *hardwares* – podendo esses serem computadores, *laptops*, *tablets* ou

*smartphones* e os programas instalados para que os aparelhos funcionem – os *softwares*.

Como os equipamentos eletrônicos variam em tamanho e capacidade de processamento de dados, e conseqüentemente isso interfere na velocidade com que as informações aparecerem na tela, cabe ao professor fazer um teste para saber se o acesso ao sítio eletrônico será viável nos equipamentos que a escola possui.

Por ser um trabalho desenvolvido com base no uso de sítios eletrônicos que possuem animações desenvolvidas em linguagem de programação *Flash*, os aparelhos a serem utilizados precisarão possuir alguns requisitos mínimos, como capacidade para executar vídeos e animações nessa linguagem, assim como aplicativos para leitura de arquivos de texto em formato pdf (*portable document format*).

As características físicas desses aparelhos também precisam ser levadas em conta para que o conteúdo possa ser apresentado nas telas dos aparelhos, como o processador, que deverá possuir velocidade acima de 600MHz e memória RAM acima de 512 MB.

Após definir qual dos aparelhos eletrônicos mencionados anteriormente serão utilizados pelo professor e pelos aprendizes pode-se definir quais *softwares* servirão para o desenvolvimento das atividades, sendo necessário o uso de um *browser* (programa para navegação na *internet*), sendo este um programa que proporciona acesso à rede mundial de computadores; existem vários, como o Internet Explorer, Mozilla Firefox, Google Chrome, Safari, Ópera, somente para citar os mais populares.

Os envolvidos nestas atividades também usarão um *software* de criação gráfica. Existem inúmeros programas que desempenham tal função, desde os mais básicos como *Paint*, disponível para Windows ou o Gimp (gratuito), para os usuários dos sistemas operacionais de código aberto Linux.

Uma vez que a proposta desta sequência didática também contempla a produção de uma história em quadrinhos como resultado final, para a criação gráfica pode-se utilizar o software HagáQuê, programa voltado ao desenvolvimento de histórias em quadrinhos que pode ser baixado, instalado e utilizado gratuitamente a partir do endereço eletrônico da Universidade de Campinas.

Para fazer uso do *software* HagáQuê no sistema operacional Linux será

necessário instalar o programa gratuito Wine, um dispositivo que possibilita o funcionamento do HagáQuê dentro do Linux.

Definidos esses aparelhos e *softwares*, faz-se importante a observação quanto ao acesso à internet no local onde serão desenvolvidas as atividades. Na maioria das instituições de ensino há um profissional técnico que é o responsável pela sala de informática e demais recursos tecnológicos que geralmente tem formação na área, podendo ajudar o professor da disciplina na solução de eventuais dúvidas sobre o desempenho e funcionamento dos computadores, assim como a instalação dos programas necessários à execução e acesso aos conteúdos.

No entanto, mesmo que esse profissional não esteja na escola, o professor poderá facilmente se preparar para o desenvolvimento de seu trabalho com as máquinas, conferindo com antecedência a capacidade dos aparelhos em relação ao acesso ao endereço eletrônico, o desempenho dos computadores e a velocidade da internet – já que todos os computadores acessarão ao mesmo tempo o endereço eletrônico – e se há a necessidade de instalação de algum programa adicional (*plug-in*) para que o conteúdo esteja acessível.

No caso do sítio eletrônico [www.livroegame.com.br](http://www.livroegame.com.br) faz-se necessário que os computadores possuam um *plug-in* Flash, programa que possibilita ao computador a execução de animações gráficas e apresentação de vídeos. Caso o computador não possua tal dispositivo, serão necessários apenas alguns cliques para sua instalação a partir do endereço <http://get.adobe.com/br/flashplayer/>.

Possuindo mecanismos que identificam a necessidade de instalações adicionais, os computadores não dificultam a solução da falta de algum componente, já que a interação entre homem e máquina é feita através de “caixas de diálogos” que orientam o usuário durante o processo de instalação e solução de problemas, sendo necessário ler as instruções e clicar nos botões solicitados, o que possibilita a qualquer pessoa, mesmo que ela não seja um técnico em informática, fazer tais adaptações.

Conferidos esses pré-requisitos para o funcionamento dos computadores que darão acesso aos conteúdos, os quais são o foco das leituras e pesquisas de professores e estudantes, tem-se o instrumental necessário para a fase da união entre todos os envolvidos nesse processo de leitura literária.

Buscar novas possibilidades de leitura em diferentes suportes é uma tentativa

de disponibilizar aos estudantes acesso ao que se produziu sobre o Brasil, em uma tentativa de fortalecer o papel da literatura brasileira.

Assim, para que seja possível partir da realidade dos estudantes, os quais estão em sua maioria inseridos em um mundo informacional digital em casa ou em sua totalidade nas escolas, pretende-se aplicar o estudo de maneira a avaliar a recepção e as estratégias de direcionamento dos estudantes para a obra literária original a partir do uso de computadores, *tablets* ou outros aparelhos eletrônicos em salas de informática com computadores conectados à *internet*.

O endereço eletrônico [www.livroegame.com.br](http://www.livroegame.com.br) foi selecionado para a pesquisa por disponibilizar um conteúdo adequado ao embasamento de leitura dos estudantes e aos objetivos a serem alcançados pelo estudo. Trata-se de um projeto de digitalização e transposição de três obras da literatura nacional brasileira para os formatos de jogos digitais e histórias em quadrinhos.

Como o objetivo desta sequência didática é apresentar ao professor uma proposta de trabalho sobre o período literário realista-naturalista, neste trabalho o conteúdo escolhido foi a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (2010), por esta ser considerada a maior referência do Naturalismo no Brasil.

Uma vez que os estudantes têm cada vez mais acesso aos conteúdos digitalizados para os ambientes virtuais, pretende-se com este trabalho incentivá-los a ter contato com o livro a partir desse jogo eletrônico, no qual eles possam interagir e assumir o papel de uma das personagens da obra e conheça as principais personagens com base na leitura de alguns excertos do livro e nas ilustrações referentes ao contexto do cortiço.

Para que o aprendiz tenha acesso ao conteúdo digital e interaja com o jogo é necessário ler a HQ, pois a chave de acesso a essa interação é um questionário que precisa ser respondido com base nas informações disponíveis nos quadrinhos.

Dentro do jogo o estudante assume o papel de João Romão, dono do cortiço na obra original, e pode administrar o dinheiro ganho como créditos no momento em que responde o questionário, além da opção de fazer um empréstimo financeiro da escrava Bertoleza para que construa as casas do cortiço, assim como poder selecionar a quantidade e a qualidade dos materiais para construção, os quais serão necessários no jogo.

Outra oportunidade que a obra de Aluísio dá ao estudante é a disponibilidade

de diferentes temáticas, as quais estão presentes na vida dos adolescentes brasileiros ainda hoje, o que pode despertar o interesse desses estudantes para o encaminhamento ao conteúdo da obra original, ao mesmo tempo em que instrumentaliza o profissional da licenciatura no trabalho com as novas tecnologias pois, como pontua Schlünzen (2014, p. 02) “[...] é inevitável que o uso da tecnologia passe pela mudança de metodologias. E esse destaque reforça a importância do professor no processo.”

Outro fator que corrobora para o estudo é o fato de esse conteúdo estar disponível em uma rede social de grande repercussão entre os jovens, servindo de meio de divulgação para que estudantes iniciantes tenham o primeiro contato com o enredo, personagens e seus dilemas, entre outras características das obras.

### **3.2 Objetivos**

- 1) Incentivar os estudantes para a leitura de textos literários de obras clássicas na busca de sua importância para o conhecimento de mundo e a compreensão sobre o homem, assim como despertar neles a curiosidade para conhecer a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo;
- 2) Reconhecer os recursos estilísticos usados pelos autores nas obras e a representação das personagens e do meio em que vivem;
- 3) Analisar e discutir sobre a representação da condição humana em sua representação nas obras e nos espaços físicos e virtuais na contemporaneidade.

#### **3.2.1 Justificativa**

Sabe-se que a fase da adolescência é uma das mais conturbadas e delicadas na vida de um jovem em idade escolar. Isso fica claro aos profissionais da educação

envolvidos em um ambiente no qual eclodem todas as manifestações de rebeldia e conflitos de variados gêneros decorrentes de diversos fatores.

Assumir o desafio de trabalhar com leitura literária nessa fase da vida dos estudantes é uma aventura para todos os envolvidos no ambiente escolar, já que “as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência da vida”, como aponta Italo Calvino em sua obra *Por que ler os clássicos* (2007).

Uma possibilidade de chamar a atenção desses jovens para a leitura literária, usufruindo das inovações criadas pelo desenvolvimento do campo tecnológico, é oferecer-lhes aplicativos desenvolvidos com base na literatura nacional, os quais possibilitam a aproximação entre estudantes e obras literárias. Esse momento parece ser favorável à criação de atividades escolares estratégicas, já que tais recursos digitais fazem parte do campo social de grande parte dos estudantes brasileiros.

Por ser a escola um ambiente voltado à obtenção de conhecimentos para a vida pessoal e profissional do aprendiz, entre outras atribuições, cabe aos professores atentarem ao fato de que, em uma sociedade em constante transformação, várias ferramentas e técnicas têm sido criadas historicamente, o que pode interferir em culturas tradicionais, como é o caso da relação contemporânea entre a leitura de livros impressos e a mesma atividade feita com o apoio de aparelhos eletrônicos digitais, como computadores e celulares.

Com base nesses pressupostos e no princípio de que essa é uma fase importante na vida escolar dos adolescentes, pois vai prepará-los para que se tornem indivíduos atuantes na sociedade a que pertencem de maneira a entendê-la e transformá-la, esta sequência didática também busca atender ao que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A referida Lei que, em seu Artigo 36, inciso I, aponta que cabe à escola destacar: “a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania”; assim como em seu parágrafo 1º, inciso I, que define que cabe à escola possibilitar ao estudante “domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna” (BRASIL-LDBEN,

1996, p. 14).

Essa relação entre diferentes sistemas de signos (a linguagem oral, a escrita, o sistema de números), assim como os sistemas de instrumentos tecnológicos e suas linguagens, os quais “são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural” (VIGOTSKI, 2007, p.26), pode ser levada em consideração pelo professor ao organizar os conteúdos para aplicação em sala de aula de modo a inserir tais ferramentas como apoiadoras em suas atividades, usando as mesmas sem perder o foco nos conteúdos de sua disciplina.

Logo, torna-se possível somar aos conhecimentos acumulados pela humanidade as novas ferramentas eletrônicas, pois, como também apontado pela LDBEN, os estudantes precisam ser preparados para o mundo do trabalho e, portanto, precisam ter domínio sobre essas novas ferramentas e técnicas para que dominem, além do uso, o funcionamento de tais instrumentos.

Em meio às diferentes ondas de transformações nas culturas das sociedades, a literatura aparece como instrumento de equilíbrio entre todas essas forças, oferecendo aos estudantes o entendimento necessário para seu posicionamento histórico, social, cultural e estético, tendo o papel de proporcionar-lhes experiências de mundo.

A integração entre os diferentes conhecimentos e técnicas é proposta nesta estratégia de trabalho que busca fazer uso das tecnologias da informação e comunicação no campo de trabalho dos profissionais da educação para que se tente fortalecer o processo de construção e criação da cultura da leitura literária, partindo-se do pressuposto de que a escola se torne um ambiente privilegiado para tal atividade.

Por meio do estabelecimento de relações entre fatos reais da vida dos estudantes e dos fatos fictícios representando essa mesma fase da vida presente na literatura, nos quais haja o enfrentamento de problemas pessoais próximos das personagens da ficção, pretende-se que o estudante desperte seu interesse pelo confronto dialógico e dialético entre a literatura e a própria vida.

Assim, objetiva-se que o uso da sequência didática e dos materiais selecionados pelo professor tenham proximidade com as experiências vividas pelos estudantes, em uma tentativa de obtenção de resultados positivos na criação da

cultura da leitura a partir da escolha de textos que partam de contextos que lhes tragam imagens recorrentes.

Por isso parte-se do seu conhecimento de mundo para alcançar a obra que se pretende lida a fim de que sejam incentivados a aprofundar seu conhecimento sobre a literatura nacional e a cultura do país, pois “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever, quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2007, p. 20).

### **3.2.2 Problema**

Os baixos índices de leitura apresentados por pesquisas no país, como a Retratos da Leitura no Brasil (2012), apontam para os números de leitores de obras impressas e demonstram que, em comparação com o número da população brasileira, muito há que se conquistar nesse campo.

Ao mesmo tempo, escolas vêm trabalhando para que se crie a cultura leitora nesses ambientes de manutenção dos conhecimentos acumulados pela humanidade além de proporcionar aos estudantes o contato com os prazeres estéticos proporcionados pela leitura literária.

Como aponta Antonio Candido, as sociedades têm evoluído enormemente no campo técnico. No entanto, nas relações humanas há muito por se aprimorar, o que pode ser realizado com o apoio da leitura literária por seu potencial humanizador.

### **3.2.3 Hipóteses**

Esse desenvolvimento tecnológico que poderia possibilitar ao ser humano melhorias nas condições de vida em sociedade tem sido voltados para campos muitas vezes distantes dos propósitos estéticos e de construção de consciências coletivas para um mundo melhor.

Por assim ser, muitas vezes as invenções técnicas são vistas com pessimismo e desconfiança pois, por se tratar de equipamentos que dão poder ao homem, podem tanto colaborar para o bem quanto para o mal, cabendo àquele que faz uso da tecnologia escolher como a utilizar.

Logo, pelo fato de se tratar das invenções tecnológicas como objetos sem vida, o que permite ao homem dar-lhe aplicabilidades distintas, cabe aos profissionais da educação enquanto colaboradores na criação de culturas e de um mundo melhor estimular estudantes a aplicarem tais ferramentas e técnicas para o uso consciente na construção de conhecimentos que contribuam para a cultura humanizadora.

### **3.2.4 Metodologia**

Com base em pesquisa bibliográfica e descritiva propõe-se o uso de uma sequência didática como estratégia de aproximação entre estudantes e obras clássicas da literatura por meio do uso das novas tecnologias da informação e comunicação.

Apoiando-se em diferentes gêneros textuais da literatura, objetiva-se despertar o interesse dos estudantes pela leitura da obra original *O Cortiço* (2010), de Aluísio Azevedo, por meio do leitura da transposição da obra disponível em ambiente virtual.

### **3.3 Primeira etapa: motivação – Conhecendo sobre o destino (6 aulas)**

Nesta etapa da sequência didática de leitura literária o professor poderá abordar textos introdutórios aos temas e conceitos abrangidos pela obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, convidando os estudantes a usarem os computadores da sala de informática, ou os da sala de aula da escola, para que acessem os hipertextos

disponíveis na rede mundial de computadores.

Essa abordagem dos conteúdos disponíveis em sítios eletrônicos ou em impressões pode ser utilizada para que o professor inicie um diálogo com os estudantes no sentido de ativar os seus conhecimentos prévios sobre as temáticas existentes nos textos e na obra de Azevedo, o que poderá ser feito por meio de perguntas sobre as personagens representadas.

Para isso, poderá iniciar sua apresentação disponibilizando aos estudantes a informação de que em *Cortiços, Favelas*, de Izilgallu (2008) há a representação da vida de um morador de uma comunidade existente em um grande centro urbano; tal contato com essa obra visa à instrumentalização dos estudantes no que tange ao entendimento dos conceitos de espaço, moradia e aglomeração humana, possibilitando aos aprendizes a percepção para temática presente em *O Cortiço* em sua representação de espaço.

#### *Cortiços, Favelas*

Cortiço ontem  
favela hoje  
os nomes mudam  
mas os seres continuam  
vivendo igual  
pobreza imperando  
desprezo pela vida  
solução...? não há  
Do lado de fora, nada  
ninguém se importa  
Do lado de dentro  
tentam levar a vida  
por entre armas,  
ratos, esgotos,  
corpos caídos no chão  
hoje um, amanhã dois  
ninguém se importa mais  
a vida virou banalidade  
Quem poderia socorrer  
suga tudo, todo dinheiro  
para o seu próprio bem viver  
exportam suas famílias  
para o mundo civilizado  
com o dinheiro que  
roubam do povo sofrido  
Passeiam em seus jatos  
para seus euros conferir

Aqui no lixo ninguém  
 se importa não se engane  
 o mundo está pouco  
 se importando para a  
 guerra travada na escuridão  
 dos cortiços, das favelas  
 da pobre multidão

Izilgallu, (2008)

Sendo o texto *Cortiços, Favelas* criado em linguagem contemporânea acessível aos estudantes, podendo a leitura ser feita rapidamente e não ocupando todo o período de uma aula, o texto pode vir acompanhado da canção *Refavela*, de Gilberto Gil, trabalhando ainda as questões sobre espaço social e moradia.

A música poder ser executada em um aparelho de som sendo apresentado no formato original para que os estudantes a conheçam e acompanhem o texto enquanto a ouvem; tal trecho pode estar disponível na forma impressa ou na tela do computador.

Nessa atividade ainda há a possibilidade de o professor o professor e os estudantes trazerem instrumentos musicais para interpretarem a canção de Gil, servindo para a ampliação das discussões em torno das temáticas existentes na obra *O Cortiço*.

#### *Refavela*

Alaiá, kiriê  
 Kiriê, iaiá  
 A refavela  
 Revela aquela  
 Que desce o morro e vem transar  
 O ambiente  
 Efervescente  
 De uma cidade a cintilar  
 A refavela  
 Revela o salto  
 Que o preto pobre tenta dar  
 Quando se arranca  
 Do seu barraco  
 Prum bloco do BNH

A refavela, a refavela, ó  
Como é tão bela, como é tão bela, ó

A refavela  
Revela a escola  
De samba paradoxal  
Brasileirinho  
Pelo sotaque  
Mas de língua internacional

A refavela  
Revela o passo  
Com que caminha a geração  
Do black jovem  
Do black-Rio  
Da nova dança no salão

Iaiá, kiriê  
Kiriê, iaiá

A refavela  
Revela o choque  
Entre a favela-inferno e o céu  
Baby-blue-rock  
Sobre a cabeça  
De um povo-chocolate-e-mel

A refavela  
Revela o sonho  
De minha alma, meu coração  
De minha gente  
Minha semente  
Preta Maria, Zé, João

A refavela, a refavela, ó  
Como é tão bela, como é tão bela, ó

A refavela  
Alegoria  
Elegia, alegria e dor  
Rico brinquedo  
De samba-enredo  
Sobre medo, segredo e amor

A refavela  
Batuque puro  
De samba duro de marfim  
Marfim da costa  
De uma Nigéria  
Miséria, roupa de cetim

Iaiá, kiriê  
Kiriê, iaiá.

Gilberto Gil. *Refavela*, (1977)

Durante a apreciação das obras nos diferentes gêneros, o professor poderá incentivar os estudantes a encontrarem proximidades entre elas, como a ênfase dada pelos autores aos diferentes conceitos de moradia e as nomenclaturas distintas referentes às comunidades do país.

Comparando a transformação conceitual presente nos títulos “Cortiços”, “Favelas” e “Refavela” é possível denotar uma mudança dos nomes que fazem referência aos modelos de moradia e ao espaço que, embora mude de nome, mantém algumas características inalteradas.

Isso se evidencia nas marcas deixadas pelos autores, como a “pobreza imperando” e a conseqüente tentativa de sair dessa realidade por meio de um “salto que o pobre preto tenta dar”, evidenciando a ênfase dada ao negro como principal morador desse lugar da sociedade brasileira.

Tal entendimento sobre os termos torna possível buscar na obra de Azevedo o entendimento sobre o papel que o povo vindo de África teve na construção do país, sua recolocação geográfica, econômica, social e cultural após a abolição e sua atual condição, o que encaminha os estudantes para a construção de uma estrutura interpretativa para que apreciem mais tarde a obra azevediana.

Essas mudanças de nomenclatura e reorganização geográfica ocorridas historicamente nessas aglomerações humanas na esfera da moradia, e que são representadas nas obras, podem ser associadas aos diferentes períodos da história do país e a suas transições em face das decisões políticas.

Como exemplo disso, pode-se citar o prefeito carioca Candido Barata Ribeiro que, em 1892, perseguiu os moradores (CARVALHO, 1987) daquele que era o “cortiço [de] ontem” fazendo com que as pessoas que lá habitavam, por não terem onde morar, passassem a residir na “favela hoje”, ligando os termos presentes nos títulos, os quais caracterizam diferentes formas de organização habitacional mas que mantém os mesmos dilemas.

A problemática de moradia no Brasil enfrentada por grande parte da população e alguns programas habitacionais considerados ineficazes são apontados nas obras, como na menção sobre a parcela da população que é instalada em um “bloco do BNH”, em face da tentativa de reorganização do espaço urbano dos grandes centros em uma solução paliativa.

Da mesma forma, a temática da má distribuição de renda é um aspecto que

aproxima os textos e permite tal abordagem por parte do professor para que os estudantes estabeleçam relações que servirão para a leitura d' *O Cortiço*.

A relação de dualidade criada por Izilgallu, na qual a autora opõe os espaços representados em seu texto, "Do lado de fora, nada, ninguém se importa / Do lado de dentro tentam levar a vida", mostra ao leitor a separação espacial e o seu distanciamento entre dois lados.

O mesmo elemento pode ser encontrado na descrição do espaço representado na narrativa de Azevedo, pois o cortiço de São Romão pretendia ser uma república impenetrável com suas próprias leis, havendo uma proximidade temática entre os diferentes autores na caracterização dos grupos distintos que habitam uma mesma cidade, como se fossem micro-organismos isolados dentro de um organismo maior.

Essas personagens veem na avareza da personagem João Romão as raízes de uma condição humana degradante, provocada por aquele que poderia solucionar tal problema, mas que "suga tudo, todo dinheiro para o seu próprio bem viver" (IZILGALLU, 2008) restando aos demais o ritmo do "passo com que caminha a geração".

Assim, pode-se perceber que as diferentes gerações vão se sobrepondo em uma espiral sem que tais problemas sejam solucionados, sendo relegados às margens de uma sociedade que lhes oferece apenas "o sonho [...] de minha gente" (GIL, 1977).

Desse modo, as dualidades existentes no poema de Izilgallu e na canção de Gilberto Gil também estruturam os elementos culturais que embasam a leitura da obra de Aluísio Azevedo criando um elo temático para a construção de sentidos necessários ao processo de leitura literária e interpretação da obra, ao passo que mostra aos estudantes que, embora os textos distem temporalmente, fazem referência ao mundo físico no qual vivem.

Isso possibilita aos envolvidos nesse processo de leitura a promoção de reflexões sobre as transformações sociais atuais, como o uso do termo "comunidade" como referência aos espaços que já possuíram outros nomes e que temporariamente são alterados, oferecendo a possibilidade de um estudo do campo terminológico para a concepção do espaço urbano.

Para Freire (2001, p. 110), "em vez de considerar 'favela' e 'comunidade'

como categorias estáticas, deve-se compreender a forma como são operacionalizadas pelos atores, sendo seus sentidos construídos e reconstruídos dinamicamente no cotidiano de suas interações sociais”.

Com tal abordagem, ao professor também é possibilitado apontar aos estudantes a origem do termo "Favela", o qual faz referência a uma planta encontrada no norte da Bahia, no Brasil, e que é apresentada na literatura por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902), narrativa esta sobre a Guerra de Canudos, acrescentando ao conhecimento dos estudantes mais um clássico da literatura brasileira como fonte de pesquisa para o seu enriquecimento histórico e cultural nacional.

As favelas, anônimas ainda na ciência — ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus — talvez um futuro gênero *cauterium* das leguminosas, têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. Por um lado, a sua epiderme ao resfriar-se, à noite, muito abaixo da temperatura do ar, provoca, a despeito da secura deste, breves precipitações de orvalho; por outro, a mão, que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inatural (CUNHA, 1984, p. 20)

O professor poderá explicar que, em decorrência da quantidade dessa vegetação citada por Cunha nos campos de batalha, um dos morros que serviram de base para posicionamento das equipes de guerra durante os ataques a Canudos era um morro denominado “Favela”. “No dia imediato assaltariam simultaneamente por dois pontos, na Favela e no Angico” (CUNHA, 1984, p. 175).

Desse conflito, após o retorno das tropas que massacraram o povo de Canudos, os soldados que não tinham onde morar estabeleceram-se no morro da Providência, na cidade do Rio de Janeiro, o qual recebeu o nome de Favela em referência ao morro de mesmo nome na Bahia.

Sobre tal fato, Mattos (2007) aponta que: “Por abrigar pessoas que haviam tomado parte naquele conflito, o Morro da Providência foi popularmente batizado de Morro da Favela. O apelido pegou, e na década de 1920 as colinas tomadas por barracões e casebres passaram a ser conhecidas como favelas”.

Outra aproximação entre obras, no sentido de instrumentalizar os estudantes no processo de leitura literária de modo a ampliar seus horizontes, se dá na

aproximação temática entre os textos “Tinha uma favela no meio do caminho”, do autor André Ebner (2009), e "No meio do caminho", de Carlos Drummond de Andrade (2002), podendo ser apresentados pelo docente em um momento em que se torna possível incentivá-los para a desconstrução de possíveis pré-conceitos em relação à ideia que se tem desse espaço e das pessoas que nele vivem.

Neste ponto do estudo junto aos alunos, o professor poderá criar algumas expectativas quando à representação de personagens nos textos a serem lidos, além de incentivar os estudantes a fazerem previsões quanto ao que poderá ocorrer com as mesmas, reforçando a curiosidade dos estudantes sobre a representação de seus dilemas.

Eliane de Fátima Manenti Rangel (2007, p. 03) evidencia a importância da organização da leitura literária de modo que o professor instigue os estudantes a conhecerem as entrelinhas do texto, pois na leitura como “um ato comunicativo, mesmo implicitamente, tanto autores quanto leitores estão posicionados social, política, cultural e historicamente, projetando seus valores e crenças na construção do significado do texto”.

#### **Tinha uma Favela no meio do Caminho**

Terminado o ensino médio, um ano desempregado, Marcos finalmente consegue um trampo, e vai trabalhar numa empresa perto da sua casa. Apesar da distância até a empresa ser de quinze minutos a pé, ele levava vinte, pois desviava da favela que tinha pelo caminho. - Eu? Andar no meio daquela favela? Você tá é louco... \_ dizia para o pessoal do trabalho, que o apoiava, lembrando o quão perigoso era o lugar. Certa vez, atrasado para o trabalho, Marcos teve que passar pela favela. Correndo e suando frio, cada barulho era um alerta. Tenso, respiração ofegante e coração à milhão, nem olhou para os lados. São e salvo, chegou no seu trabalho com um pequeno atraso, mas já suficiente para o comentário opressor do patrão, que calhou nesse dia de estar lá logo cedo. Após a experiência de medo e apreensão, nunca mais andou pela favela, mesmo que atrasado. Mas algo estava para acontecer. Alguns meses depois, após a benção da mãe, Marcos foi para o trampo como todos os dias, caminhando junto aos carros. Uma rua sem calçada, um caminhão desavisado, e ele não menos, foram os ingredientes da cena. Um caminhão acerta Marcos, jogando-o para o muro, e ele cai fora de si. Marcos só acordou dali a dois dias, no hospital. Reconhecendo a mãe, quis saber o que acontecera. A mãe descreveu a cena e contou que uma senhora que passava pelo local é quem o acudiu, chamando a ambulância e dando o primeiro socorro. Agradecido, ele pediu para visitar a bondosa senhora. Restabelecido, foi até o endereço indicado. Qual não foi a surpresa ao perceber que ela morava na favela perto da sua casa, aquela mesma que

tantas vezes havia desviado. Com medo mas decidido, chegou na casa procurada, que apesar da falta de acabamento, era bem limpinha. Chamou a senhora, que logo apereceu e o convidou para entrar, numa simpatia só. Descobriu que seu nome era Nice, conheceu a sua família e deparou com uma simplicidade misturada com sentimentos bons no coração que o fez chorar.

Agradeceu imensamente a ajuda e voltou para a casa feliz da vida. Durante a volta, notou o que nunca havia reparado: que a favela apesar de pobre tinha muita vida, muitos jovens sorrindo, mulheres conversando, crianças brincando e trabalhadores indo e vindo do serviço. Acabado a dispensa médica, Marcos volta ao trabalho, conta o que ocorreu e cheio de razão emenda:  
- Eu? Andar no meio daquela autovia? Você tá é louco... Eu vou pela favela mesmo!

(EBNER, 2009)

Nesta fase o professor poderá distribuir o poema de Drummond aos estudantes para que leiam e reflitam sobre as relações possíveis entre a "pedra" e o que poderia vir a ser essa tal pedra em seu caminho, podendo reservar tempo para que os estudantes apresentem suas interpretações.

Após a apresentação dos estudantes, o professor poderá retomar a leitura do texto de Ebner relacionando-o ao texto de Drummond de modo a partir do texto que se aproxima da realidade do estudante por tratar de temática existente em sua vida, a exemplo do que acontece com a personagem "Marcos", alguém que "termina o ensino médio" e que vive em sociedade em busca de um "trampo", oportunizando ao estudante notar o uso da licença poética que o autor faz de uma gíria presente em grande parte dos grupos sociais de adolescentes, em alusão à palavra emprego.

Na representação do caminho percorrido por Marcos até chegar ao seu local de trabalho o autor insere o que, à primeira vista, parece ser um obstáculo: "a favela que tinha pelo caminho", permitindo aos estudantes refletirem sobre os conceitos e crenças sobre o que vem a ser a "favela" e o que ocorre nesse espaço estigmatizado.

Em uma associação entre o texto de Ebner e "No meio do caminho", de Drummond, pode-se aproximar o estudante de mais uma obra da literatura nacional, permitindo-lhes que reflitam sobre formas de interpretação do poema, dando-lhes liberdade para que pensem nas pedras existentes nos diferentes caminhos que escolherem, possibilitando um encaminhamento aos diferentes gêneros do texto literário, como a poesia em sua capacidade de expressão artística.

### No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
(DRUMMOND, 2002)

A partir da leitura dos textos introdutórios selecionados tem-se por objetivo estabelecer ligações entre eles e outras obras da literatura nacional consideradas clássicas que demandam maior fôlego de leitura, como *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Cumprindo a etapa de despertar o interesse dos estudantes para os temas existentes na obra de Azevedo, na etapa seguinte objetiva-se encaminhá-los à obra *O Cortiço* (2010), de Aluísio Azevedo, assim como utilizar o ambiente virtual para ter acesso à adaptação da mesma obra, cabendo ao professor organizar os conteúdos e o tempo necessários para o trabalho de leitura do livro e das páginas digitais.

Assim, propõe-se que o professor apresente aos estudantes a obra impressa e o sítio eletrônico [www.livroegame.com.br](http://www.livroegame.com.br), sendo este ambiente virtual no qual os estudantes terão acesso a uma adaptação do livro para o formato de história em quadrinhos e de jogo eletrônico digital.

Sugere-se que o professor estabeleça prazos para que os estudantes leiam a obra impressa, já que se trata de uma leitura que será feita por um período de tempo maior do que a interação do estudantes com o ambiente virtual.

### 3.4 Acesso ao sítio eletrônico

Com o uso de aparelhos eletrônicos, como computadores, *tablets*, celulares ou outros dispositivos que possuam conexão com a *internet*, tendo estes a função de ferramentas de apoio ao desenvolvimento das atividades de leitura, o professor poderá utilizar um programa (*software*) de sua preferência que deem acesso ao ambiente virtual para acessar o conteúdo disponível na rede mundial de computadores.

Havendo disponibilidade de acesso à *internet*, o endereço eletrônico [www.livroegame.com.br](http://www.livroegame.com.br) pode ser digitado na barra de endereços conforme demonstrado na figura 1; quando do carregamento da página, ou seja, assim que o conteúdo do endereço eletrônico estiver disponível nas telas dos aparelhos eletrônicos, o professor poderá iniciar a apresentação da adaptação da obra *O Cortiço* aos estudantes, servindo de motivação e introdução à leitura, almejando o acesso posterior à obra original impressa.

Na tela inicial (*home*) do sítio eletrônico, conforme figura 2, há os atalhos (*links*) que possibilitam o acesso às três obras da literatura nacional adaptadas para o ambiente virtual, sendo elas *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, todas acessíveis a partir de cliques do dispositivo apontador (*mouse*) sobre as imagens correspondentes.

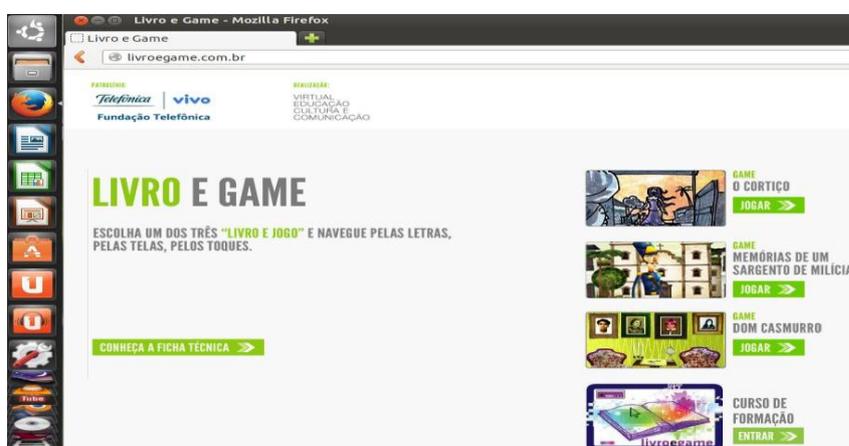


Figura 2: Página inicial do sítio eletrônico Livro e Game

Sendo *O Cortiço* a obra selecionada para este estudo, com um toque do dispositivo apontador sobre a imagem correspondente, o estudante acessa o conteúdo da obra transposto para o formato digital, o qual é precedido por uma animação transicional explicativa sobre o que ele acessará nas páginas seguintes, conforme a figura 3, onde o mesmo encontra a informação sobre o conteúdo adaptado de uma das narrativas fundadoras do Naturalismo no Brasil, criada pelo escritor maranhense no final do século XIX.

Também informa que a obra pertencente à escola naturalista preconizada por Emile Zola, retratando o período da industrialização do país, baseando-se em correntes filosóficas a exemplo da determinista, finalizando a apresentação com duas interrogações: será que o homem é mesmo refém do seu meio? Ou ele pode transformá-lo?

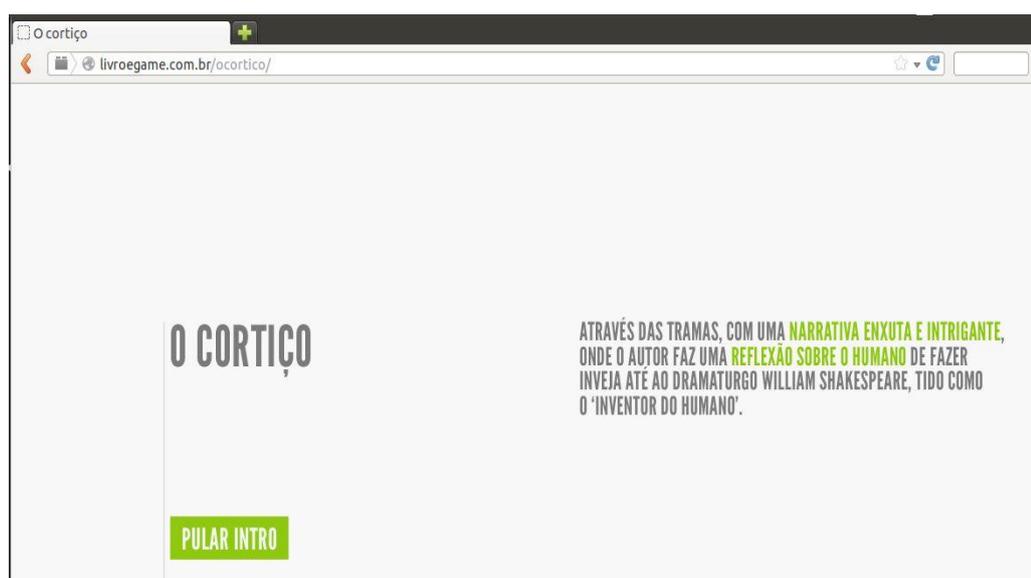


Figura 3: Transposição da obra *O Cortiço*

Após a transição da página introdutória, o estudante pode acessar os demais hipertextos do ambiente virtual com seus conteúdos acessíveis por meio dos atalhos apresentados na figura 4, como o “*home*”, que possibilita reiniciar a apresentação da introdução.

Nesta parte, é possível encontrar os seguintes símbolos: “hq”, que dá acesso à adaptação da obra para o formato de história em quadrinhos representando as

principais personagens da obra original, e “jogo”, que possibilita acesso ao jogo eletrônico no qual o estudante interage na construção do cortiço, assumindo o papel da personagem João Romão, dono do cortiço, da mercearia e da pedreira.

Nessa fase há a possibilidade de o jogador administrar os lucros obtidos a partir da exploração do trabalho dos funcionários, dos alugueis e dos produtos vendidos em seu estabelecimento comercial, podendo reaplicá-los na construção de mais moradias em seu terreno, o qual representa o ambiente do Rio de Janeiro da época em que a obra foi escrita.

Ao acionar o atalho “escritório” o estudante terá acesso à um ambiente que disponibiliza uma biblioteca virtual onde estão disponíveis duas obras integrais de Aluísio Azevedo, tais como *Casa de Pensão* e *O Cortiço*, um texto de apresentação sobre a vida do autor, assim como textos sobre as comunidades da Rocinha, do Pelourinho, na Bahia, e Heliópolis.

Esses hipertextos estão disponíveis em formato pdf (*portable document format*) e podem ser baixados para o computador e impressos ou lidos na própria tela do aparelho eletrônico.

Entre eles estão ainda textos que tratam sobre as correntes filosóficas da época em que Azevedo criou *O Cortiço*, como o Naturalismo, o Determinismo e o Zoomorfismo; e o atalho “downloads”, página que disponibiliza aos estudantes imagens que podem ser baixadas e usadas em seus computadores.

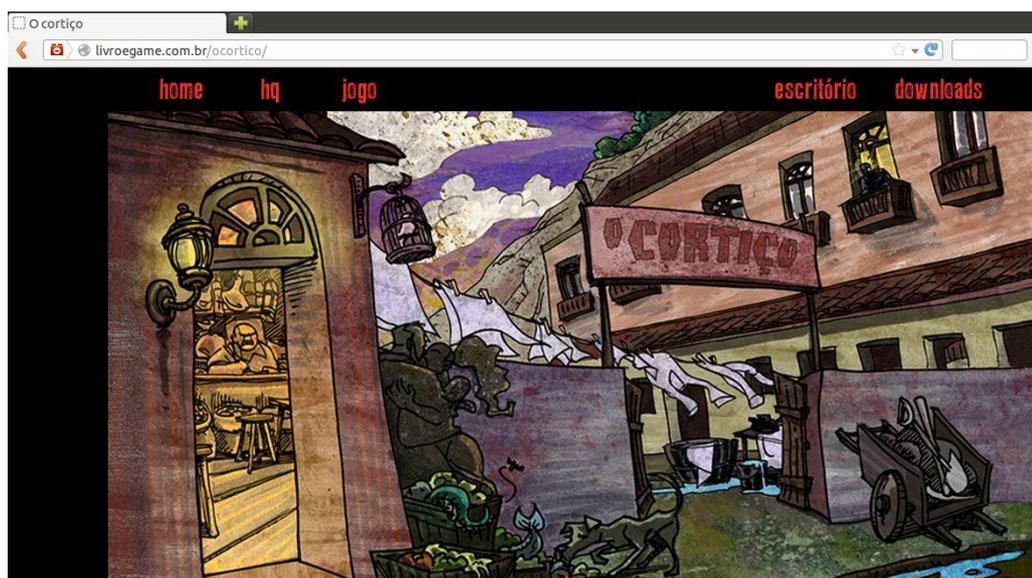


Figura 4: Atalhos para a transposição da obra O Cortiço

Embora na página de abertura (figura 3) haja o botão “Pular intro”, no qual o estudante pode clicar para ter acesso direto ao jogo ou à história em quadrinhos, vale ressaltar que o professor pode informar sobre a importância da leitura das informações ali contidas.

Esse conteúdo traz dados importantes sobre a obra e possibilita que o estudante se habilite para responder ao questionário que tem a função de chave de acesso ao jogo digital, o que também é válido em se tratando da leitura dos excertos que compõem a história em quadrinhos, conforme figura abaixo:

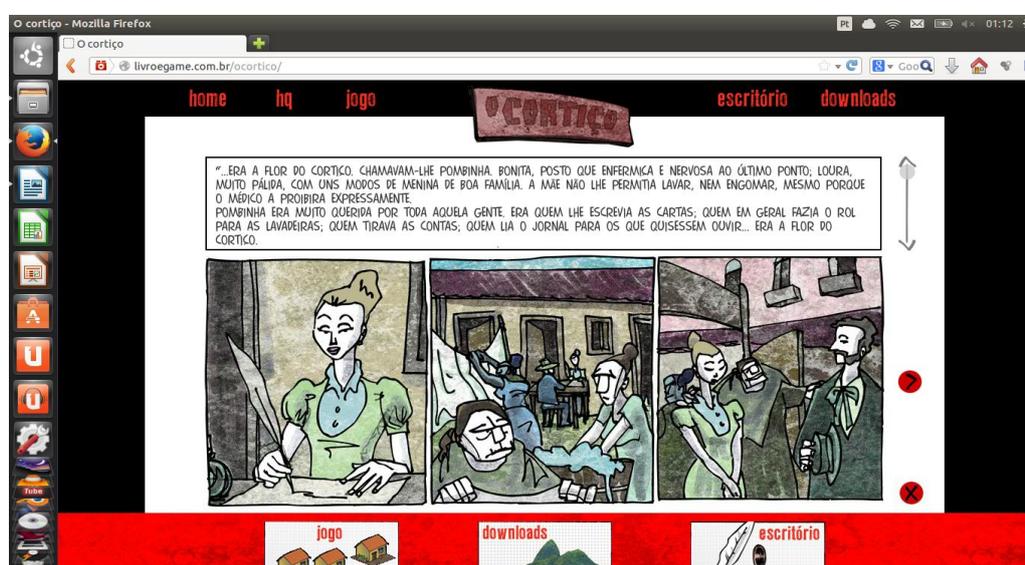


Figura 5: O Cortiço em quadrinhos

Depois de ler a história em quadrinhos e os textos informativos existentes na página “escritório”, os quais possibilitam ao estudante o conhecimento sobre a obra para acessar o jogo, o mesmo poderá clicar no atalho “jogo” para acessar a página e brincar na construção de seu cortiço. No entanto, se o estudante tentar acessar o jogo sem ter lido a HQ e os outros textos, o professor poderá incentivá-lo a fazê-lo, pois tratam-se de conhecimentos relacionados ao livro que possibilitam a resposta das questões sobre a obra, conforme figura 6.



Figura 6: Questionário (“quizz”) - chave de acesso ao jogo eletrônico

O mecanismo de funcionamento do jogo eletrônico é estruturado em uma lógica de jogabilidade na qual os conteúdos encontram-se relacionados para que os estudantes possam jogar, fazendo com que seja necessária a leitura dos hipertextos disponíveis nos diferentes gêneros utilizados pelos desenvolvedores, como é o caso da condição de responder o questionário para que se pontue e se obtenham créditos iniciais (dinheiro virtual), para a construção das primeiras casas em seu cortiço e multiplicação de seus pontos com o ganho com os aluguéis.

Por se tratar de um jogo que agrega diferentes áreas do conhecimento escolar, o desenvolvimento de trabalhos em parceria com outros professores é possível. Para construir o cortiço virtual o jogador necessita utilizar conhecimentos matemáticos, como no caso da contabilização de recursos financeiros obtidos a partir das rendas e do empréstimo que o jogador assume com a escrava Bertoleza (figura 7) para aplicar na ampliação do cortiço.

O jogo também explora saberes geográficos para abordar a organização urbana e o espaço em que as casas serão construídas no cortiço virtual (figura 8), do mesmo modo que é necessário se pensar em aspectos de infra-estrutura e de saneamento básico, pois há a possibilidade de o jogador pagar multas e perder

créditos em decorrência da superpopulação da cidade, como apontado pelas 9 e 11.

As questões político-sociais resultantes de conflitos entre trabalhadores que moram no cortiço em decorrência dessa mesma aglomeração, conforme figura 10, podem estar associadas à disciplina de sociologia e história para estudar as manifestações populares decorrentes de desentendimentos entre diferentes grupos da sociedade, assim como as teorias sociais francesas que influenciaram a criação da obra.

Já os conhecimentos da área biológica podem ser abordados a partir dos conhecimentos sobre a teoria de Darwin, com o estudo das células do corpo humano e seus sistemas e o uso desse princípio na descrição do cortiço e das personagens nele existentes.

No campo artístico, podem-se estudar as manifestações culturais de diferentes grupos e etnias que são formadoras da cultura nacional, sendo representados pela mistura de diferentes tradições musicais, de danças, crenças e culinárias, além de se estender para outras áreas do conhecimento que os professores quiserem agregar conhecimentos a partir do jogo.



Figura 7: Empréstimo financeiro - escrava Bertoleza

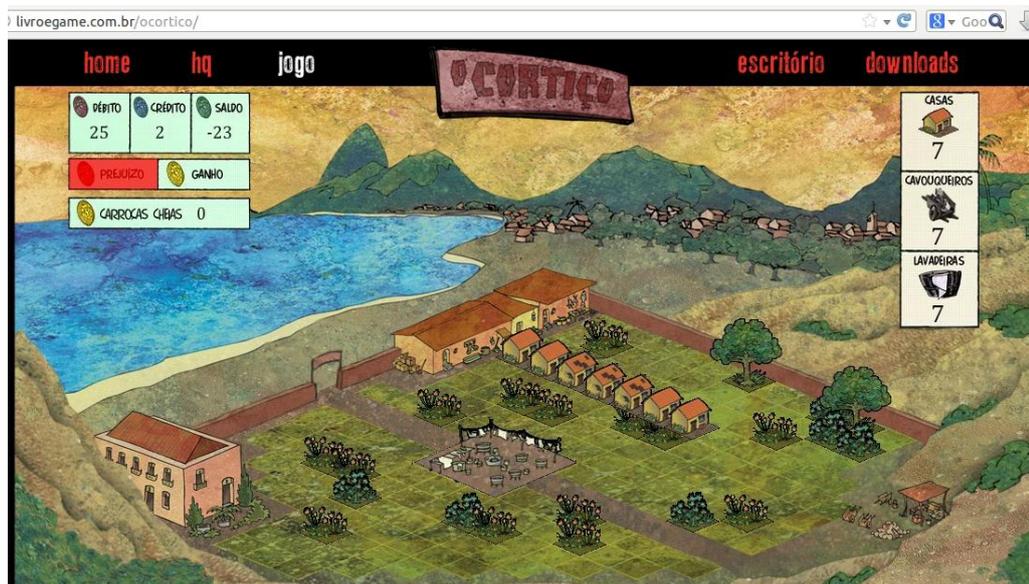


Figura 8: Jogo O Cortiço - habitação e espaço geográfico



Figura 9: Problemas de saneamento básico



Figura 10: Conflitos sociais

Seguindo o exemplo do que ocorre com o cortiço da obra original, no virtual o jogador perceberá que a partir de um determinado ponto do jogo as casas deixam de ser térreas, tomando o formato de sobrados (figura 11), passando a atender cada vez mais pessoas em um mesmo espaço, o que agrava as condições de moradia, tornando-as ainda mais insalubres, podendo este ser também um fator de grande importância para ser observado pelo professor e pelos estudantes na composição de suas histórias que serão criadas como “finais diferentes” dados à narrativa.

Isso pode servir de incentivo aos estudantes para a proposição de solução não somente dos conflitos das personagens, assim como relacionar tais conflitos ao espaço físico e uma solução para esse problema, já que, com a reforma pela qual passa o cortiço da obra de Azevedo, grande parte dos moradores deixam de habitá-lo por conta dos custos elevados das novas moradias. Cabendo ao jogador, então, definir para onde irão esses moradores e em que condições viverão.

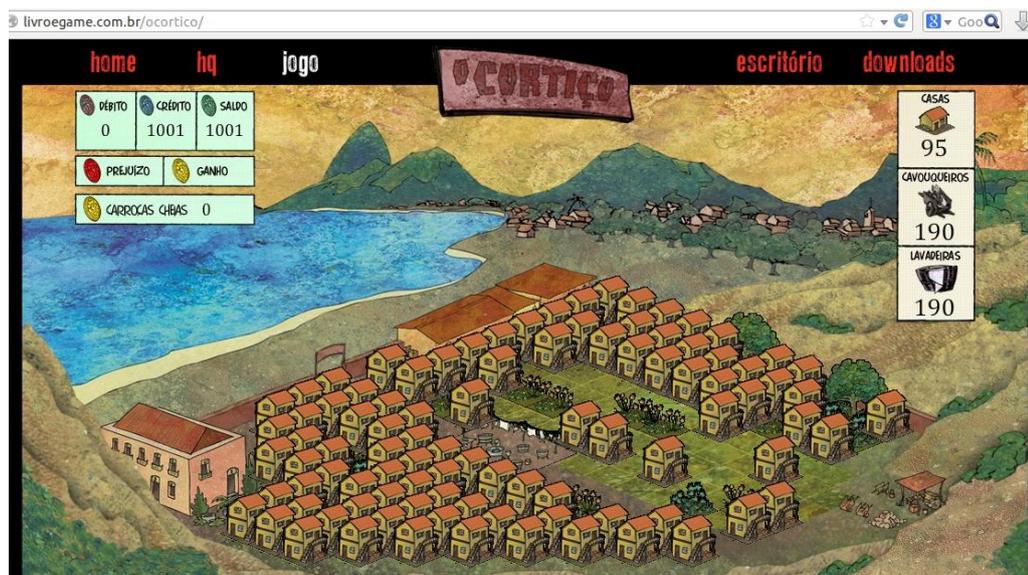


Figura 11: Reforma do cortiço

Esse aumento que ocorre no tamanho das casas no jogo, e que precisa acontecer também no poder aquisitivo de seus moradores, afasta desse ambiente pessoas que não têm condições financeiras para continuar habitando tal espaço, aspecto de classificação social que condiciona parte dos moradores a irem para outros locais da cidade, vivendo à maneira como podem, discussão que se torna possível logo adiante, quando da proposta de análise da fotografia de Tuca Vieira, referida na figura 15.

Ao final do jogo, quando o jogador se aproximar do final do processo de construção do cortiço virtual, será necessário que responda se deseja, ou não, pagar o empréstimo concedido pela escrava Bertoleza no início da construção das casas.

Uma vez que ela tenha emprestado 20% do total necessário para dar início à construção, agora ela possui direitos sobre 20% das riquezas produzidas pelo jogador. Se a resposta for sim, ou seja, o jogador deseja quitar a dívida com a escrava, ele vence o jogo e recebe o título de Barão. Caso contrário, Bertoleza suicida-se, o jogador não vence e o jogo necessita ser reiniciado (figura 12).



Figura 12: Finalização do jogo

Com base no jogo pode-se observar que a transposição da obra *O Cortiço* possibilita diferentes abordagens, devendo o professor, nesta fase, assegurar-se de que os estudantes partam de uma que abranja os aspectos necessários ao entendimento da obra original de maneira mais aprofundada. Entre muitas, há o exemplo que preconiza a busca de temas relacionados à adolescência, podendo o professor utilizar como estratégia para tal o lançamento de desafios aos estudantes durante todo o processo de contato com o texto.

Para o desenvolvimento desta observa-se que, das personagens adolescentes representadas na obra literária original, apenas a personagem Pombinha aparece nos excertos da história transposta para o ambiente virtual, o que pode ser abordado pelo professor como uma das características da obra transposta, a qual leva em consideração os aspectos que os criadores da adaptação definem como prioridade para o trabalho, não contemplando a obra como um todo.

Com base nisso, o professor poderá apresentar aos estudantes uma síntese sobre a vida das demais personagens adolescentes com o intuito de despertar a curiosidade deles para que descubram mais informação sobre os dilemas enfrentados por elas no texto de Azevedo.

Torna-se possível, nesta fase, apresentar-lhes o desafio de descobrirem as origens de tais dilemas, a relação entre as personagens dentro da trama, a maneira como enfrentam os seus problemas e qual é o desfecho na vida de cada uma.

Objetivando que os estudantes sintam-se ativos durante todo o processo de leitura, assim como ocorre na interação com o jogo eletrônico, uma sugestão é que eles analisem as personagens dentro da narrativa e, após a leitura da obra, proponham um final diferente o enredo, podendo este trabalho ser composto no formato de histórias em quadrinhos, se os estudantes quiserem seguir o modelo da transposição.

Para que a sequência didática seja adaptada pelo professor a cada turma, já que o profissional pode encontrar outras combinações possíveis entre obras, cabe ao professor conhecer *O Cortiço* para saber quais detalhes da representação da adolescência nela estão presentes, como no caso das personagens Pombinha, Florinda, Agostinho, Zulmira, Marianita, Henrique e Isaura.

Uma sugestão de abordagem, no caso da personagem Zulmira, é apontar os problemas enfrentados pela adolescente em decorrência de não ser aceita pelos pais, uma vez que o pai a desprezava ao mesmo tempo em que não era querida pela mãe, em decorrência de um conflito familiar interno. Com essa abordagem o professor poderá desafiar a equipe que for sorteada para estudar a personagem no sentido de investigar os motivos que levam a personagem enfrentar tal dilema.

Quanto a Henrique, estudante que vai à capital do país – na época o Rio de Janeiro – para estudar medicina e provoca uma série de mudanças no cortiço, pode-se estabelecer uma ligação com um dos dilemas enfrentados pela personagem Zulmira, assim como sua interferência na vida de outras personagens do cortiço, compondo o que o grupo responsável pela personagem irá investigar.

Agostinho, “filho de mãe solteira”, o que para a época poderia ser visto como algo negativo, é uma criança que participou de uma luta na guerra entre os cortiços. Neste caso, torna-se possível trabalhar com os estudantes a questão da relação entre irmãos que sejam filhos de diferentes pais, possibilitando um debate sobre as diferenças familiares e a importância do respeito e harmonia familiar.

A gravidez na adolescência também é um tema a ser abordado junto aos estudantes a partir do estudo da personagem Florinda, além da temática do abuso sexual sofrido por crianças e adolescentes, sendo tema propício para a organização de debate com os estudantes a respeito dos meios de prevenção desses problemas que ocorrem em sociedade. Um desafio que pode ser proposto pelo professor é a investigação sobre o que ocorre com a personagem e com as pessoas ao seu redor

após a mesma engravidar.

Senhorinha, filha de Jerônimo e Piedade, menina de grande importância para as pessoas que moram no cortiço, é outra personagem que possibilita maior entendimento sobre a obra. Filha de um casal vindo de Portugal e que constitui família exemplar, presencia grandes mudanças em sua casa com o passar do tempo, o que interfere muito em sua vida. Responder o que acontece para que todas essas relações sejam abaladas é um outro desafio que pode ser proposto pelo professor para incentivar a leitura.

E Pombinha, menina que tem 12 anos de idade no início da narrativa é considerada um tesouro do cortiço; a adolescente possui algumas habilidades que poucos naquele local dominam, como a leitura e a escrita. Esse conhecimento de Pombinha faz com que todos os moradores do cortiço a procurem para que escreva cartas para outras pessoas, fazendo com que a menina conheça muitos segredos, paixões e sentimentos humanos.

Pombinha, como diminutivo da palavra "pomba", simboliza a pureza, simplicidade e a sublimação do instinto, (em oposição das demais personagens). Segundo Chevalier (2015, p. 728), representa "muitas vezes aquilo que o homem tem em si mesmo de imorredouro, quer dizer, o princípio vital, a alma".

Com o passar do tempo, a menina começa a namorar, mas se vê impedida de se casar. Afinal, uma barreira a impede de realizar o sonho de sua mãe e da maior parte dos moradores daquele local, fazendo com que uma série de acontecimentos levem Pombinha a romper com a cultura daquele local, pois assume atitudes que eram, e ainda são, consideradas inaceitáveis por parte da população brasileira.

Essa proposta de investigação sobre Pombinha possibilita ao professor definir inúmeras abordagens, já que ela é uma das personagens principais da obra e, a partir do que o autor reservou para a mesma, suscita diferentes temas e interpretações.

Levando-se em consideração que a quantidade de personagens adolescentes representadas na obra *O Cortiço* é em menor quantidade que a de estudantes nas salas de aula das escolas brasileiras, uma estratégia que pode ser utilizada é a divisão dos estudantes de cada sala em grupos com o mesmo número que o de personagens que se pretende estudar, ficando cada equipe responsável por uma delas.

### **3.5 Segunda etapa: Introdução – professores e estudantes navegantes (4 aulas)**

A proposta de uso do jogo eletrônico e da história em quadrinhos tem o objetivo de possibilitar ao estudante uma introdução à obra literária, ao mesmo tempo em que permite ao professor trabalhar conceitos de base para o entendimento da obra durante a leitura.

Paralelamente ao processo de leitura da história em quadrinhos e do jogo, o professor poderá contextualizar a obra explicando conceitos importantes que estejam presentes na composição de Aluísio Azevedo, utilizando os conhecimentos das demais áreas de estudo, tais como a abordagem sobre o darwinismo, o determinismo e o positivismo.

Isso deve ser feito para que os alunos entendam o conteúdo e o momento histórico de produção da obra, pois nesses excertos retirados do livro para a criação das tirinhas há a presença de temáticas como as questões de trabalho que se estabelecem no espaço do cortiço e a interação dos trabalhadores com o proprietário da pedreira, definido as relações de classes antagônicas. Também se torna possível abordar a temática de gênero em relação ao mundo do trabalho, pois as mulheres diferem dos homens do cortiço nas posições assumidas em suas atividades laborais.

Nessa fase da leitura e interpretação inicial da obra torna-se interessante propor a solução de outro enigma, solicitando aos estudantes que tentem descobrir quem é a personagem principal da obra, já que esta é uma das perguntas a serem respondidas para que se tenha acesso ao jogo, solicitando-lhes que se posicionem na explicação sobre o seu ponto de vista.

Aspectos como o fato de Aluísio Azevedo também ser conhecido por seus trabalhos de ilustrador, tendo representado ironicamente as personalidades da época nos jornais do Rio de Janeiro, podem contribuir para que o estudante esteja atento para fazer uma leitura dos traços escolhidos pelos autores da composição das imagens das histórias em quadrinhos, ajudando-o na interpretação do contexto histórico e social da época.

Como apoio para que os estudantes se habilitem para a interpretação de imagens, o professor pode apresentar uma das charges de Aluísio Azevedo,

publicada na 93ª edição do jornal *O Mequetrefe*, do Rio de Janeiro, em 03 de Março de 1877.



Figura 13: Charge satírica sobre o Brasil

Para o desenvolvimento das fases seguintes do trabalho de leitura literária, na qual os estudantes farão uso da transposição da obra *O Cortiço*, disponível no formato de jogo eletrônico, aconselha-se ao professor orientar os estudantes para que também iniciem a leitura da obra original, de modo que os estudantes passem a ter contato com o texto integral do autor.

Para que o processo de leitura seja organizado, cabe ao professor propor-lhes um acordo sobre um prazo para que essa leitura e as demais atividades das etapas da sequência didática sejam concluídas em um período determinado.

A partir desta etapa, durante as aulas em sala, é possível orientá-los quanto a leitura da obra original, esclarecendo dúvidas, enquanto sejam feitas as leituras de outros textos literários, as discussões e as produções textuais para que o professor acompanhe a interpretação dos alunos sobre a obra de Azevedo.

### 3.6 Terceira etapa: Desenvolvimento da sequência básica – Cortiços reais e virtuais (10 aulas)

Cumprida a fase inicial de leitura e das discussões sobre os textos literários, de modo a garantir ao estudante o conhecimento necessário para que os estudantes respondam as questões para que acessem ao jogo, passa-se para a etapa na qual os jogadores assumem a personagem de João Romão – dono do cortiço – quando têm a oportunidade de lidar com valores monetários dentro da brincadeira eletrônica, podendo investir o dinheiro que ganham como recompensa da pontuação dos acertos das respostas na construção das casas do cortiço virtual.

home hq jogo **O CORTIÇO** escritório downloads

DÉBITO 26 CRÉDITO 60 SALDO 34

PREJUÍZO GANHO

CARRÓÇAS CHEIAS

Calcule quantas casas quer construir. Escolha: o material que vai usar nas casas; os produtos que vai vender no armazém; e o perfil de empregados para a pedreira. Preencha a tabela de acordo com o saldo existente.

ITEM	VALOR MENSAL POR UNIDADE (contos de réis)	NÚMERO DE UNIDADES (casas, famílias e funcionários)	TOTAL (contos de réis)
<b>Cortiço - construção de casa</b>			
material de primeira	16	<input type="checkbox"/>	
material de segunda	11	<input checked="" type="checkbox"/>	22
<b>Armazém - compra de produtos para estoque/mês</b>			
produtos de qualidade	2	<input type="checkbox"/>	
produtos baratos	1	<input checked="" type="checkbox"/>	24
<b>Pedreira - salário de cavouqueiro</b>			
eficiente	2,5	<input type="checkbox"/>	
indolente	1	<input checked="" type="checkbox"/>	2

selecione abaixo:

Informa a quantidade de casas abaixo e aperte ENTER:

2

Confirmar?  SIM

CASAS 0  
CAVOUQUEIROS 0  
LAVABEIRAS 0

Figura 14: Administração financeira do cortiço

Desse modo o professor poderá aproveitar o momento para discutir com os estudantes qual seria a melhor maneira de organizar as casas no espaço disponível para a construção do cortiço.

Em seguida, o professor poderá fazer perguntas sobre a cidade e o bairro onde os estudantes vivem para que os mesmos reflitam sobre questões como tamanho das casas, distância entre as moradias, materiais utilizados na construção, convívio harmônico entre vizinhos.

Essa estratégia pode oportunizar aos estudantes apontamentos sobre o que consideram um modelo ideal de cidade, comparando os modelos de organização

urbana que conhecem com a do jogo virtual, permitindo-lhes a compreensão da organização do ambiente em que estão inseridos como também daquele retratado na obra literária em questão.

Com base nesse processo e também sobre os termos utilizados para a classificação dos conjuntos de casas dentro de uma cidade, é possível estabelecer paralelos com o conceito que eles têm sobre o que seria um cortiço e se hoje haveria alguma organização de moradias que poderia ser classificada como tal, possibilitando um debate sobre o espaço das cidades e de sua organização social e cultural.

Buscando agregar ao trabalho as contribuições da arte visual, pode-se apresentar aos estudantes um retrato do fotógrafo Luiz Arthur Leirão Vieira – Tuca Vieira (2000) – o qual apresenta as contradições presentes nos grandes centros urbanos da atualidade.

Além de possibilitar tais reflexões, disponibiliza aos estudantes aporte para discussões sobre a organização espacial, social e cultural que retratam a distribuição social dos espaços de acordo com o acesso que os diferentes grupos têm à renda, contextualizando o conteúdo que aborda a aspectos culturais e sociais dessas comunidades.



Figura 15: Foto da favela de Paraisópolis

Nesse ponto das discussões pode-se agregar à análise da fotografia os

conceitos abordados no momento de apresentação das correntes filosóficas utilizadas por Azevedo na composição d' *O Cortiço* para tratar sobre aspectos sociais que levaram os seres humanos a se aglomerarem em cidades no final do século XIX em lugares insalubres, como em cortiços.

Essa iniciativa pode fomentar discussões sobre conceitos como o êxodo rural, a industrialização das grandes cidades, a formação de mercado consumidor pelas elites europeias em suas colônias e a conseqüente relação entre todos os povos que se unem nesses espaços para sobreviverem coletivamente em uma mistura de raças, culturas e crenças.

No jogo eletrônico, excetuando-se a leitura dos excertos da obra original usados na composição das histórias em quadrinhos e do material de apoio que o estudante encontra no atalho "Escritório" no mesmo ambiente virtual, o que depende da velocidade da leitura de cada aprendiz, proporciona-se ao estudante interatividade de aproximadamente duas horas/aula para a construção completa do cortiço virtual e do cumprimento de todas as suas fases.

Assim, levando-se em conta que cada turma tenha o seu ritmo, cabe ao professor organizar o tempo entre o uso do endereço eletrônico para as atividades de leitura e de acesso aos demais materiais escolhidos para a contextualização da obra principal, no caso, *O Cortiço*, de Azevedo.

Em seguida, o professor poderá propor um estudo das personagens da obra azevediana, possibilitando enriquecer os debates sobre o processo de formação cultural brasileira pela perspectiva dos adolescentes.

Objetivando a aproximação entre leitor e obra, o professor poderá lançar um desafio: propor aos estudantes que encontrem na obra original as personagens adolescentes representadas por Aluísio Azevedo, assim como descobrir de que maneira a vida em um local interfere em sua personalidade e quais fatores levam as mesmas a enfrentarem os diferentes dilemas de suas vidas, os quais, na maioria das vezes, são os mesmos enfrentados por adolescentes da contemporaneidade em fase escolar.

Uma ideia que talvez possa servir como ponto de partida para esse tipo de investigação é o professor dar algumas pistas, como a relação entre elas e as personagens que representam os adultos, podendo apontar o formato da cultura da época dos casamentos arranjados, como o caso da personagem Zulmira, que se

casará com um homem mais velho por interesses econômicos de seus pais, além de relembrar os aspectos já apontados anteriormente sobre as características de cada personagem.

Como exemplo de apontamentos que o professor poderá fazer, a tabela a seguir apresenta algumas características das personagens adolescentes colhidas em *O Cortiço*.

Zulmira	<p>Zulmira tinha então doze para treze anos e era o tipo acabado da fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas. Respirava o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de magnólia; cabelos castanho-claros, mãos quase transparentes, unhas moles e curtas, como as da mãe, dentes pouco mais claros do que a cútis do rosto, pés pequeninos, quadril estreito mas os olhos grandes, negros, vivos e maliciosos (AZEVEDO, 2010, p.25).</p> <p>o namoro da Zulmira era com um rapazola magro, de lunetas, bigode louro, bem vestido, que lhe rondava a casa à noite e às vezes de madrugada. Parecia estudante! (AZEVEDO, 2010, p.67).</p> <p>Zulmira riu-se, mas disfarçou logo a sua hilaridade pondo-se a conversar com a mãe em voz baixa. Agora, refeita nos seus dezessete anos, não parecia tão anêmica e deslavada; vieram-lhe os seios e engrassara-lhe o quadril. Estava melhor assim (AZEVEDO, 2010, p.138).</p> <p>É que nessa noite o Miranda lhe falara abertamente sobre o que ouvira de Botelho, e estava tudo decidido: Zulmira aceitava-o (João Romão) para marido e Dona Estela ia marcar o dia do casamento (AZEVEDO, 2010, p.191).</p>
Henrique	<p>Henrique era bonitinho, cheio de acanhamentos, com umas delicadezas de menina. Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e tão pouco extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência. De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa senão em companhia da família, deste. Dona Estela, no cabo de pouco tempo, mostrou por ele estima quase (AZEVEDO, 2010, p.25).</p>
Isaura	<p>A criadagem da família, do Miranda compunha-se de Isaura, mulata ainda moça, moleirona e tola, que gastava todo o vintenzinho que pilhava em comprar capilé na venda de João Romão (AZEVEDO, 2010, p.26).</p>
Agostinho	<p>Agostinho, encostado ao lampião do meio do cortiço, cantava em altos berros uma coisa que lhe parecia responder à música bárbara que entoavam lá fora os inimigos; a mãe dera-lhe licença, a pedido dele, para pôr um cinto de Nenen, em que o pequeno enfiou a faca da cozinha (AZEVEDO, 2010, p.166).</p>
Florinda	<p>Marciana andava já desconfiada com a pequena, porque o fluxo mensal desta se desregrara havia três meses, quando, nesse dia, não tendo as duas acabado ainda o almoço, Florinda se levantou da mesa e foi de carreira para o quarto. A velha seguiu-a. A rapariga fora vomitar ao bacio (AZEVEDO, 2010, p.88).</p>

Marianita	defronte do candeeiro de querosene, conversavam sobre a sua vida e sobre a sua Marianita, a filhinha que estava no colégio e que só os visitava aos domingos e dias santos (AZEVEDO, 2010, p.52).
Pombinha	<p>Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente.</p> <p>Tinha o seu noivo, o João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro, e que a adorava e conhecia desde pequenita; mas Dona Isabel não queria que o casamento se fizesse já. É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda pago à natureza o cruento tributo da puberdade, apesar do zelo da velha e dos sacrifícios que esta fazia para cumprir à risca as prescrições do médico e não faltar à filha o menor desvelo (AZEVEDO, 2010, p.35).</p> <p>Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para os que quisessem ouvir (AZEVEDO, 2010, p. 36).</p> <p>Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente (AZEVEDO, 2010, p. 124).</p> <p>Pombinha desapareceu da casa da mãe. Dona Isabel quase morre de desgosto. Para onde teria ido a filha?... "Onde está? onde não está? Procura daqui! Procura daí!" Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie (AZEVEDO, 2010, p. 203).</p>
Tabela 1: Personagens adolescentes em O Cortiço	

Uma sugestão de atividade para o acompanhamento do processo de leitura, para que o professor analise as interpretações dos estudantes, é atribuir-lhes tarefas de criação textual com base nos gêneros literários estudados.

Exemplo disso é realizar um sorteio em sala de aula com os nomes das personagens da obra *O Cortiço* e solicitar aos estudantes que produzam textos no formato da obra *O Auto-Retrato*, de Mario Quintana, (2008). Para isso, o professor poderá distribuir cópias do poema para que o apreciem e para que sirva de apoio para as suas produções.

#### *O Autorretrato*

No retrato que me faço  
 - traço a traço -  
 às vezes me pinto nuvem,  
 às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas  
 de que nem há mais lembrança...

ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco  
- pouco a pouco -  
minha eterna semelhança,

no final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Terminado por um louco!

Mário Quintana (1999)

Como a produção textual do estudante poderá indicar seu progresso na leitura, o professor identificará o nível de interpretação e quais são os dados apresentados em seus textos que tenham relação com a obra *O Cortiço*.

Caso a tarefa proposta não disponibilize ao professor um conteúdo relacionado à obra, o profissional da educação poderá atribuir atividades em outros formatos e gêneros com base no romance de Azevedo.

### **3.7 Quarta etapa: A sequência expandida**

Sendo a obra literária um instrumento de reflexão e um caminho para a humanização, como nos aponta Antonio Candido em *O Direito à literatura* (1995), o uso de estratégias que encaminhem o estudante ao mundo da escrita poderá ter importante papel em sua capacitação para o entendimento do mundo em que vive, podendo encontrar na literatura um caminho de busca por respostas para os seus variados questionamentos e situações enfrentadas no cotidiano.

Portanto, após o prazo definido para a leitura da obra, é momento do professor, junto dos estudantes, organizar um círculo para que cada equipe apresente os resultados das investigações empreendidas, para que apresentem aos demais estudantes o que descobriram a partir de sua leitura quanto à personagem pesquisada. Nesse momento o professor poderá incentivá-los a apresentarem os aspectos gerais da obra, permitindo que demonstrem à sala o entendimento a partir da leitura.

Constatando que os estudantes tenham cumprido as atividades de leitura

propostas pelo professor, é o momento de aprofundar os temas existentes na íntegra de *O Cortiço*, habilitando-os para identificarem na obra as relações que a mesma tem com outros textos de circulação social.

Para essa nova atividade, o professor poderá se apoiar no sistema de contextualizações possíveis, de Rildo Cosson (2007), quanto aos diferentes contextos em que uma obra é criada e aos quais ela retrata, enriquecendo o repertório de conhecimentos e discussões a que os estudantes podem ter acesso, ao passo que aprofundam seu conhecimento em literatura.

Uma proposta do autor para esta fase é a definição de “intervalos”, nos quais os estudantes poderão ter contato com materiais diversos que estejam de alguma forma ligados ao contexto da obra principal.

Como a obra de Aluísio descreve os tipos sociais, as relações e o espaço da época em que foi escrita, uma abordagem que talvez interesse aos estudantes por se tratar de conteúdo amplamente conhecido por serem transmitidos em um canal aberto da televisão brasileira é propor uma relação entre as personagens do livro e as do seriado *Chaves*.

Essa série de televisão, dublada do original mexicano *El Chavo del Ocho*<sup>2</sup>, de Roberto Gomes Bolaños, é uma sugestão de ligação entre as personagens adolescentes, a exemplo do episódio “La venta de churros”, transmitida no Brasil com o título “A Sociedade”, disponível no sítio eletrônico de compartilhamento de vídeos Youtube, por haver relação temática com os textos estudados.

Após assistirem ao episódio, o professor poderá solicitar um texto aos alunos contendo as características das personagens e suas proximidades com as características das personagens azevedianas.

Com base na análise que os estudantes fizerem dos episódios, o professor também poderá acompanhar a interpretação que os estudantes fazem da obra de Azevedo, habilitando os estudantes a refletirem sobre a organização social em que

---

<sup>2</sup> O uso do seriado *Chaves* para trazer aos estudantes as discussões sobre moradia e das relações sociais se pauta pela abordagem humorística das cenas e em seus efeitos catárticos, os quais Ariano Suassuna, em sua aula-espetáculo, apresentada em um evento em defesa da cultura brasileira e da identidade nacional na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, em Brasília, transmitida pela Tv Senado, parafrazeando diferentes filósofos sobre a definição do cômico, aponta para as proposições de Aristóteles: “uma desarmonia de pequenas proporções sem consequências dolorosas”; também encontra nas palavras de Kant: “uma súbita redução de uma densa expectativa a nada”; e em Freud: “o cômico é a revelação do obscuro por baixo de palavras de aparência inocente”. (SUASSUNA, 2013). Dessa forma, pensa-se a possibilidade de uso desse conteúdo uma vez que o cômico tem papel importante na internalização de conceitos e reflexões críticas acerca dos temas que são nas obras.

vivem, assim como comparar os diferentes momentos históricos em diferentes países e culturas.

Essa base se faz importante para que o professor utilize cenas do seriado de modo a explorar, além de seu conteúdo humorístico, as críticas em formato de ironias que fazem referência aos tipos sociais e ao espaço no qual as personagens vivem, servindo de apoio à sequência expandida nos momentos dos denominados “intervalos”.

Além do vídeo como material de apoio temático, outra obra que aborda a adolescência e a vida em moradias coletivas, assim como a temática de pais que estão afastados dos filhos e que voltam a se aproximar é *Dez dias de cortiço*, (2008) de Ivan Jaf, possibilitando ao leitor um instrumental maior quanto à compreensão dos dilemas que lhe afligem.

A narrativa de Ivan Jaf (2008), escrita com base na obra *O Cortiço*, pode ser utilizada para que os estudantes percebam o espaço e os seus dilemas através de uma obra organizada segundo a ótica de um adolescente.

Em um momento de intervalo e somando-se ao repertório dos leitores outra arte que trate sobre o espaço e a cultura de comunidades contemporâneas pode-se apresentar a canção que aborda uma linguagem de um determinado grupo em *Grajuex*, de Kleber Cavalcante Gomes – Criolo – possibilitando ao professor discutir com os estudantes o vocabulário oriundo de diferentes comunidades como uma variante da língua e sua relação com a cidade.

Grajuex – Criolo

[Refrão]

The Grajuex  
Duas laje é triplex  
No morro os moleques, o vapor... (clic clac)

É o Play 3 na golfera te sai, chanex  
É o ouro branco, o pó mágico e o poder de um Rolex  
Na favela, com fome, atrás dos Nike Air Max  
Os canela cinzenta que não tem nem cotonets  
Os MC das antiga é dinossauro T-Rex  
Pra fazer bobaginha cole ali com Jontex  
Pra zuar na rua com os cachorro é pex pex  
E as princesinha na nóia de um papel faz bo...

The Grajauex  
 Duas laje é triplex  
 No morro os moleques, o vapor (2x)

Os irmão que tão com fome desce três marmitex  
 Sabão de côco não é Pompom com Protex  
 No almoço o Sodex, meu advogado é o Alex  
 E se jogo do bicho é contravenção, Mega Sena é ilusão pra colar com durex  
 A resposta de chegar garante o seu retornex  
 \*The IporangulX a connect co ex\*  
 Atrás de um verdix pra mandar por sedex  
 Zona sul é o universo e os vagabundo é belezex  
 Aqui eu não to de tricotex  
 E eu também não tô com medo irmãozex  
 É, zona sul é o universo, filho, tá pagando de louco?

The Grajauex  
 Duas laje é triplex  
 No morro os moleques, o vapor (2x)

(Criolo doido)

The Grajauex  
 Duas laje é triplex  
 No morro os moleques, o vapor (2x)

(GOMES, 2011)

Após a leitura, interpretação e discussão dos textos elencados, o professor poderá realizar um aprofundamento teórico sobre a obra de Aluísio de modo que os estudantes compreendam as diferentes contextualizações em torno da obra, pautados nas palavras de Rildo Cosson (2007, p.27): “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

Trata-se, nesta fase, das contextualizações teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática, apontadas na obra de Cosson. Embora algumas dessas abordagens tenham sido iniciadas durante o desenvolvimento da sequência básica, na sequência expandida o professor poderá aprofundar as teorias de maneira a enriquecer as discussões sobre a temática das obras.

### A) **Contextualização Teórica**

Para contextualizar teoricamente o trabalho, o professor poderá trazer à luz do conhecimento dos estudantes as diferentes correntes filosóficas que influenciaram o pensamento do final do século XIX e o autor, na criação da obra *O Cortiço*, como o Determinismo, sobre o qual o professor pode apresentar aos aprendizes as contribuições que Hippolyte Taine fornece sobre o comportamento do homem como escravo de suas características fisiológicas, do meio no qual vive e do momento histórico.

Com base nessas teorias e no excerto de Azevedo: “A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada” (AZEVEDO, 2005, p.204), o professor poderá propor aos estudantes reflexões sobre as relações entre elas para questionar se o ambiente no qual essas pessoas vivem teria influência em seu comportamento e na formação de suas vidas futuras.

Outra contribuição teórica vem do cientificismo positivista de Augusto Comte, a qual também pode ser apresentada aos estudantes de maneira que possam aprofundar o entendimento sobre a posição do autor em relação à descrição do espaço e das personagens. Tal teoria define que para entender o mundo, bastaria observá-lo, experimentá-lo e compará-lo, como em um procedimento científico, o que se torna observável no estilo de escrita da narrativa de Aluísio, como quando o autor descreve suas personagens, a exemplo de Botelho, revelando seu comportamento em sociedade:

Seus dias eram consumidos do seguinte modo: acordava às oito da manhã, lavava-se mesmo no quarto com uma toalha molhada em espírito de vinho; depois ia ler os jornais para a sala de jantar, à espera do almoço; almoçava e sala, tomava o bonde e ia direitinho para uma charutaria da Rua do Ouvidor, onde costumava ficar assentado até às horas do jantar (AZEVEDO, 2005, p.28).

A análise das relações políticas, sociais e de poder presentes na obra de Aluísio podem demonstrar, com base no socialismo surgido no século XIX, como reação às profundas desigualdades entre os grupos sociais. As manifestações populares, a luta de classes e as tentativas de negociação entre funcionário da

pedreira e o seu dono refletem a tentativa de democratização do poder dentro do cortiço: “mas agora tratava-se de defender a estalagem, a comuna, onde cada um tinha a zelar por alguém ou alguma coisa querida” (AZEVEDO, 2005, p. 113).

Quanto às descrições do espaço do cortiço como um organismo vivo, tendo a estrutura da obra base na teoria evolucionista em decorrência da publicação, em 1859, da obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, nota-se na composição azevediana a influência dessa corrente de pensamento que mudou o mundo ocidental. Na obra em estudo, a ampla utilização da figura da zoomorfização pelo autor apresenta sua referência aos homens como seres animalizados pela sociedade e o cortiço como um organismo:

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco” (AZEVEDO, 2005, p. 22).

## B) **Contextualização Histórica**

No que tange ao contexto histórico, o professor pode traçar um paralelo entre o momento em que a obra foi escrita e o que ocorria no país, possibilitando aos estudantes entenderem o romance também como uma alegoria do Brasil, encontrando na mesma os aspectos sociais, econômicos e culturais do período de transição entre um governo monárquico e outro democrático.

Também, se torna possível encontrar na obra as mudanças sociais ocorridas por conta de fatos como a abolição da escravatura, o êxodo rural, a crise agrária e a conseqüente aglomeração populacional urbana que precedeu o modelo industrial europeu e passou a implantar no país a cultura do consumo, criando demanda para o que viria a ser o mercado global.

A relação entre história e literatura também possibilita entender o processo de miscigenação pelo qual as personagens passam, dando origem à cultura brasileira, a formação das cidades, sua aglomeração, a geografia e as migrações: “o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro nôvo para a nação, propício ao fermento de idéias liberais,

abolicionistas e republicanas” (BOSI, 1965, p. 180).

Também é possível abordar os reflexos dessas mudanças nessa nova organização da sociedade que buscava a ressignificação cultural a partir da união de diferentes povos em um mesmo ambiente, homogeneizando culturas, crenças, valores e estilos de vida na tentativa de extinguir os contrastes entre negros recém-libertos, portugueses capitalistas e índios, povos integrantes da ex-colônia portuguesa que conviveriam juntos nas cidades enfrentando dilemas ainda não solucionados.

Além dos aspectos apresentados quanto ao processo de miscigenação cultural, uma vertente que ganha grande destaque é a língua portuguesa, já que esta também recebe influências das diferentes culturas que compõem o cortiço, sendo representada pela fala dos moradores desse espaço, como em suas gírias e expressões trazidas de seus países de origem.

### C) **Contextualização Estilística**

O professor também poderá apresentar aos leitores o uso que o autor faz das figuras de linguagem como estratégia estilística das descrições realistas para a composição de suas personagens: “A primeira que se pôs a lavar foi a Leandra, por alcunha a ‘Machona’ portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo”, ou na ocorrência da deificação mitológica do humano: “Jerônimo era alto, espadaúdo, construção de touro, pescoço de Hércules, punho de quebrar um coco com um murro: era a força tranquila, o pulso de chumbo”. (AZEVEDO, 2005, p.47 e 178) representando o português como um herói dos trabalhadores do cortiço.

Jerônimo, associado a Hércules, simboliza o “representante idealizado da força combativa: o símbolo da vitória (e da dificuldade da vitória) da alma humana sobre as suas fraquezas” (DIES, p. 216 apud CHEVALIER, 2015, p. 486), o mesmo Jerônimo que é apresentado por Azevedo por meio de uma oposição simbólica: com força de touro, mas tranquilidade de boi. Este, “um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de 'capacidade de trabalho e de sacrifício' ” (CHEVALIER, 2015, p. 137), características escolhidas para representar o mais forte dos trabalhadores da

pedreira de João Romão.

Essas personagens que, em sua maioria, representam os moradores do cortiço aparecem nas obras não somente nas descrições físicas e psicológicas feitas por Azevedo. Elas são marcadas pela linguagem simples, estratégia utilizada pelo autor para apresentar ao leitor os seus discursos, ideias e gírias.

Os grandes trechos descritivos, a abundância de adjetivação o colorido das frases e a proximidade do autor para a observação dos seres humanos que vivem no cortiço e a relação destes com as forças da natureza marcam na obra as características do Naturalismo.

Desse modo, o professor poderá apresentar diferentes excertos que apresentam essas características, como um que poderia ser considerado uma das mais detalhadas descrições, expressando bem tal particularidade dessa escola literária:

A moça fechou as pálpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas. Adormeceu.

Começou logo a sonhar que em redor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente.

E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios.

Mas, pouco a pouco, seus olhos, posto que bem abertos, nada mais enxergavam do que uma grande claridade palpitante, onde o sol, feito de uma só mancha reluzente, oscilava como um pêndulo fantástico.

Entretanto, notava que, em volta da sua nudez alourada pela luz, iam-se formando ondulantes camadas sangüíneas, que se agitavam, desprendendo aromas de flor. E, rodando o olhar, percebeu, cheia de encantos, que se achava deitada entre pétalas gigantescas, no regaço de uma rosa interminável, em que seu corpo se atufava como em ninho de veludo carmesim, bordado de ouro, fofo, macio, trescalante e morno.

E suspirando, espreguiçou-se toda num enleio de volúpia ascética.

Lá do alto o sol a fitava obstinadamente, enamorado das suas mimosas formas de menina.

Ela sorriu para ele, requebrando os olhos, e então o feroso astro tremeu e agitou-se, e, desdobrando-se, abriu-se de par em par em duas asas e principiou a fremir, atraído e perplexo. Mas de repente, nem que se de improviso lhe inflammassem os desejos, precipitou-se lá de cima agitando as asas, e veio, enorme borboleta de fogo, adejar luxuosamente em torno da imensa rosa, em cujo regaço a virgem permanecia com os peitos franqueados.

E a donzela, sempre que a borboleta se aproximava da rosa, sentia-se penetrar de um calor estranho, que lhe acendia, gota a gota, todo o seu sangue de moça.

E a borboleta, sem parar nunca, doidejava em todas as direções ora fugindo rápida, ora se chegando lentamente, medrosa de tocar com as suas antenas de brasa a pele delicada e pura da menina.

Esta, delirante de desejos, ardia por ser alcançada e empinava o colo. Mas a borboleta fugia.

Uma sofreguidão lúbrica, desensofrida, apoderou-se da moça; queria a todo custo que a borboleta pousasse nela, ao menos um instante, um só instante, e a fechasse num rápido abraço dentro das suas asas ardentes. Mas a borboleta, sempre doida, não conseguia deter-se; mal se adiantava, fugia logo, irrequieta, desvairada de volúpia.

— Vem! Vem! suplicava a donzela, apresentando o corpo. Pousa um instante em mim! Queima-me a carne no calor das tuas asas!

E a rosa, que tinha ao colo, é que parecia falar e não ela. De cada vez que a borboleta se avizinhava com as suas negaças, a flor arregaçava-se toda, dilatando as pétalas, abrindo o seu pistilo vermelho e ávido daquele contato com a luz.

— Não fujas! Não fujas! Pousa um instante! A borboleta não pousou; mas, num delírio, convulsa de amor, sacudiu as asas com mais ímpeto e uma nuvem de poeira dourada desprende-se sobre a rosa, fazendo a donzela soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquele eflúvio luminoso e fecundante.

Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente.

A natureza sorriu-se comovida. Um sino, ao longe, batia alegre as doze badaladas do meio-dia. O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo (AZEVEDO, 2005, p. 123-125).

A já mencionada expressão “flor do cortiço” (AZEVEDO, 2010, p. 35) consta na obra sem a conjunção comparativa, o que leva o leitor a entender que se trata de uma metáfora utilizada pelo autor, ligando a personagem Pombinha a outros elementos de significado, como quando é associada às borboletas que, “tal como elas, as flores representam muitas vezes as almas dos mortos” (CHEVALIER, 2015, p. 438).

Essa relação metafórica estaria alicerçada na constatação de que Pombinha, por saber ler e escrever, conhecia os pensamentos mais secretos dos moradores, o que lhe possibilitou atingir “uma lucidez que a deliciava e surpreendia” e perceber que um “mundo inteiro se despia à sua vista” (AZEVEDO, 2010, p. 129), o que a aproxima de Perséfone, futura rainha dos infernos, da tradição mitológica grega, já que Azevedo utiliza o vocábulo “inferno” onze vezes para se referir à estalagem.

Segundo a mitologia, Perséfone estaria condenada a passar uma terça parte de sua vida no inferno se rompesse o jejum obrigatório, o que ocorre, já que seu companheiro, Hades, a obriga a comer uma semente de romã (símbolo da fecundidade e ligada ao pecado na Grécia antiga). Assim, “ela simboliza antes a

parábola: 'se o grão morrer, não dá colheita' ” (CHEVALIER, 2015, p. 713).

Outra representação metafórica criada por Azevedo (2010, p. 32) na obra é a comparação entre os moradores do cortiço e os insetos: “Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras”. Segundo Chevalier (2015, p. 447), a formiga é “um símbolo de atividade industriosa, de vida organizada em sociedade”, o que estabelece uma relação entre a formiga enquanto símbolo e os moradores da capital do país enquanto local de concentração de pessoas em um momento de industrialização do Brasil.

Na representação que Aluísio faz da briga entre dois cortiços, o “Cabeça-de-gato” e o “Carapicus”, há que se notar a relação de oposição estabelecida entre dois animais: gato e peixe, caça e caçador, animal e seu alimento. Além disso, há no gato o simbolismo dualista, já que ele pode ser terno e dissimulado, o que fica evidenciado no momento da representação da luta entre os moradores dos dois cortiços que acaba em união de ambas as partes para apagar o incêndio que consome parte da estalagem.

Nesse ponto da narrativa, em que o fogo toma forma humana, “depois de insinuar a língua o fogo mostrou a boca e escancarou afinal a goela devoradora”, Azevedo (2010, p. 170) utiliza uma prosopopeia que, somada à personagem ação praticada por João Romão, o dono do cortiço, proporciona ao leitor uma relação entre Romão e o deus Moloc, especialmente no momento em que ele subtrai violentamente o dinheiro pertencente a um dos moradores, enquanto esse morre no incêndio.

Com base em Chevalier (2015, p. 614) pode-se estabelecer tal relação, uma vez que, como aponta o autor sobre o referido deus, “deve-se ver em Moloc a velha imagem do tirano, ciumento, vingativo, sem pena, que exige de seus súditos obediência até a morte e confisca todos os seus bens [...] Nos tempos modernos, Moloc tornou-se o símbolo do Estado tirânico e devorador”.

Outro aspecto de importante observação é o uso de polissíndetos feito por Azevedo para marcar o esforço laboral com que as ações dos trabalhadores do cortiço reforçam a noção de repetição, angústia e mecanização do trabalho: “E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe” (AZEVEDO, 2010, p. 45).

#### D) **Contextualização Poética**

Como alegoria do Brasil em um momento histórico de transição entre Monarquia e República, apresentando as origens da formação nacional e dos problemas sociais que até hoje seguem sem solução, ao menos na maioria dos problemas do país, o professor pode instrumentalizar os leitores na identificação das mazelas humanas presentes na sociedade do final do século XIX.

Exemplo é a representação de uma paixão desmedida transformadora da realidade de algumas personagens, como Jerônimo, a avareza voraz do português que vem ao país para enriquecer a qualquer custo – principalmente explorando outras pessoas.

Além dessas, também se pode analisar as convenções sociais baseadas em interesses econômicos que colocam o humano em um patamar questionável por suas atitudes, o autor apresenta a existência dos pecados capitais nos quais o sistema econômico se estrutura, independente do grupo ao qual a personagem pertença.

A luxúria de João Romão contra a personagem adolescente Florinda, a qual é assediada pelo dono da venda, que cobiça a moça e lhe oferece alimentos de sua mercearia propondo trocas em favor de sua lascívia, explorando a situação de miséria econômica do outro, em detrimento humano: “a desejava apanhar em troca de pequenas concessões na medida e no peso das compras que Florinda fazia diariamente à venda” (AZEVEDO, 2005, p.35).

Referenciando os primeiros portugueses que chegaram ao Brasil, ao mesmo tempo em que traça uma intertextualidade literária, Azevedo aponta para a personagem que “declamava em voz alta os versos de ‘Os Lusíadas’ ” (AZEVEDO, 2005, p.53), em referência aos imigrantes portugueses moradores do cortiço carioca do final do século XIX.

Dos conflitos existentes entre os diferentes cortiços da então capital nacional, Azevedo reserva para eles nomes que os coloca em uma dualidade simbólica criando um antagonismo poético entre os “Cabeças-de-gato” e “Carapicus”, este com o nome de um peixe, estabelecendo uma analogia entre um felino, no caso do primeiro cortiço, e o seu alimento predileto, na definição do segundo.

Aliás, a dualidade está presente na obra toda, já que inúmeras ocorrências são pautadas por antagonismos, como no caso das músicas brasileiras e

portuguesas, a culinária de ambos os países, o café do Brasil em oposição ao chá e a aguardente que contrasta com o vinho português.

A referência à mitologia clássica é outro aspecto encontrado na composição de Azevedo, como na representação da brasileira Rita Baiana como sendo a Medusa, que seduz o português Jerônimo com seus cabelos “crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração” (AZEVEDO, 2005, p. 71) atingindo-o com seu feitiço.

A exemplo da personagem mitológica que, quando olhada, transforma seu observador em pedra – “Jerônimo ficou sozinho no meio da estalagem” (AZEVEDO, 2005, p. 71), simbolizando “a imagem deformada do eu... que petrifica de horror ao invés de esclarecer na medida justa” (DIES, 93-97 apud CHEVALIER, 2015, p. 476).

Pombinha, personagem de Azevedo que passa a conhecer e refletir sobre os motivos que levam os homens a agirem como agem no cortiço, assim como o faz em relação às mazelas humanas, a aproxima da moça tecelã que costura seu destino “deixando que seu pensamento vadiasse à solta, enquanto os dedos iam maquinalmente pregando as rendas naquela almofada, em que a sua cabeça teria de repousar para receber o primeiro beijo genial” (AZEVEDO, 2005, p.130).

Estando entre o céu e o inferno, Azevedo coloca o cortiço em um patamar luxurioso

[...] ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-lhe o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e pelado colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno (AZEVEDO, 2005, p. 156).

tornando o cortiço em uma coisa meio organismo vivo, meio máquina, a qual possui engrenagens de uma “máquina terrível, que nunca parava, [que] ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá

para dentro” (AZEVEDO, 2005, p. 186).

#### E) **Contextualização crítica**

As perspectivas que se construíram sobre o período de transição entre Romantismo e Realismo-Naturalismo e a importância do estudo sobre essa fase da produção literária são evidenciadas pelas palavras de Afrânio Coutinho (1969, p. 29): “Desta sorte, é no período que vai do Romantismo ao Realismo que se deve focalizar o estudo compreensivo da literatura brasileira, para interpretar sua natureza e qualidades”, possibilitando aos professores e estudantes um entendimento mais aprofundado, o que pode ser encontrado com maior abrangência no segundo capítulo deste trabalho.

Ao ser lançado, em 1890, *O Cortiço* trouxe aos leitores uma obra sintonizada com o prestígio que o Naturalismo possuía na Europa, denunciando as mazelas sociais existentes na então capital do Brasil, Rio de Janeiro.

Compondo uma obra que se afastava da visão romântica da literatura que circulava até aquele momento, Aluísio Azevedo registrou em suas linhas não apenas o cotidiano de um povo que se amalgamava cultural e socialmente, como também teceu críticas ao modelo de sociedade que se organizava nos grandes centros, descontrolado e sem a atenção merecida dos governantes para com o povo.

Para retratar a vida dos trabalhadores, Azevedo carrega no poder das palavras o que o fazia com as tintas, sua outra habilidade, sendo um dos primeiros escritores a viver profissionalmente de sua produção.

Como aponta Angela Maria Rubel Fanini (2003, p. 231) “Essa profissionalização de Aluísio Azevedo o coloca como um trabalhador e produtor de bens simbólicos para o mercado cultural”.

#### F) **Contextualização Presentificadora**

Na contextualização presentificadora, poderão ser abordados aspectos que, de certa maneira, já vêm sendo tratados nas análises das obras apreciadas em

todas as fases da sequência didática, pois apresentam a realidade de diferentes comunidades que continuam com os mesmos problemas sociais que surgiram no período de transição entre Monarquia e República.

Aspectos como o crescimento desordenado dos grandes centros urbanos e o impacto disso na oferta de moradias para todas as famílias possibilitam que os estudantes estabeleçam aproximações entre a obra literária e a situação que muitas cidades ainda enfrentam na contemporaneidade, sendo possível retomar a ideia da organização social e urbana presentes no jogo eletrônico, de modo que o professor possa trabalhar simbolicamente a noção de organização espacial na composição da cidade.

Outras ferramentas que estão disponíveis no jogo eletrônico são as mensagens apresentadas na tela do aparelho eletrônico em que o estudante esteja jogando, as quais tratam de temáticas como o saneamento básico necessário para o funcionamento harmônico de uma cidade, oportunizando ao professor a proposição de debates entre os estudantes sobre essa questão.

Os conflitos sociais existentes entre empregados e patrões ou entre diferentes grupos pertencentes à cidade quando da falta de condições básicas de moradia, trabalho e distribuição de renda também são apresentados no jogo eletrônico de maneira a se levantar reflexões em torno das possíveis soluções para esses dilemas.

O professor que seguir a sugestão de trabalho com a temática da representação das personagens adolescentes existentes na obra torna-se possível aproximar as temáticas do cotidiano dos leitores e os dilemas enfrentados pelas personagens da narrativa de Azevedo, como forma de que os leitores apresentem suas opiniões sobre a condição do adolescente em uma sociedade em constante transformação e sobre suas perspectivas enquanto agente transformador desse meio em que vive.

#### G) **Contextualização Temática**

Uma vez que o que se propõe nesta sequência é principalmente a representação da adolescência na obra, na contextualização temática é possível que

se aproveite a ideia da representação da vida dos estudantes em paralelo à das personagens adolescentes da obra para que os leitores possam apresentar em sua produção final uma proposta de final diferente para a vida de cada personagem adolescente existente na narrativa.

Nessa produção o professor poderá sugerir aos estudantes que partam do que é narrado por Azevedo na obra e alterem o desfecho final para as personagens adolescentes, inserindo aspectos que julgarem importantes para que essas personagens alterem os rumos de seus destinos dados pelo autor a cada uma.

Uma vez que se trata de um trabalho desenvolvido sobre a leitura de elementos literários textuais e imagéticos, no caso da adaptação da obra para o ambiente virtual, o professor poderá permitir que os alunos façam uso de programas de computador para a criação gráfica.

No entanto, vale lembrar se faz importante para que o profissional da educação conheça sobre o entendimento de cada aluno sobre a interpretação da leitura. Desse modo, sugere-se que o trabalho de produção textual seja valorizado em todos os momentos do trabalho com a leitura literária.

Ainda, entre os objetivos do trabalho está o de possibilitar ao professor perceber quais são os pontos que afligem o leitor quando se trata do contexto em que os estudantes estão inseridos, podendo o profissional da educação instrumentalizá-los para que sejam propositores de novas e diferentes formas de organização social, cultural, política e arquitetônica de modo que eles reflitam sobre seu papel na sociedade, podendo ser este o de ação transformadora.

### **3.8 Quinta etapa: Avaliação (4 aulas)**

Com base na leitura e na discussão dos textos e com o apoio da proposta avaliativa de Rildo Cosson (2007), nesta fase do trabalho o docente poderá propor a composição de uma história que narre um final diferente para cada personagem que os grupos de estudantes se responsabilizaram pela investigação, nas quais poderão

estar contidas as bases dos problemas enfrentados pelas personagens e a proposta de cada grupo para a saída da situação enfrentada por elas.

Isso será construído coletivamente dentro dos grupos, de maneira que os leitores situem as personagens nos dias de hoje, assumindo o papel de narradores que definirão o que poderia acontecer a elas na sociedade contemporânea tal como está organizada hoje.

Caso o professor e os estudantes queiram fazer uso das TIC, podem desenvolver a criatividade e habilidades que possuem. Como sugestão, o professor poderá propor que essa narrativa final seja criada em diferentes formatos, como história em quadrinhos, a exemplo da existente no ambiente virtual, rádio novela, curta-metragem, entre outros e em diferentes suportes.

Caso optem pela criação de histórias em quadrinhos no suporte digital, pode-se fazer uso do *software* livre “HagáQuê” (2003) ou outro editor que o estudante conheça. Em seguida, esses conteúdos podem ser divulgados na rede mundial de computadores em um *blog* que o professor poderá criar como forma de estímulo à criação por vez que os estudantes perceberão que suas produções poderão ser divulgadas e conhecidas além dos muros das escolas.

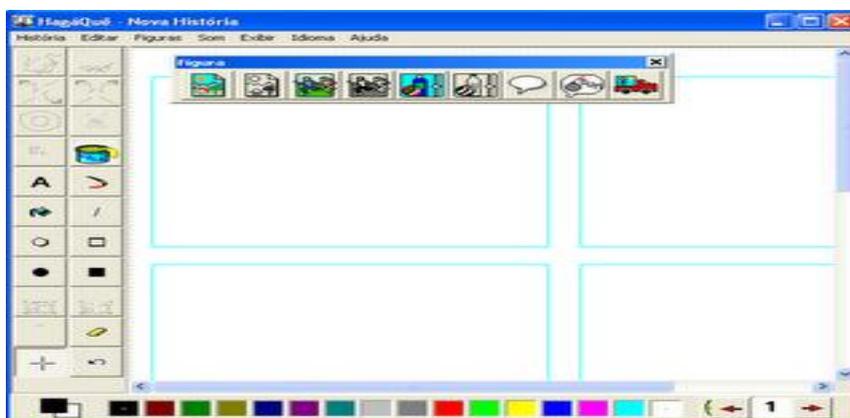


Figura 16: Software HagáQuê – criador de histórias em quadrinhos

Se a escolha para o desenvolvimento do material para avaliação for a criação de vídeos, os estudantes poderão utilizar o *software* livre para edição de “Kdenlive” após as filmagens, as quais podem ser feitas com câmeras filmadoras ou aparelhos celulares que possuam tal ferramenta.

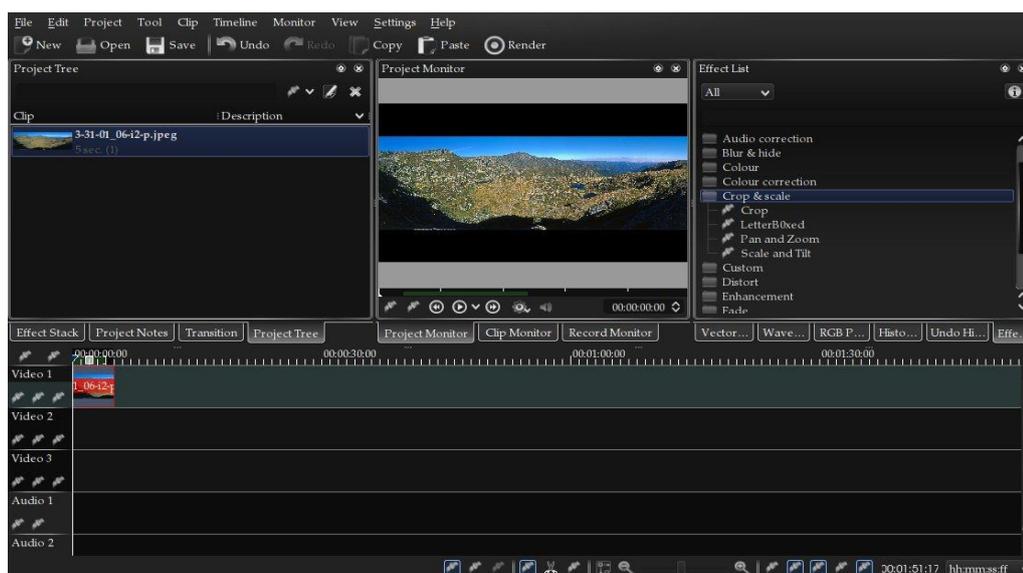


Figura 17: Software Kdenlive – editor de vídeos gratuito

Como afirmado anteriormente, os materiais e textos escolhidos para esta sequência didática servem apenas como modelo de proposta de trabalho, estando o professor livre para a definição dos textos que julgar adequado ao público que atender.

No entanto, se faz importante salientar que, embora muitas transformações venham ocorrendo na sociedade contemporânea, como a difusão tecnológica cada vez mais acelerada, será sempre importante pensar o texto literário e seu papel humanizador como cerne dos estudos nos ambientes escolares pelo seu potencial transformador da sociedade, almejando alcançar um país igualitário.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a luz fraca de uma lâmpada incandescente de um poste de iluminação pública, em uma noite de vento brando, porém gelado, um menino esfregava os pés descalços um contra o outro enquanto tinha os olhos bem perto das páginas para conseguir ler aleatoriamente o que lhe interessava nas páginas rotas de um livro velho emprestado da biblioteca da escola onde estudava.

Se não fosse pela pergunta de um dos vizinhos sobre o que estava lendo não lembraria qual é o título da obra, sugerida por uma professora que também morava perto de sua casa, em um bairro de ex-funcionários de uma estrada de ferro, lavradores, pedreiros, empregadas domésticas, marceneiros e mecânicos, no início de uma rua que fora construída próxima à estação de trem na época áurea do café, mas que se encontrava abandonada pela empresa e pelo poder público.

Nas páginas do livro, mesmo que olhasse entre as linhas, não conseguia compreender as tais “entrelinhas” que a professora insistia em repetir em sala de aula, deixando-se envolver pela narrativa que lhe possibilitava imaginar as cenas envolventes criadas pelo autor. Contudo, o menino não concluiu a leitura da obra naquela época porque não tinha um dicionário em sua casa no qual pudesse consultar algumas palavras que não conhecia.

Tivesse o feito teria percebido desde muito cedo a atemporalidade do livro que representa até hoje a organização social nos grandes centros urbanos, e que refletia também o formato de seu bairro. Porém, proporcional ao tamanho da cidade de um interior canavieiro.

O *Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), mesmo que seja lido hoje, em uma sociedade altamente desenvolvida tecnologicamente, consegue manter essa característica atemporal desde sua publicação. Inclusive, por ser atemporal é que o campo tecnológico se apropria de sua narrativa para desenvolver conteúdos para ambientes virtuais, levando-a para a rede mundial de computadores.

Essa transposição de um clássico da literatura brasileira para o ambiente virtual possibilita que estudantes tenham acesso à parte da narrativa adaptada para o gênero história em quadrinhos e para jogos eletrônicos, oportunizando, ao mesmo tempo, que professores desenvolvam atividades que despertem o interesse dos

futuros leitores pela temática dos livros que têm sido adaptados.

Com base nesses pressupostos a proposta de uma sequência didática que abordasse a temática da representação da adolescência em uma das obras transpostas visa contribuir para que os profissionais da educação ofereçam aos estudantes a oportunidade de se aproximarem dos clássicos literários almejando a fruição estética.

Uma vez que a sala de aula é um espaço privilegiado de debates sobre todas as áreas do conhecimento e de manutenção e soma dos conhecimentos acumulados pela humanidade o professor tem a capacidade de proporcionar aos estudantes o contato com o que tem sido criado artisticamente nos diferentes períodos da história humana.

Com algumas adaptações, como é o caso da proposta de partir da transposição da obra literária almejando alcançá-la em seu formato integral, o profissional da educação pode partir das áreas de conhecimento dos estudantes, como é o caso da tecnologia, para apresentar-lhes conteúdos que possam contribuir para um melhor entendimento sobre o mundo no qual estão inseridos, possibilitando a construção de autonomia enquanto seres sociais.

Outra oportunidade que se acredita haver em atividades que partam do campo de conhecimento dos estudantes, como o caso do uso das tecnologias, é a possibilidade de criar a consciência de que as tecnologias são muitas, principalmente a escrita, pois esta tem possibilitado por milhares de anos que o homem se comunique entre seus pares e transmita conhecimentos e culturas.

Além disso, a ideia de se trabalhar com o apoio das novas tecnologias da informação e comunicação para que se alcance textos literários criados muito antes da existência dos aparelhos eletrônicos oportuniza à área educacional debater entre seus pares, assim como junto aos estudantes, a função que essas novas ferramentas vem assumindo na sociedade e quais são os seus limites de uso físico, ético, social, econômico, entre outros.

Dentro de sala de aula, em situações em que os professores deem diferentes funções a essas ferramentas, não as vendo como máquinas com fins em si, acredita-se que tal proposta possa assumir o papel de transformar estudantes passivos frente à tecnologia em agentes de transformação, uma vez que se almejam utilizar tais aparelhos apenas como suportes de textos literários e suas

transposições.

Entre vários fatores que contribuem para essa tentativa de aproximação entre estudantes e os textos literários clássicos estão as ponderações de Antonio Candido, como a que apresenta em *O Direito a literatura* (1988), quando trata da importância de haver garantia de acesso aos cidadãos às obras literárias, como sendo a literatura um bem incompressível, tais como o são a alimentação, o vestuário e a educação, devido a sua capacidade humanizadora.

Portanto, essa tentativa de somar duas áreas do conhecimento humano – a tecnológica e a literária – visam colaborar para o trabalho docente nas atividades de letramento literário e na cultura da leitura.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos D. **No meio do caminho**. Disponível em <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/drumm2.html>>. Acesso em 10 set. 2014.

AUDACITY. Editor de áudio. Versão 2.1.0. Disponível em <<http://web.audacityteam.org/>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 2ª ed. São Paulo: Escala, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Mequetrefe**, Rio de Janeiro, 03 mar, 1877. ed. 93, p.8. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709670&pasta=ano%20187&pesq>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELLONI, Maria L; BEVORT, Evelyne. Mídia-Educação: Conceitos, História e Perspectivas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

BOLAÑOS, Roberto G. **El Chavo del ocho**. Corren a don Ramón. México. 1977. (38 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lvvVnl5-vA>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. La venta de churros. 1978. (55 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yDW66BuhiUs>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1965.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 8/2012**, de 06 de março de 2012. Disponível em

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=10389&Itemid](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=10389&Itemid)>. Acesso em: 10 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacional**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2014

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional – Proinfo integrado. **Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TIC**. 2ª ed. Brasília, 2010. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=13156:proinfo-integrado](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=13156:proinfo-integrado)>. Acesso em: 15 mai. 2014

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Comissão de Normalização de Trabalhos Acadêmicos . **Normas para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: UTFPR, 2008. Disponível em <[http://www.utfpr.edu.br/dibib/normas-para-elaboracao-de-trabalhos-academicos/normas\\_trabalhos\\_utfpr.pdf](http://www.utfpr.edu.br/dibib/normas-para-elaboracao-de-trabalhos-academicos/normas_trabalhos_utfpr.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

\_\_\_\_\_. **De cortiço a cortiço**. Novos Estudos. Nº 30, pp.111-129. CEBRAP, julho de 1991.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_. O Direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p 169-191.

\_\_\_\_\_. **Presença da literatura brasileira: Do Romantismo ao Simbolismo**. São Paulo: Difel Difusão Editorial S.A., 1978.

CARVALHO, José M. de. **A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

\_\_\_\_\_. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRILLÓN, Sílvia. A necessidade da Literatura: O papel da biblioteca. **Revista Emília**, 2012. Disponível em <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=217>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução: Vera da Costa e Silva et al. 27ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo **Letramento literário – Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2ª ed. Vol. II, Rio de Janeiro: Record, 1969.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Três, 1984.

EBNER, André. **Tinha uma favela no meio do caminho**. 2009. Disponível em <<http://andreebnersilva.blogspot.com.br/2009/08/conto-tinha-uma-favela-no-meio-do.html>>. Acesso em: 15 out. 2013.

EDUBUNTU. Versão 13.10. Free Software Foundation. **Software livre e educação**. Disponível em <<http://www.gnu.org/education/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

FANINI, Angela M. R. Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. Disponível em <[http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/site\\_angela/Arquivos/Producao/TesedeDoutorado.pdf](http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/site_angela/Arquivos/Producao/TesedeDoutorado.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2015.

FINGER-KRATOCHVIL, Claudia. Letramento e Tecnologia: o aprendiz estratégico e crítico na era da informação *in* **Educação e Contemporaneidade**. NASCIMENTO, Antonio D.; HETKOWSKI, Tânia M. (organização). Salvador: EDUFBA, 2009. 400 p.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Álvaro A. Revolução digital e literatura: novas relações entre leitura, escrita e autoria. **Goethe-Institut Brasilien**. Novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/lp/kul/dub/lit/pt8457823.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

GENNARI, Adílson M. Globalização, neoliberalismo e abertura econômica no Brasil nos anos 90. **Grupo de Pesquisa em História Econômica e Social Contemporânea** – GPHEC. UNESP. Disponível em <<http://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/texto-5-globaliza%C3%A7%C3%A3o-e-neoliberalismo.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

GIL, Gilberto. Refavela. 1977. In: O melhor de Gilberto Gil: **2 é demais!** Brasil: WEA Music Brasil, 1996. 1 disco sonoro (74'18 min).

GOMES, Kleber C. Grajauex. In: **Nó na orelha**. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1 disco sonoro. (39'01 min).

HOLANDA, Sérgio B. **História geral da civilização brasileira**. 3ª ed. Tomo II, 2º vol. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

Instituto Pró-Livro. Retratos da leitura no Brasil. **Anais**. II Seminário Nacional. Brasília, 2012.

IZILGALLU. **Cortiços, Favelas**. s/d. Disponível em <<http://izil.blogspot.com.br/2008/07/cortios-favelas.html>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

JAF, Ivan. **Dez dias de cortiço**. São Paulo: Ática, 2008

JUNQUEIRO, Guerra. **Finis Patriae**. 2ª ed. Porto: Empreza Litteraria e Typographica, 1891.

KDENLIVE. Free and open source video editor for GNU/Linux, Mac OS X and FreeBSD. Disponível em <<https://kdenlive.org/>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

LEHER, Roberto. A universidade nas mãos do FMI. **A Nova Democracia**. Ano III, nº 19, julho de 2004. Disponível em <<http://www.anovademocracia.com.br/no-19/821-a-universidade-nas-maos-do-fmi>>. Acesso em: 07 set. 2013.

LIMA, Roberto S. Impressões de Aluísio: conhecimento prático de literatura. 47. ed. **Revista Literatura**. São Paulo: Escala, 2013. Disponível em <<http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/47/artigo290897-1.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2014

LONGMAN. **Dictionary of contemporary English**. 4th edition. England: Pearson Education Limited, 2003. 1950 p.

MARQUES, Luiza; VICENTE, Juliana. **Leva**. Preta Portê Filmes. Disponível em <<http://pretaportefilmes.com.br/leva/>>. Acesso em: 05 set. 2014.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro primeiro: O processo de produção do capital.. Tomo 2. capítulos XIII a XXV. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATTOS, Rômulo C. Aldeias do mal. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, 2007. Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/aldeias-do-mal>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

MENEZES, Raimundo de. **Aluísio Azevedo**: uma vida de romance. 2ª ed. São Paulo: Martins Corrêa, 1957.

MENON, Maurício C. Entre sombras e ruínas: O espaço gótico em “O Impenitente”, de Aluísio Azevedo. **Revista de Literatura, História e Memória**. Vol. 7, nº 10. Cascavel: Unioste, 2011. p. 145-158 Disponível em <[e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/download/5885/4732](http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/download/5885/4732)>. Acesso em: 10 out. 2014.

MURANO, Edgard. O texto na era digital: Para além do internetês, a internet está mudando a maneira como lemos e escrevemos. **Revista Língua Portuguesa**. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/64/artigo249031-1.asp>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

NETO, Antonio V. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Z. F. **Intertextualidades: teoria e prática**. Belo Horizonte: LA, 1995.

PINA, Fabiana. Acordo MEC-USAID: ações e reações (1966-1968). **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP- USP, São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.

QUINTANA, Mário. No meio do caminho. **Apontamentos de história sobrenatural**. São Paulo: Globo, 2002.

RANGEL, Eliane de F. M. Estratégias de leitura e gêneros textuais na formação do leitor crítico. **Anais do 16º Congresso de leitura do Brasil**. UNICAMP-Campinas. Disponível em <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss07\\_05.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss07_05.pdf)>. Acesso em 08 mai. 2015.

RIBEIRO, Paulo R. M. História da educação escolar no Brasil. Ribeirão Preto: **Revista Paidéia**, FFLCLRP USP 1993.

ROCHA, Heloísa V. (Coord.); BIM, Sílvia A.; TANAKA, Eduardo H. **HagáQuê**. UNICAMP, 2003. Disponível em <<http://www.nied.unicamp.br/?q=content/hag%C3%A1qu%C3%AA>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

RODRIGUES, Alberto T. **Sociologia da educação**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. Disponível em <<http://pedagogiaaopedaletra.com/sociedade-educacao-desencantamento-max-weber-2/>>. Acesso em: 01 out. 2014.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Mariano et al. 1. ed. São Paulo: Boitempo - Carta Maior, 2013.

SANTIAGO, Celso (Dir.) et al. **Livro e Game**. Disponível em <<http://livroegame.com.br/curso.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas-SP: Autores Associados,

2008.

SCHLÜNZEN JÚNIOR, Klaus. Uso da tecnologia envolve mudança de metodologias de ensino. **Revista Fórum**. Disponível em <[http://www.unesp.br/aci\\_ses/jornalunesp/acervo/269/forum-uso-da-tecnologia-envolve-mudancas](http://www.unesp.br/aci_ses/jornalunesp/acervo/269/forum-uso-da-tecnologia-envolve-mudancas)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

SIMÕES, João G. **Eça de Queirós**: trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

SUASSUNA, Ariano. **TV Senado Especiais**. Aula-espetáculo. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yR-aNEQduZw>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

UNESCO. **O Futuro da aprendizagem móvel**: implicações para planejadores e gestores de políticas. Brasília: Unesco, 2014

VIEIRA, Luiz A. L. **Favela de Paraisópolis**. 2002. 1 fotografia, colorida. Disponível em <<http://www.tucavieira.com.br/A-foto-da-favela-de-Paraisopolis>>. Acesso em: 10 set. 2014.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.